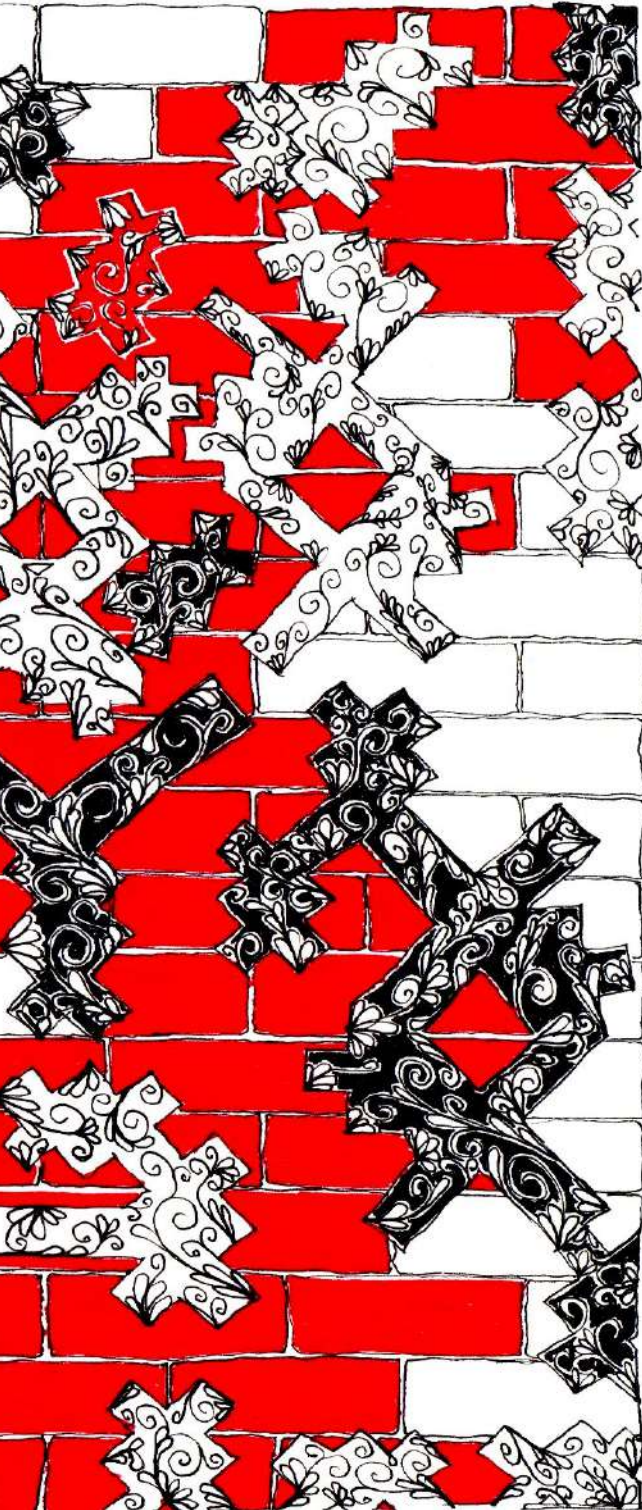
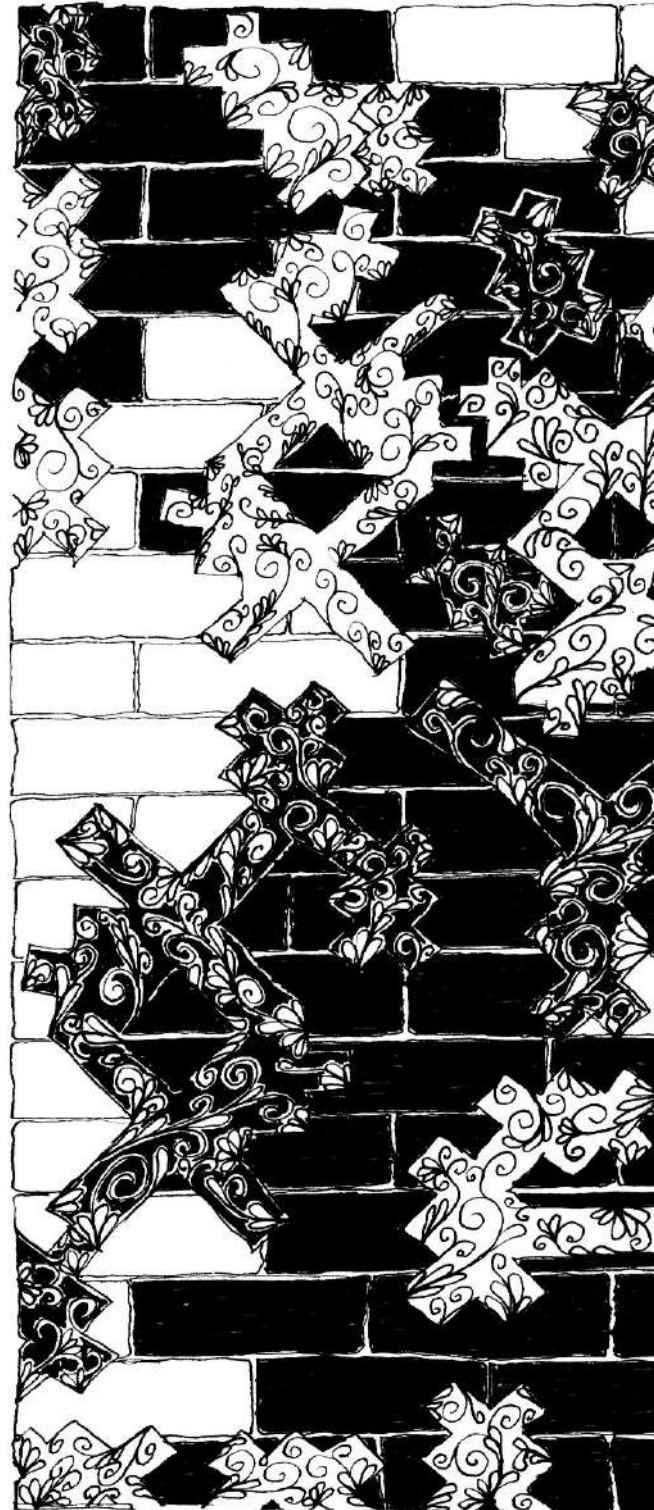
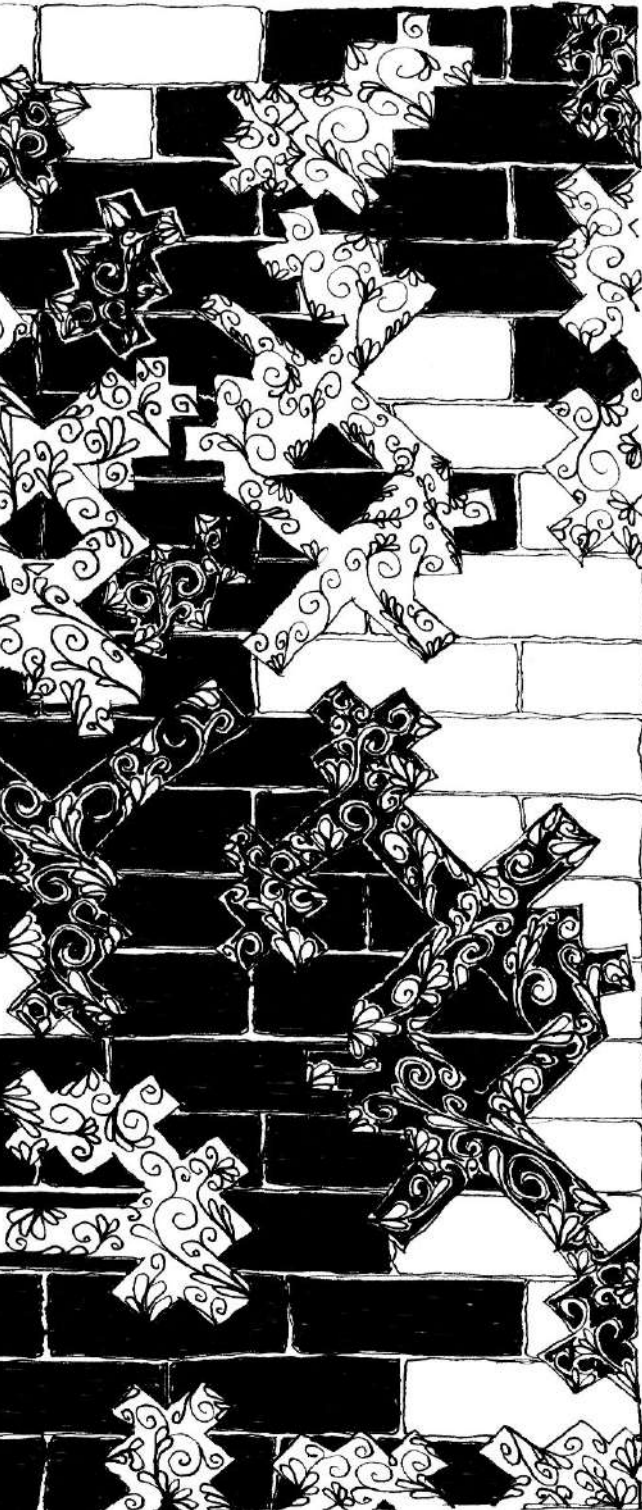




memórias imaginárias

Narrativas





memórias imaginárias

1891-2019

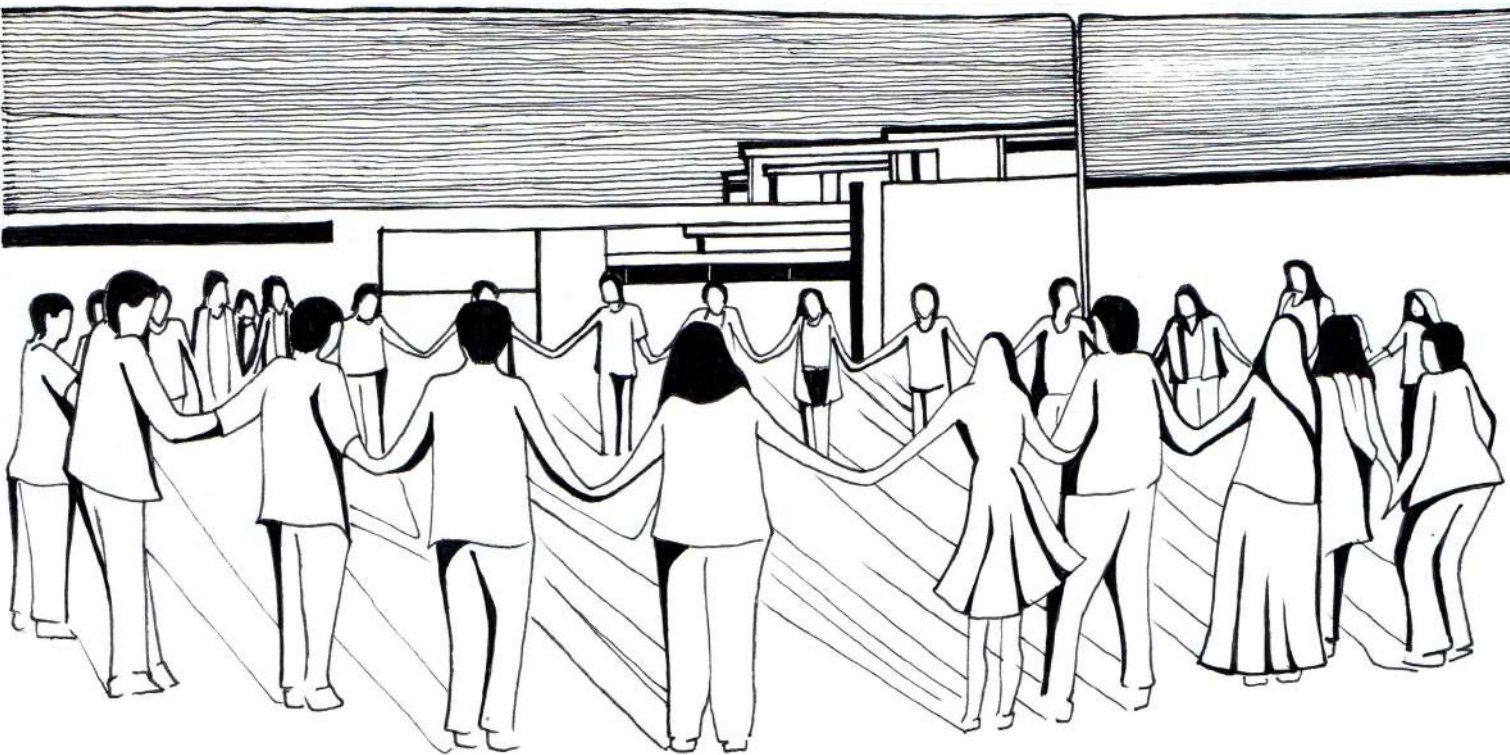
Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação

Ana Paula Patrone
Orientador: Prof. Dr. Luís Antônio Jorge

Dezembro de 2019
São Paulo

A minha mãe,
Lizete Messias Silva.

“memórias imaginárias” é um pequeno conjunto de ilustrações e curtas narrativas cotidianas sobre fatos que poderiam ter acontecido em torno de um edifício fabril no decorrer de seus 120 anos de existência. O edifício em questão e que o foi disparador criativo para este trabalho é o “Moinho Fratelli Maciotta” localizado em Ribeirão Pires, popularmente conhecido como “Fábrica de Sal” e recentemente tombado pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, no ano de 2018. O processo de coleta e cruzamento de informações históricas, memórias individuais e coletivas, imagens e percepções pessoais sobre o lugar, estabeleceu as referências para composição e organização das narrativas e ilustrações a seguir.



Ibrahim

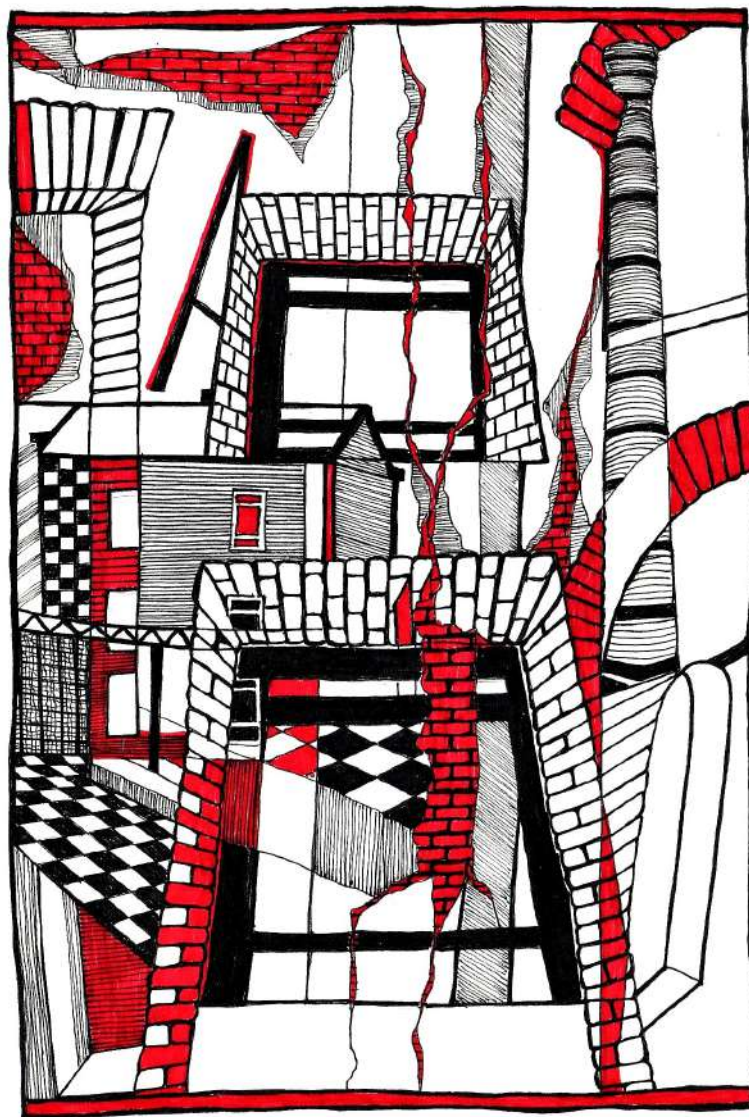
1995-2019

O observador sempre é pego olhando para cima, para as estruturas de metal e madeira, em contraste com as espessas paredes de tijolos.

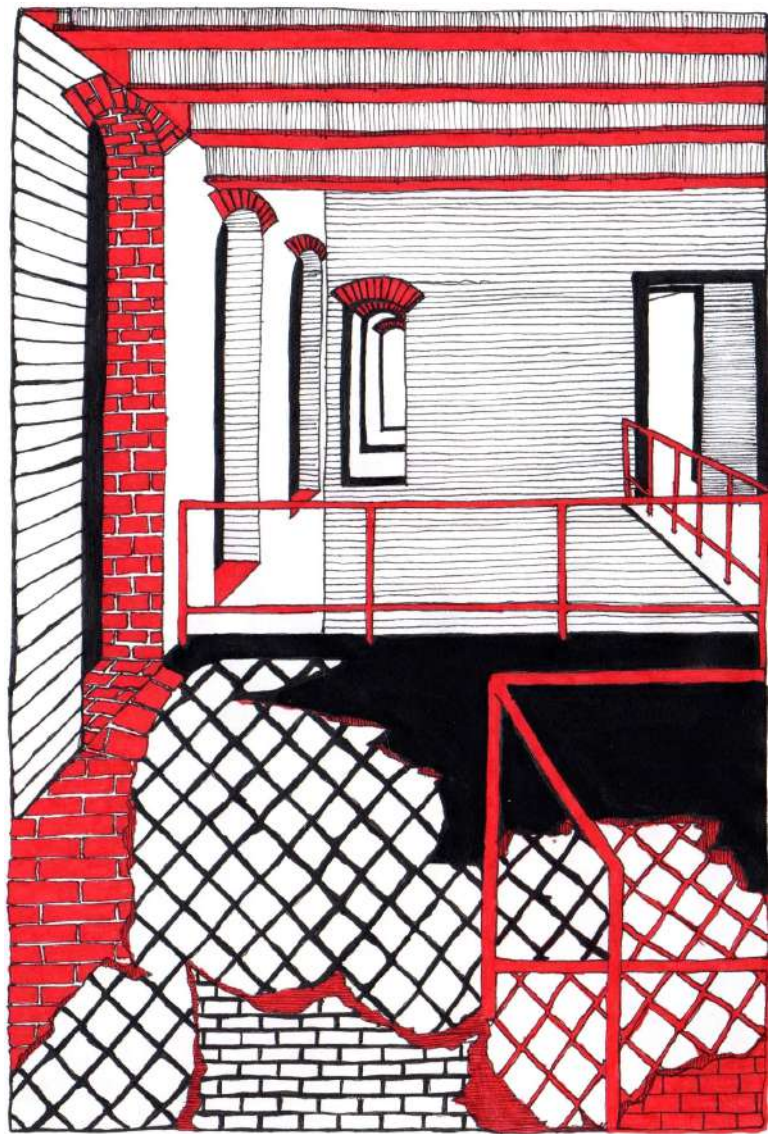
Parado ou caminhando lentamente, o olhar permanece preso às teias, as linhas de vermelho vivo, veias e ligamentos, conectando as superfícies de pele alaranjada com seus vários tons de verde. Tijolo e musgo, destinados a encontrar-se como o cobre e seu óxido. Como toda passagem de tempo: passado e presente de uns, presente e futuro de outros. A luz sempre pairando nas alturas, escondendo-se do sol com pequenos rasantes pelo interior.

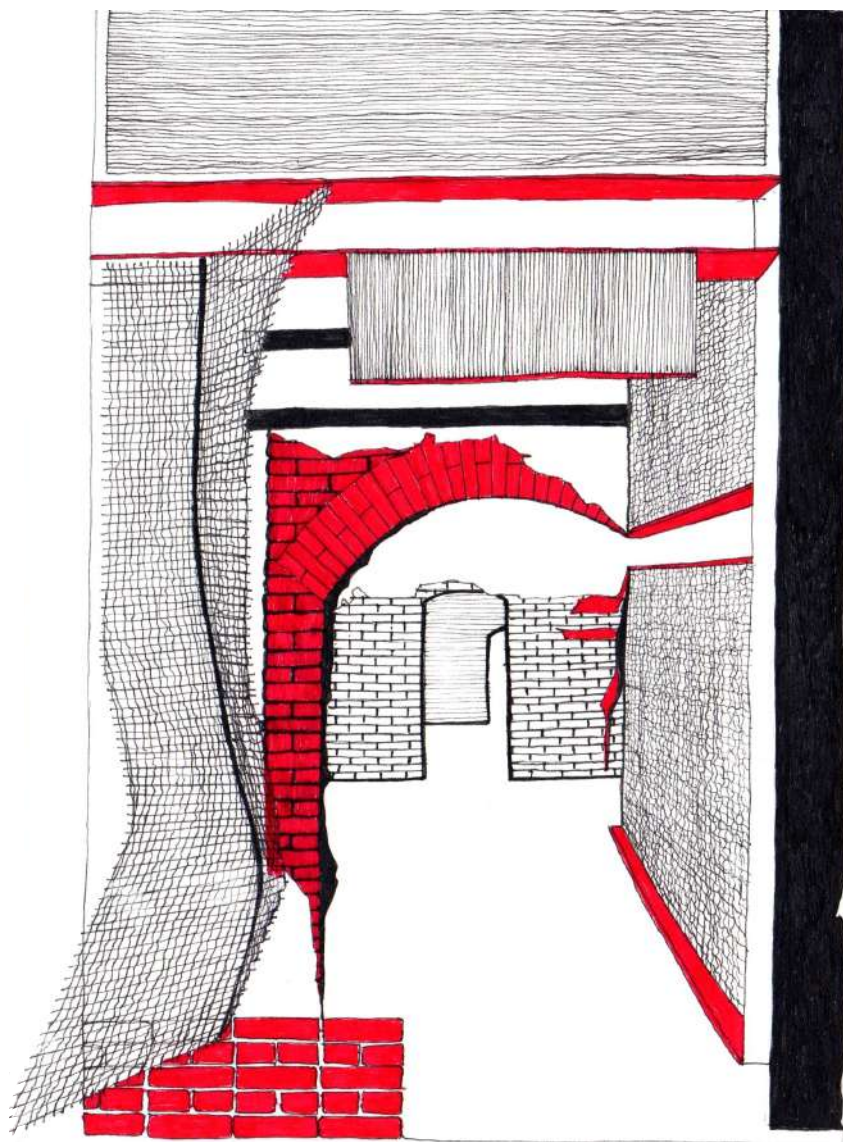
Luz e vento são criaturas que adentram, brincam e saem pelas aberturas. Ela sempre acima, com pouca força ou coragem de descer. Já ele cria seus meios, ligeiro pelo térreo, ericando a pele do visitante e no alto assoviando em resposta ao apito do trem.

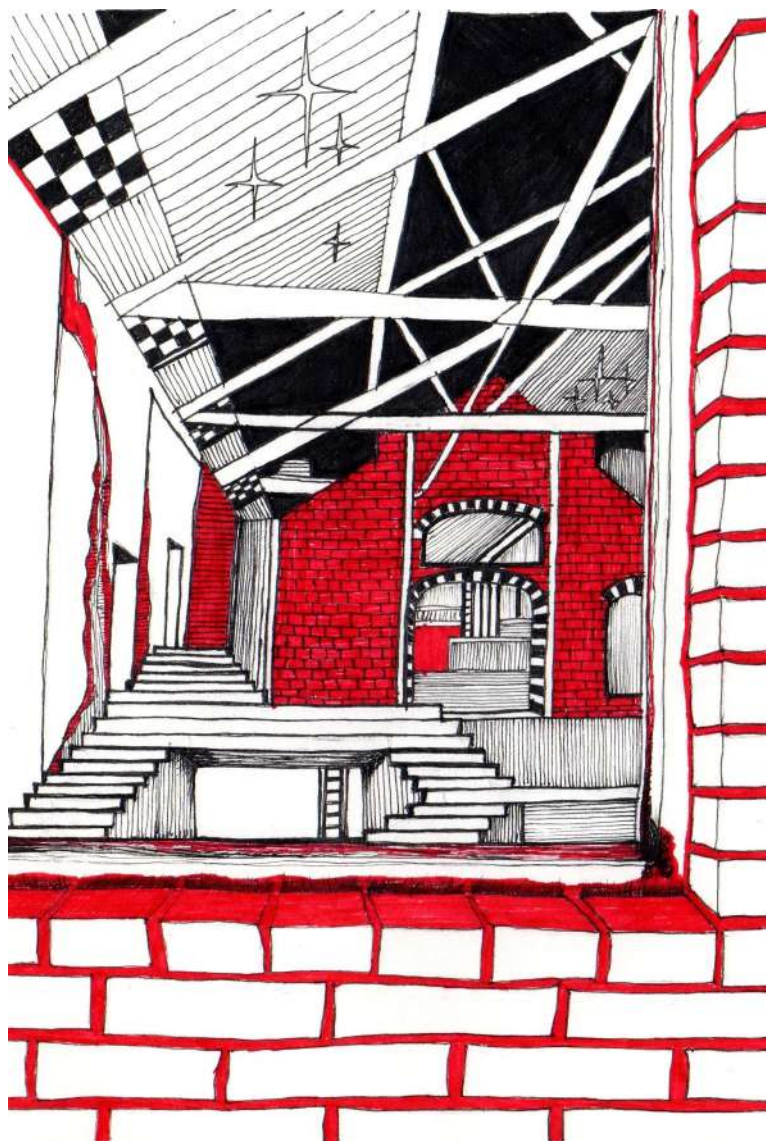
Em toda direção há sempre uma umidade, persistente e saturada, como se fosse chover antes dentro do que fora, mesmo nos dias de intenso calor. Ali dentro, debaixo de todo acontecimento, na meia luz e em movimento de descoberta, somos incapazes de não ser platéia.

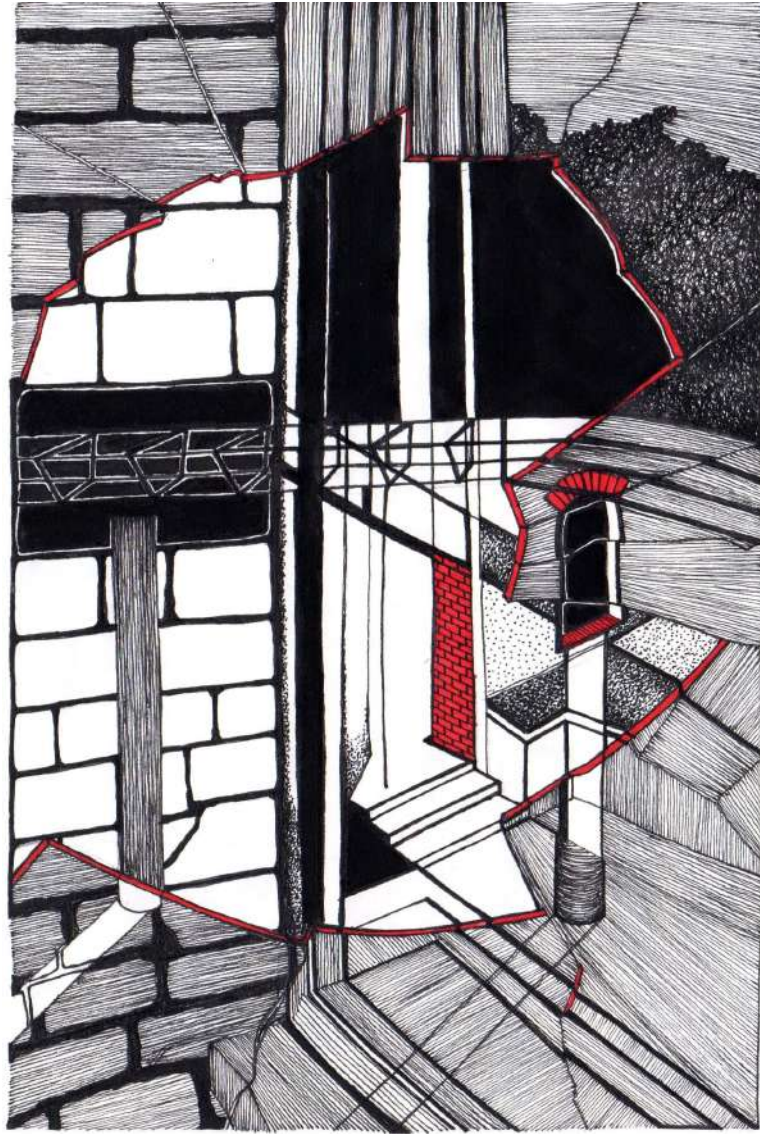






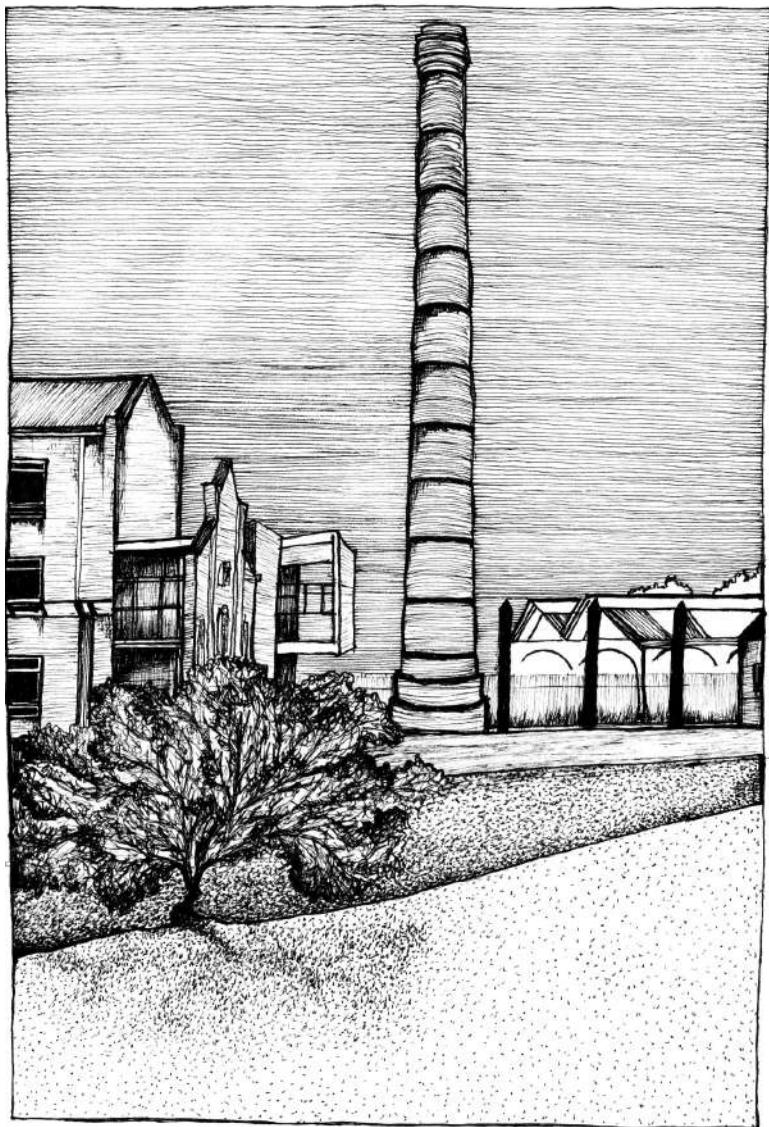






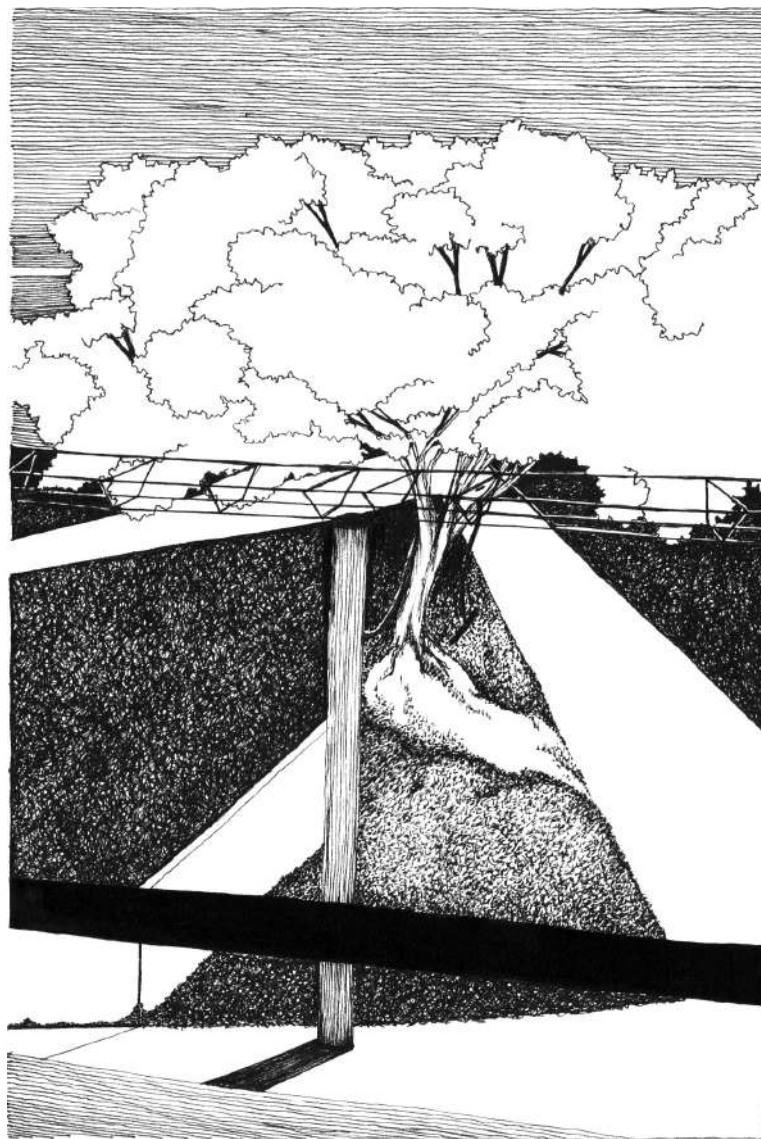
Confesso que nestes quase 25 anos de profissão, volta e meia ainda me pego feito platéia... Antes que me esqueça, permitam que eu me apresente: meu nome é Ibrahim e sou o zelador destas memórias.

Diariamente caminho o olhar pela praça e vou assistindo todas elas a se repetir, sempre desfilando à minha frente como que passando pela janela. Conheço todas. É só perguntar. Sobre o meu trabalho? Receber, organizar e guardar tudo o que chega. Registro também o que acontece e forneço tudo o me for solicitado. Embora pareça muita coisa, há tempos que o volume de memórias vem diminuindo...



Ao longo dos anos recebi muitos visitantes de diversas localidades e que com diferentes intuitos acabaram contribuindo para a manutenção de nossas funções. E agora digo “nossas” por que por aqui ninguém anda só... Infelizmente estas visitas vem se tornando cada vez mais escassas.

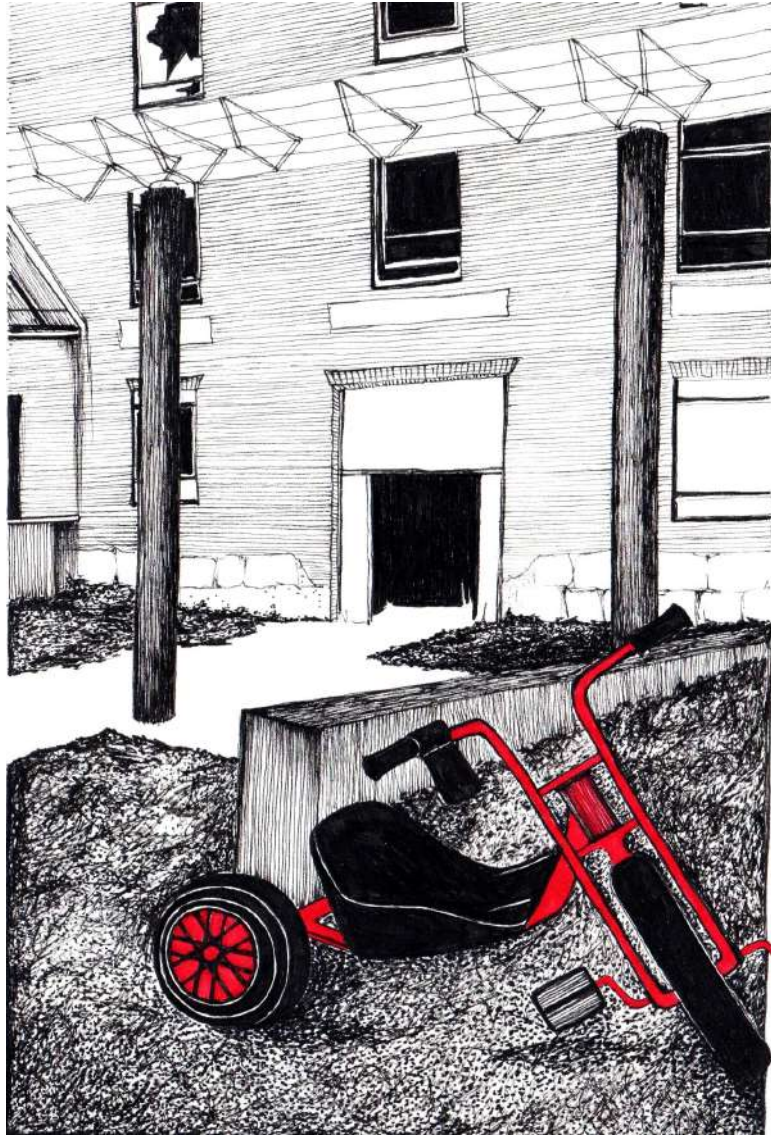
Certa vez recebemos uma ocupação cultural que pareceu reforçar nossos valores. Teve música, teve riso, dança, festa... vida. Matéria para umas tantas novas memórias que chegaram a ser produzidas.



O fato é que, infelizmente, não temos recebido a devida atenção, dada a importância do trabalho aqui desenvolvido.

A presença diária das crianças que frequentam a escola e dos apegados leitores que não abandonam a biblioteca, são nossa principal fonte de sobrevivência.

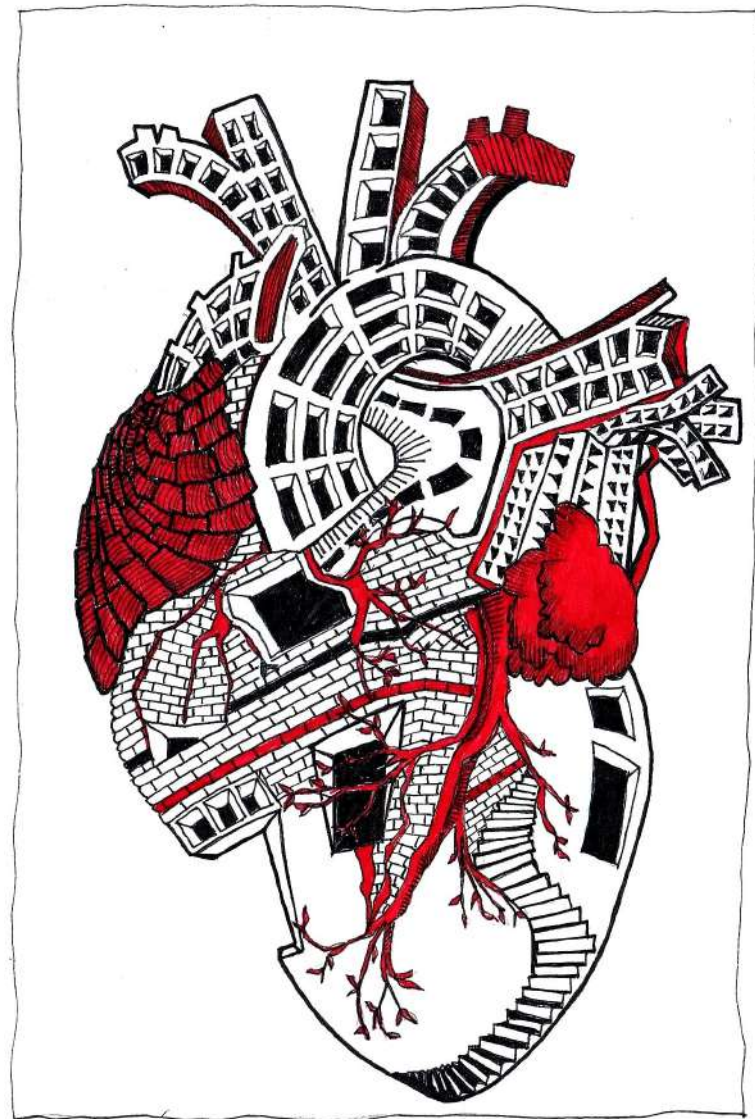
À parte disso dependemos de algumas conversas, esparsos interesses de viajantes e transeuntes que cruzam nosso caminho nas idas e vindas cotidianas.



Tanto como lugar de visita , quanto como paisagem da borda ferroviária permeamos o cotidiano e habitamos o imaginário dos cidadãos ribeirãopirenses.

Aqui reside a imagem de despedida na partida matinal para o trabalho na região metropolitana e a referência de que é chegado o momento de se levantar, arrumar bolsa, sacola ou mochila para o desembarque na estação, no fim do dia.

Aqui é possível encontrar personagens e testemunhas, habitantes-habitadas das memórias de toda uma cidade.



Fiquem a vontade para adentrar o espaço e talvez identificar um pouco da sua essência. Um pouco daquilo que em termos de matéria se transforma, mas que em caráter não muda.

Sigamos pela via do tempo. Daqui para o começo de tudo, com parada em algumas histórias. Caso tenham dúvidas ou sintam-se perdidos recomendo retornar a linha do trem que nos guia.

Peço que generosamente cedam alguns minutos de seu tempo para contemplar memórias imaginárias e curtas narrativas visuais sobre fatos que podem ou poderiam ter acontecido por aqui.





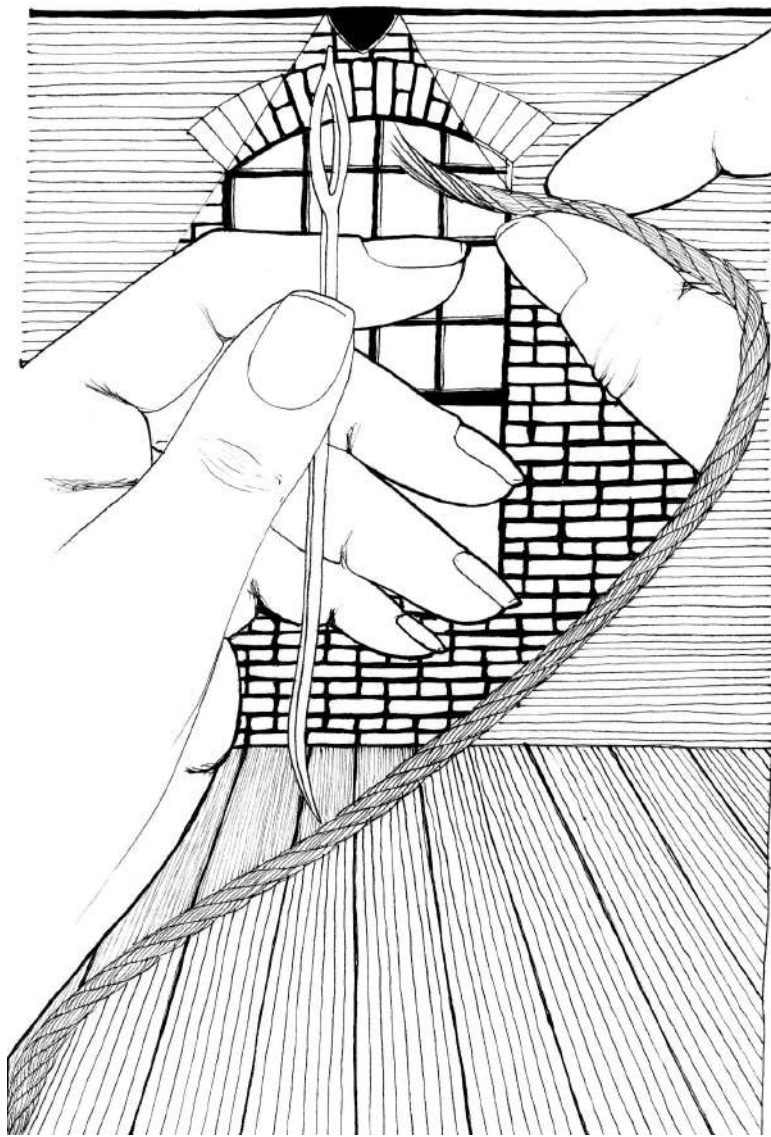
Cotellessa

1946-1995

Dona Cotellessa fez trigo para a massa e moeu sal para dar sabor ao pão. O fubá para o bolo quentinho no fim da tarde.



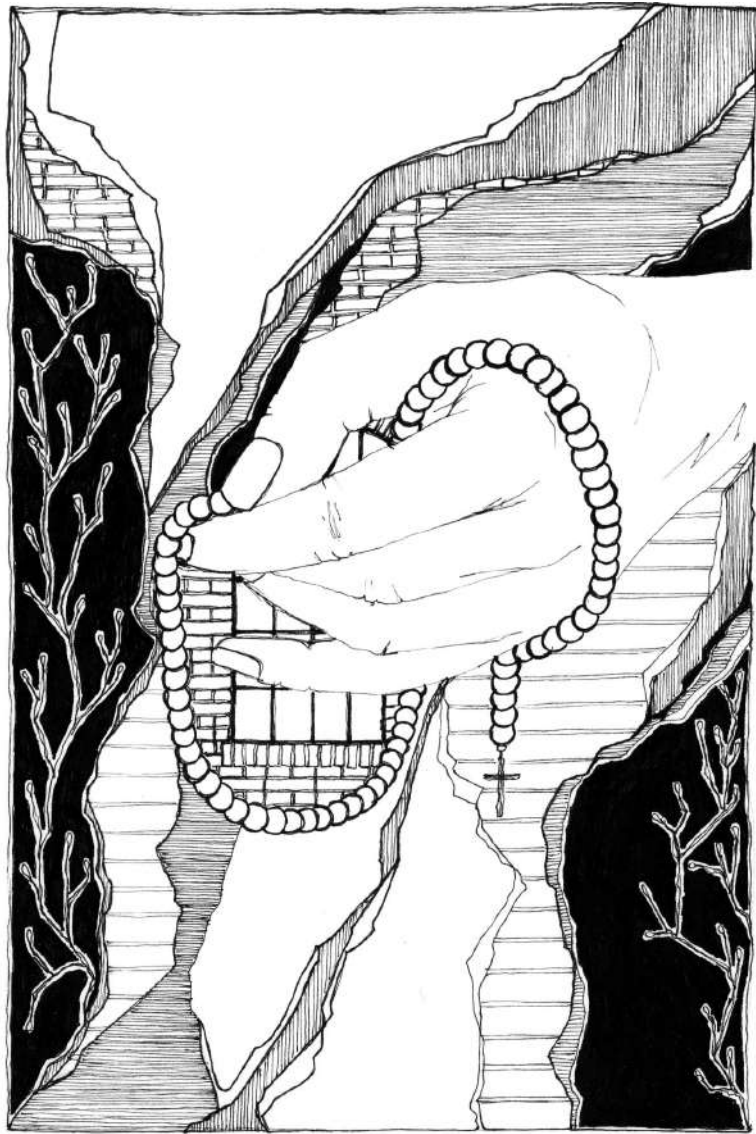
A velha costureira de sacos de sal, cozinheira de mão cheia, contadora de histórias e causos não anda, não busca... Aguarda e recebe sempre quem a procura “*para trocar experiências*”.



Na palma da pele manchada, marcada, plissada
com vincos profundos dos seus quase 100 anos
repousa o terço de todas as tardes. Embora
viúva, não veste negro, veste a cor de suas
estruturas...

O cabelo, longo e branco como o sal, sempre
preso na redinha .

Costumava pitar o cachimbo, mas a saúde já não
permite.



Houve um tempo em que sabia de todas as histórias que se passavam na cidade. Hoje vive com seus fantasmas – as histórias que não pôde contar pois ninguém quis ouvir.

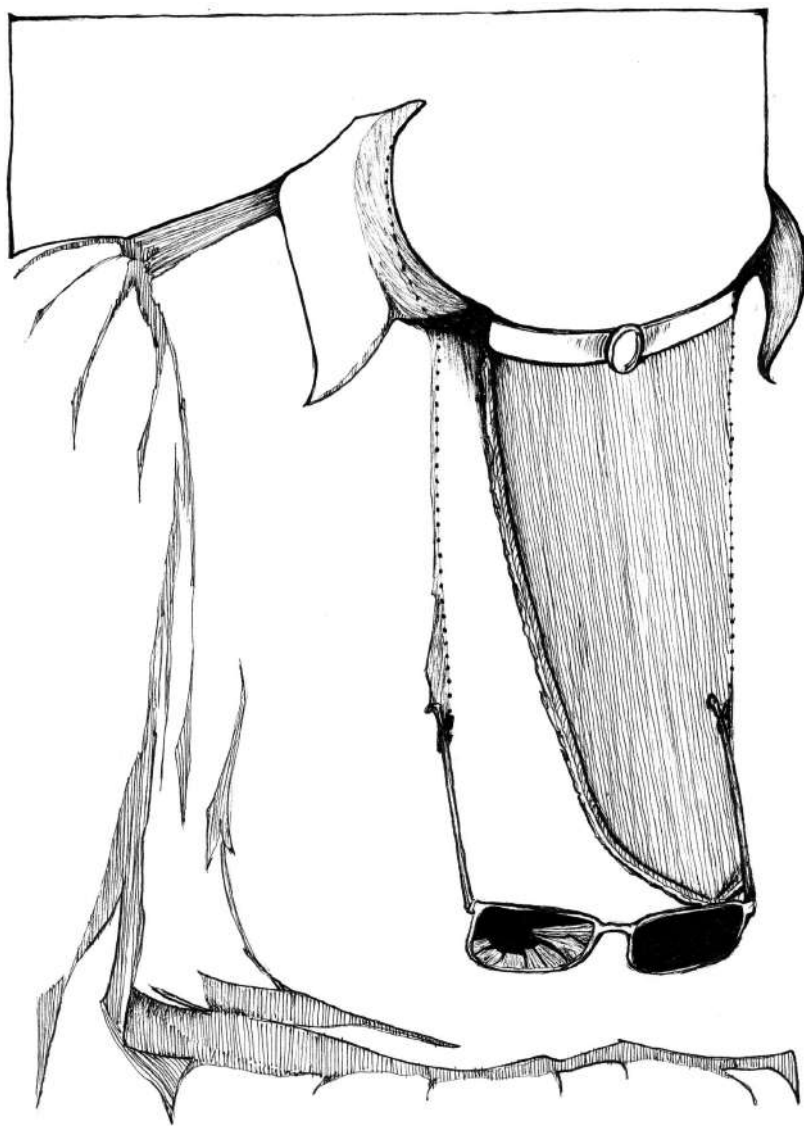


Ali parada, saúda discretamente todos os que
chegam e se despede de todos que partem.



No pescoço pendem os óculos, uma lente trincada “só para ver de longe” – disse ela mostrando contra a luz do sol.

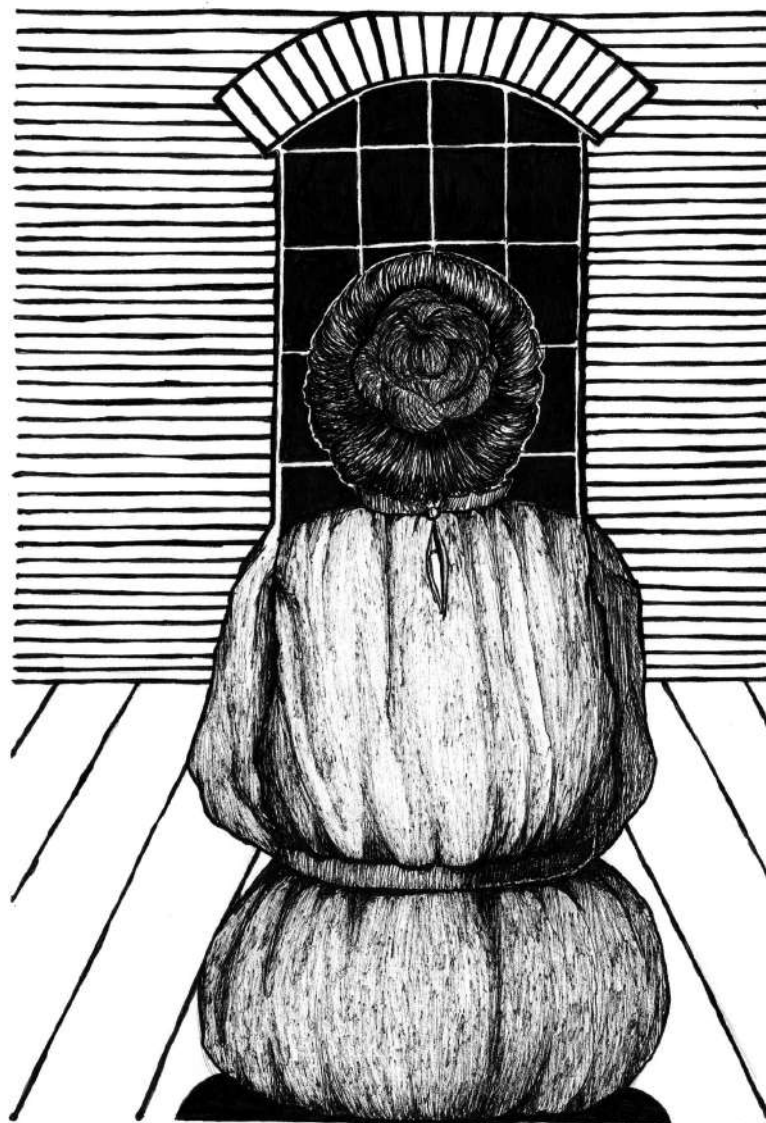
“O que tenho pra ver de perto, vejo assim... de olho livre e seco. Na luz...”



*“Antigamente via de longe, achava que assim
sabia e podia muita coisa.”*







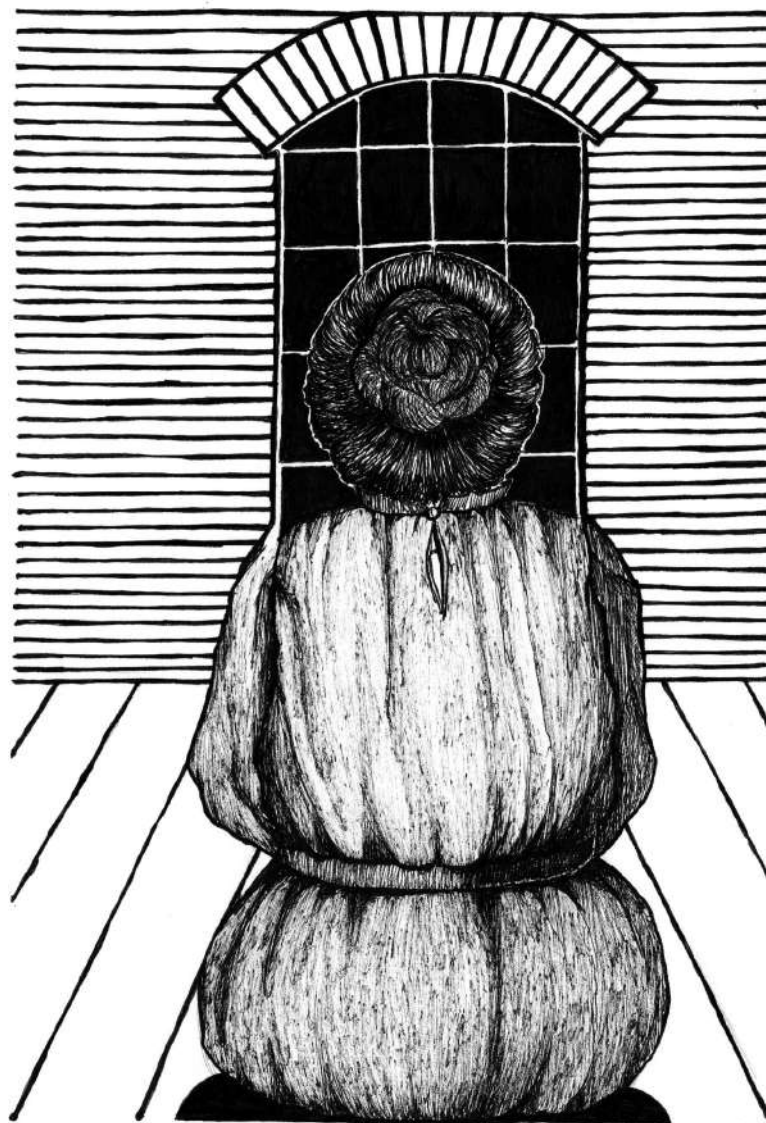
“Agora basta ver as minhas pequenas, correndo aqui do lado e também as crianças grandes que saem pra trabalhar todo dia.”

“Eles não vem me visitar...”

Tem sempre alguém que corta caminho e as vezes me acena quando passa aqui em frente. Não para... Hoje não dá tempo de parar....todo mundo está sempre correndo”

“Não sei até quando, mas estou aqui, esperando...”

“Não, eu não fico brava não. Fico apenas só.”



Embora pareça imóvel, ela produz.

Alimenta as memórias e as experiências de quem se aproxima. Cose a cidade com a linha do trem. Mantém ajustados os nós dos laços coletivos, laços de fita vermelha. Registra com sua existência um pouco do que viu e aprendeu. E com essas linhas de trem e costura, como tantos e tantas fizeram antes dela, faz futuro e registro da própria sobrevivência.





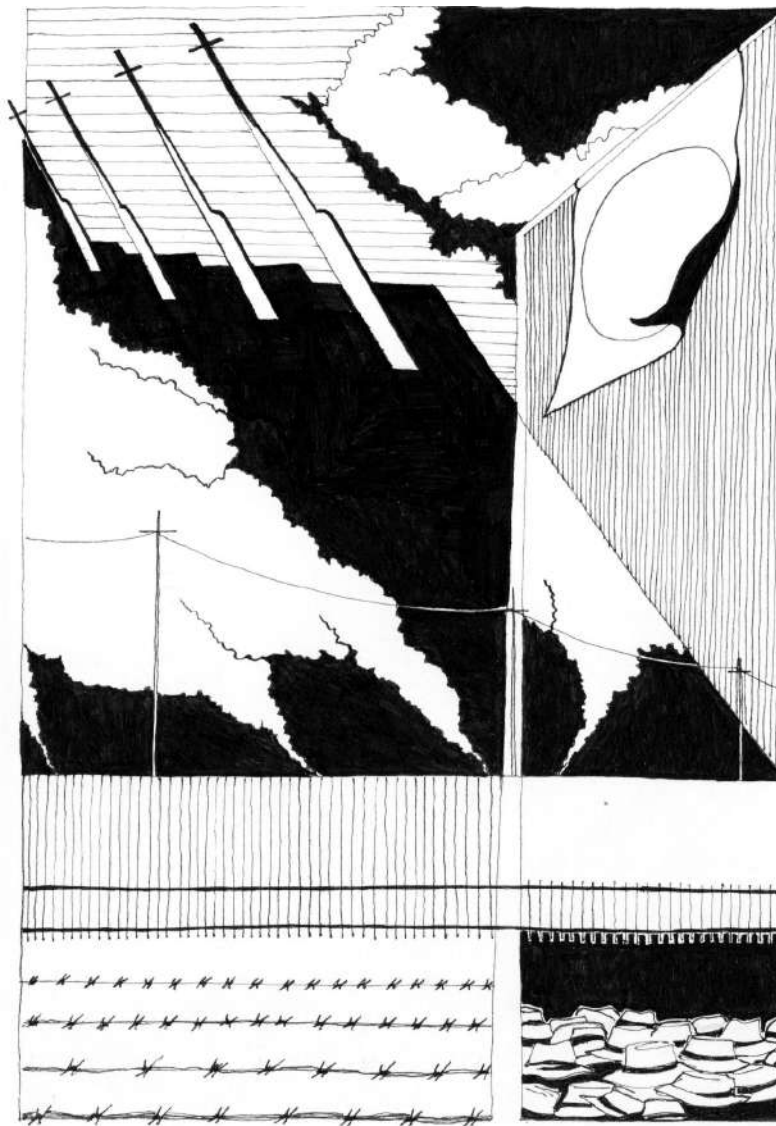
Adri

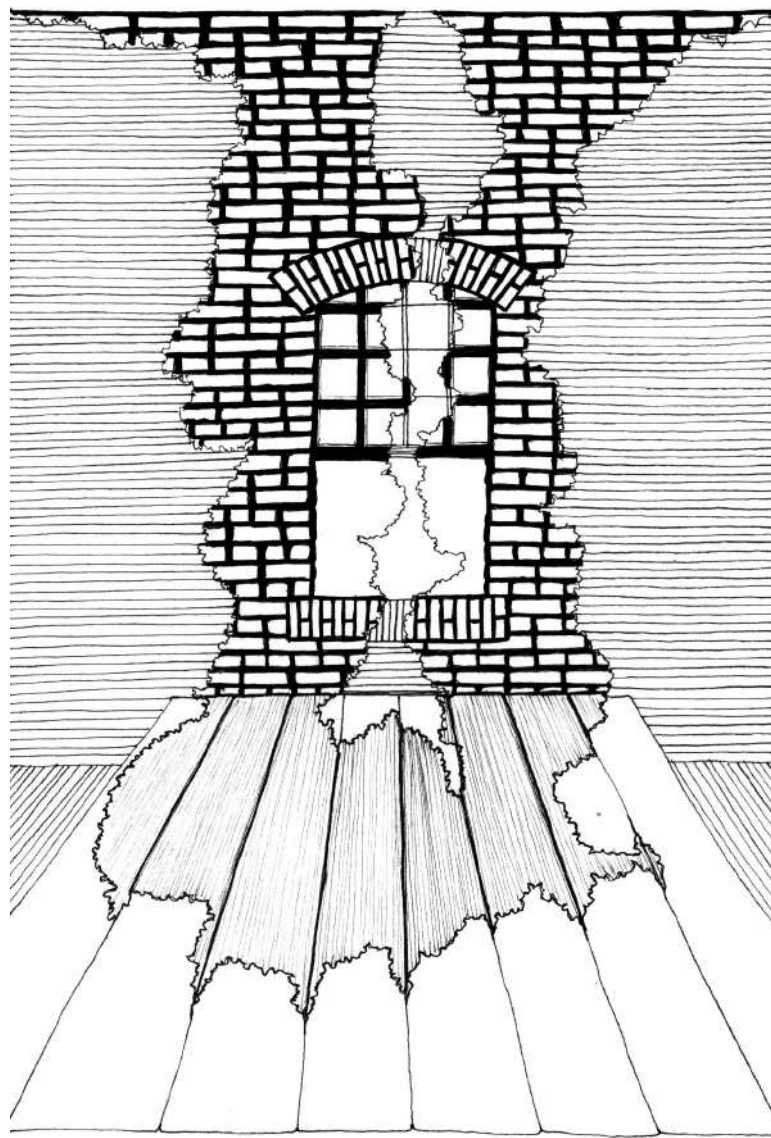
1939-1945

Todos em sagrado silêncio ouviam as palavras da testemunha ocular da história. E a voz tinha cor, era cinza como fuligem, descendo e se depositando sobre as casas e as cabeças. E a voz tinha cheiro, era odor de casco e chifre queimando.

Foi um tempo difícil, sombrio.

Faltou sal à terra.





Mortari

1916-1945

Todo sábado à tarde recebia o noivo com bolo quente de fubá.

Às vezes pão, quase sempre bolo.

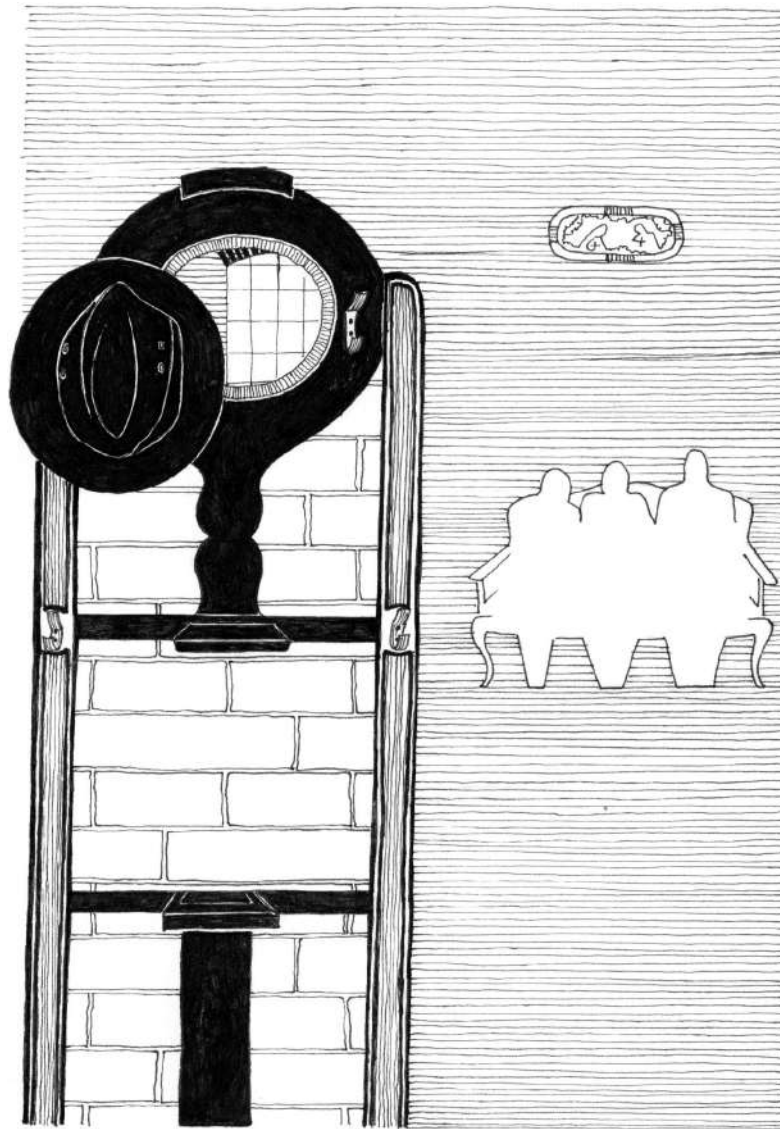
A tia sentava no meio do sofá.

Na chegada a moça recebia o chapéu e pendurava no mancebo do lado esquerdo da porta. Os olhares se cruzavam rapidamente, os pés dançavam no capacho soltando a terra da estrada.

Às vezes terra, quase sempre barro.

A tia conhecedora destes rituais já cortava o fio lançado no vagaroso arrastar de pés logo ao passar pela porta.

Bem acomodados, chapéu e mancebo assistiam aos três no sofá.



Era o melhor bolo de fubá do mundo – sugeriam as migalhas no canto da boca sorridente.

A tia interrompia a entrega do guardanapo para que os dedos nem tivessem a chance de voltar a se encontrar. – Se o moço já era quase de casa que pegasse ele mesmo.

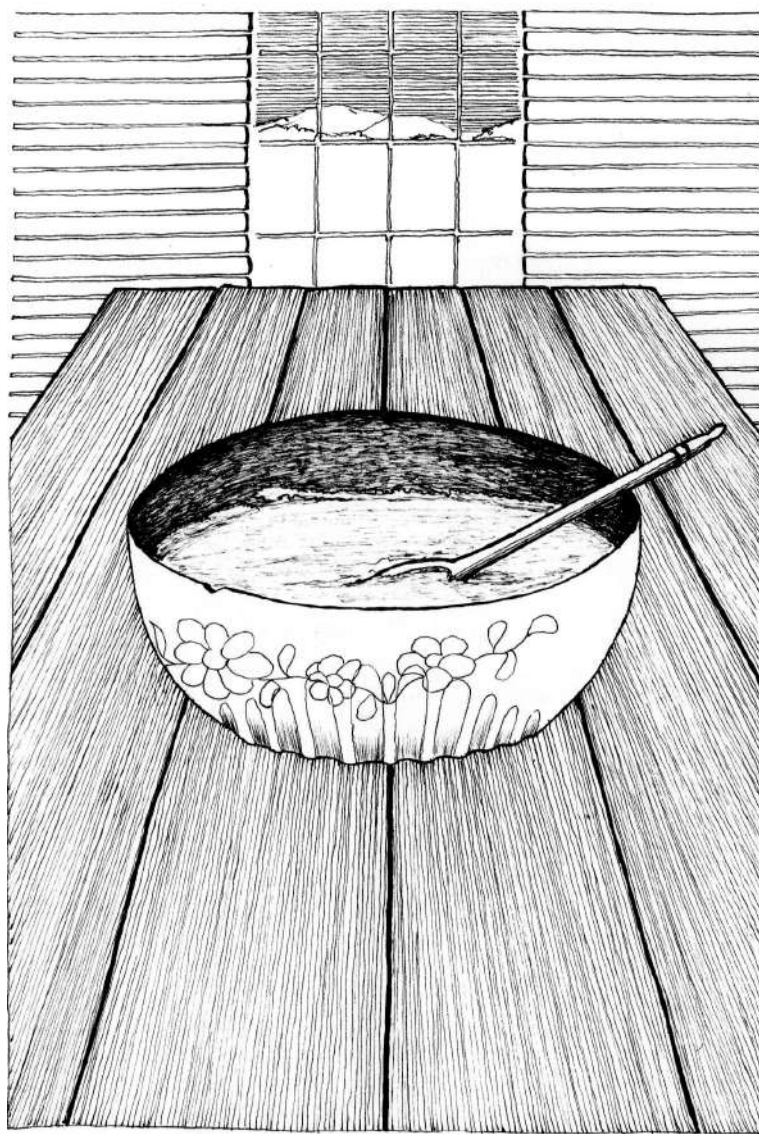
O bolo feito no sábado deveria render para a merenda da semana, então quando os dedos do aprendiz de carpinteiro arriscavam mais um pedaço, a tia ensinava que fora de casa, o correto era comer apenas o que lhe fosse oferecido e sem repetir.

Sem desviar o olhar das mãos que se aninhavam sobre as próprias pernas, a moça sorria de leve da confusão do convidado. Por fim ele também sorria. Eram cúmplices.

A tia dava então outro pito, seguido de um sermão sobre como a juventude já não respeitava os ensinamentos dos mais velhos.

Permaneciam cúmplices.

E como uma canção de lavadeira, os assuntos seguiam repetindo-se nos temas e tempos, findando apenas para recomeçar na próxima visita.



Esperava do lado de dentro da fábrica, sairia apenas quando ele chegasse, para que o vento não fizesse festa nos cabelos antes que a plateia pudesse prestigiar. Tirava o lenço que escondia o penteado feito escondido logo cedinho. Que não podia ser muito chique, mas que também não deveria parecer com uma lavadeira do ribeirão. Nas mãos carregava o embrulho de pano, com conteúdo já conhecido. Segurava pelo nó para não esfarelar o pedaço de bolo de fubá. O que se poupava no sábado era dividido para os dias da semana. A cada dia um pouco mais seco, mas o importante mesmo era a hora de comer. Costumavam sentar na escada do lado da linha do trem. Abria o embrulho sobre os joelhos e partia o já pequeno pedaço em dois, do meio caíam uns grãos de erva doce.



Ele nem gostava de erva doce, mas comia. Não dizia a verdade por educação e para que nada mudasse aquele momento. Comería qualquer coisa que aquelas mãozinhas preparassem.

Eram apenas dez minutos, e esses minutos valiam mais que as duas horas do sábado. Nada como poder caçar um olhar sem as repreensões da velha senhora. - *Rapaz direito não fica de galanteio fora de hora. Moça de família não encara, não toca a mão na hora de entregar o bolo e nem compartilha sorriso satisfeito* - exatamente como os dois faziam juntos. E com direito a farelo no canto da boca.

Quem sabe um dia escapariam para uma sessão no Cine Lourdes...

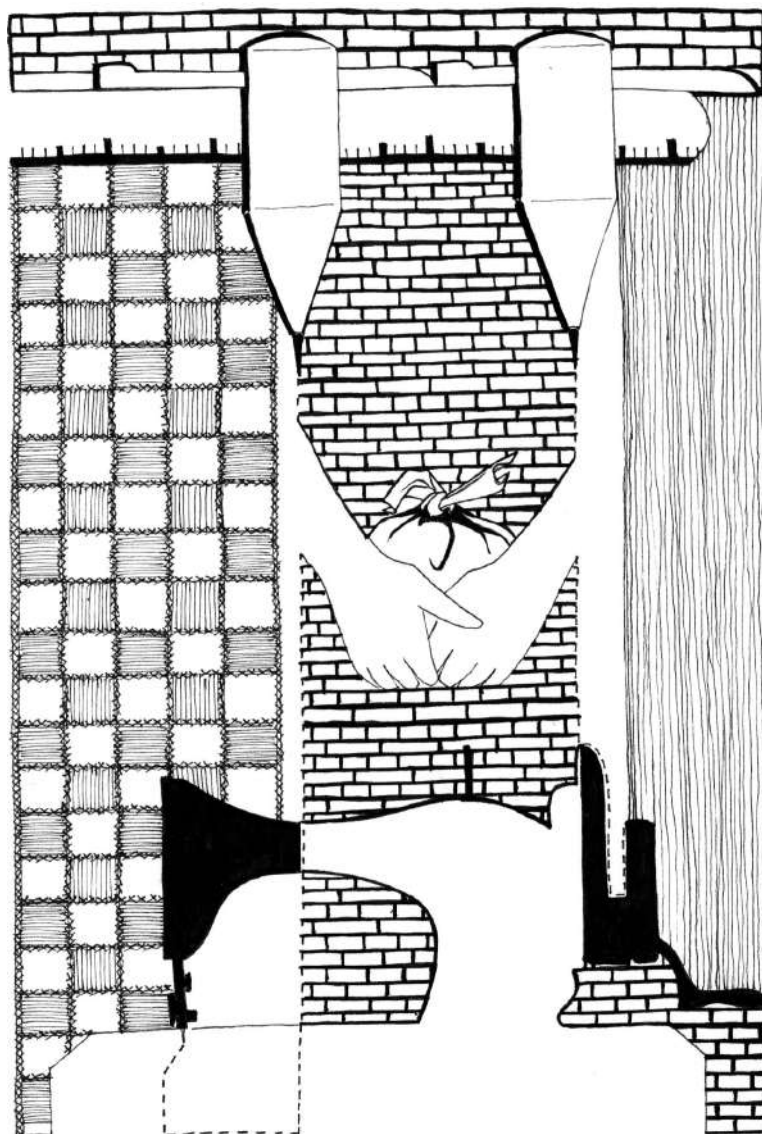


As vezes nem chegavam a conversar, bastava um sorriso de boa tarde e sentar lado a lado dividindo o pedaço de bolo ou pão. Mas nos dias que conversavam, faziam planos, compartilhavam sonhos, e era assim que se organizavam para um futuro sem sombra de solidão.

Ele fazia os móveis. Ia pegando as sobras de madeira, desentortando os pregos que sobravam das encomendas. Talvez tenha até errado umas marteladas para garantir material. Depois do expediente, o patrão tinha autorizado a usar as ferramentas da oficina. Já era este o seu presente de casamento.

Ela cuidava do enxoval. Ia bordando as iniciais. Ponto cruz, ponto corrente...Fronha, lençol, colcha feita dos retalhos que a tia trazia da Moóca. As bordas com biquinhos de crochê...

Faria o próprio vestido.



Tecia contando o tempo nas idas e vindas da lançadeira. Esperando pelos intervalos: os encontros e as partidas. Os fios se unindo, as tramas se formando. Era vida se organizando.

Em breve, alguns metros daquele trabalho iriam enfeitar seu dia mais feliz. Não tinha coragem de pedir um corte. Tinha o valor de não pedir. Compraria o que já era seu.

E era seu porque a cada centímetro que produzia também ali nascia, feito seda, leve e fresca, às vezes um pouco brilhante, às vezes um pouco translúcida quando vista contra a luz. Esse era o seu quinhão diário até que o apito da tecelagem marcasse o fim de mais um dia de trabalho.





Maciotta

1891-1916

A longa noite deu dimensão para suas idéias.
Devaneios carregados no vapor.

Traçou com linhas retas as distâncias vencidas
com o combustível da própria vontade. Vontade
calorosa, capaz de encurtar um oceano.

Planejou quem queria ser apesar da pouca terra
e das muitas mãos. - Mãos esperançosas.

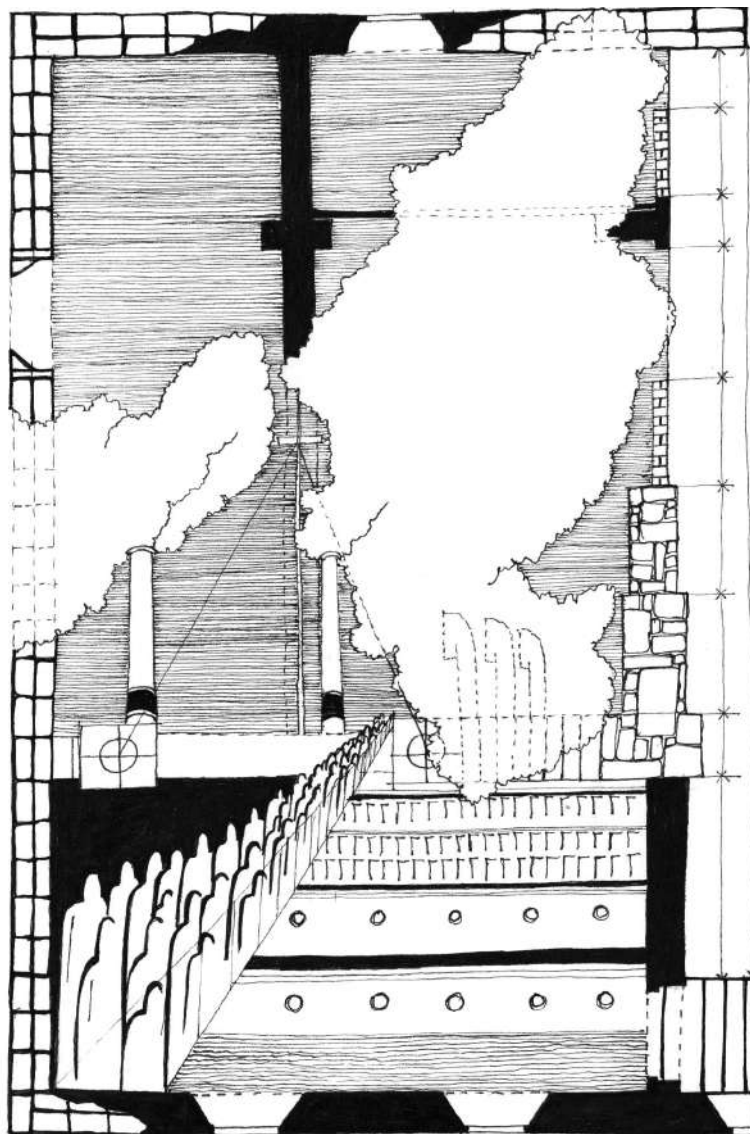
Esperanças que ignorando filas, empurravam-se
pelo direito de ser, de se fazer nas brechas do
futuro progresso.

Esboçou em poucos movimentos um sorriso de *1º*
di gennaio.

Sabia que podia ter sido daqueles que
plantavam e esperavam para colher.

Teve pressa.

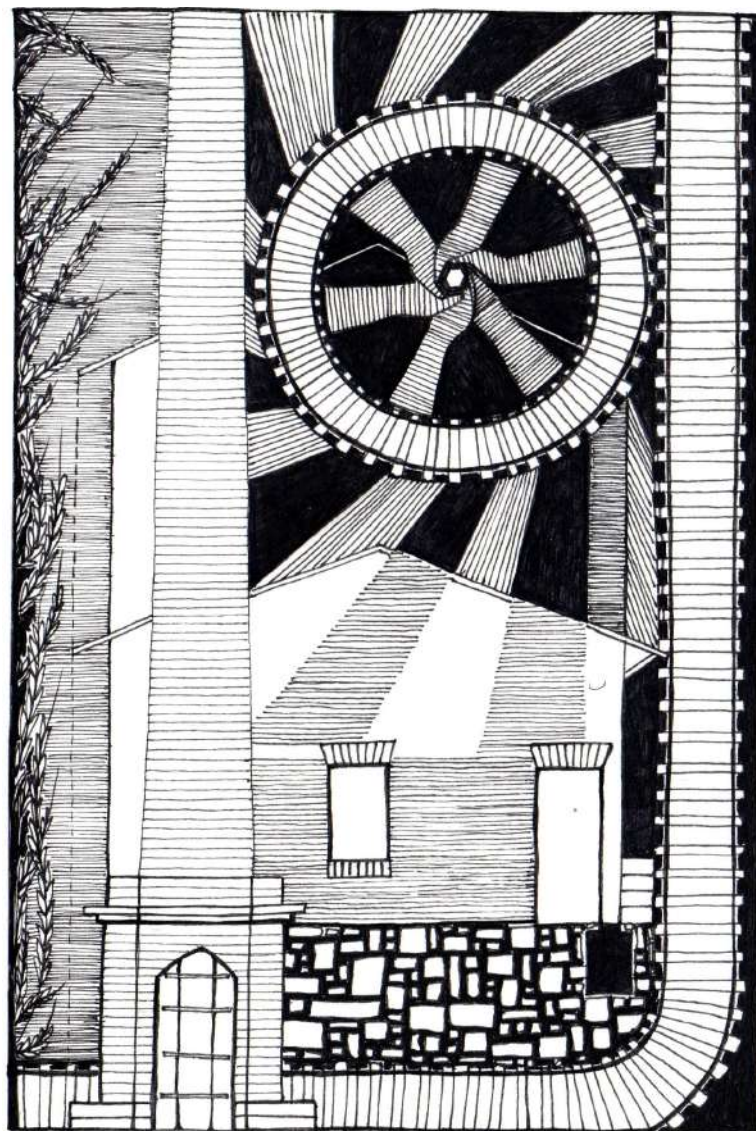
Quis fazer-se numa ciranda de seis mãos: três
irmãos. Teve a pressa que os novos tempos
demandavam.



Foi na margem da ferrovia que suas pequenas partes se amarraram com argamassa de saibro – suas dúvidas, medos e conflitos emparelhados com coragem, esperança e persistência, na proporção de 1:2.

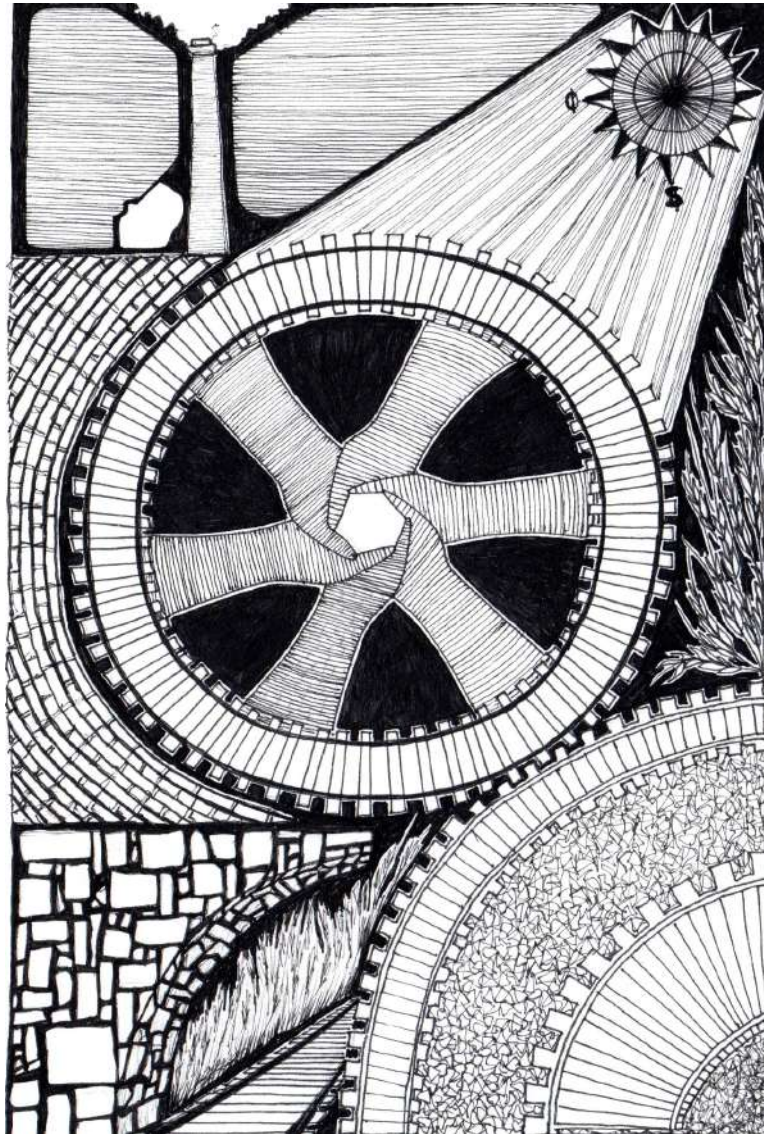
Sobre a terra e sob o céu enxergou espaço e oportunidade para organizar suas aspirações: assentar, crescer, superar limites físicos e culturais.

Era, também ele, toda uma revolução capaz de transformar em nuvem de fina poeira o grão duro das adversidades. E elas pareciam nascer em largos campos, como o trigo que se dobra sob as palavras do vento, mas cede apenas ao fio do alfanje.



Era dia e finalmente pode sentir na palma da mão a esperada nuvem: pura leveza. Deslizou entre dedos o fino resultado de seu trabalho. Já não mais importavam as distâncias percorridas, quantas águas, vias e ferrovias o haviam trazido ou levado. Ali, entre seus dedos, o que estava era ele mesmo, transformado pela passagem dos anos, pelo peso das adversidades. Moído pelos tantos giros, das tantas direções que precisou tomar para chegar até si. Os pés de granito como a casa onde nasceu estavam definitivamente plantados em uma terra da qual agora sabia não poder se apartar. Não importava o que sucedesse... Sabia e sentia. Ele estava no seu lugar e aquele era o momento certo.

No peito o pulsar de uma casa de máquinas. O vapor da respiração confundindo com a bruma serrana. Não podia tirar os olhos da palma da própria mão.



Do canto do salão o pequeno italianinho observava o patrão com a mão cheia de farinha. O pai que havia participado da construção, seguiu trabalhando no moinho depois da obra pronta. E sempre que possível, ele escapava de buscar água no ribeirão para ir até lá ver como era trabalhar feito gente grande.

Naquele dia parecia que ia acontecer algo diferente, era grande a movimentação dos homens que iam e vinham quase passando por cima dele. Reclamando e rangendo como se fossem peças sem óleo.

No meio da confusão viu a quem procurava. Puxou a lateral da calça do pai que com apenas um olhar mandou que ficasse num canto sem atrapalhar.



O menino se escondeu por trás de uma coluna e estremeceu com o barulho das máquinas. Como um longo trovão, o ronco estrondoso fez recordar favole de giganti affamati que a nonna contava. Teve vontade de entrar debaixo da mesa cheia de papéis do patrão e esperar que o trigo fosse comido. Viu de longe o vapor quente da caldeira, sabia da fumaça que saía da chaminé. Fechou, apertou os olhos. Não adiantou. O som percorria sua pele. Era como se estivesse na pança do giganti. “ E se si levantasse? E se partisse com tutto na pança pra além do ribeirão? Come scappare da un essere così potente e invincibile?

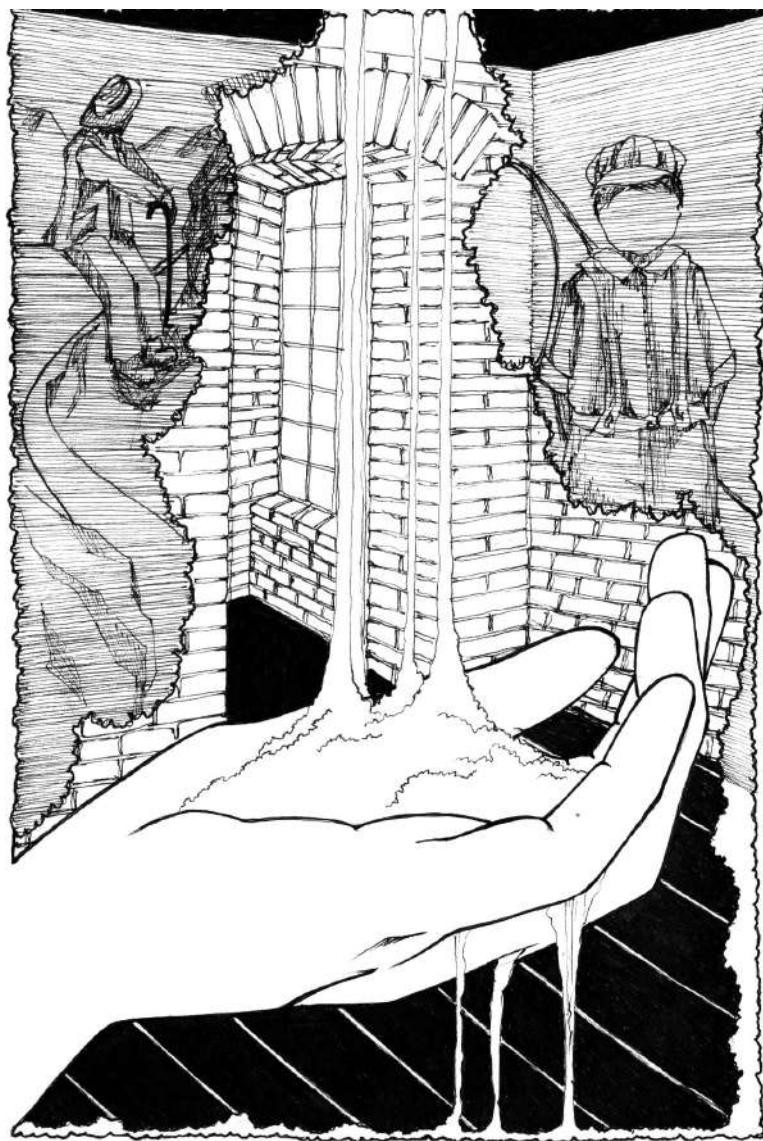


Todos o observavam ansiosos e ele permanecia com os olhos vidrados na palma da mão. Por um segundo seu olhar vagou e alcançou o menino escondido no pilar de suas estruturas.

A luz ofuscou seus olhos, com a força de um dínamo. Todo aquele brilho que ele contemplava era muito mais do que qualquer um ali seria capaz de ver.

Naquele terreno ele estava só, todos os outros viam com luz de lampião o que ele via com sua própria luz.

Sentiu-se invencível percebendo que naquele punhado de sonho que repousava na palma de sua mão estava o encontro entre sua ascendência e sua descendência.



2019

Atravessamos muitos anos passando pela Refinaria Cotellessa, as Indústrias Miguel Adri, o Moinho Mortari e por fim alcançamos o começo: o Moinho Fratelli Maciotta.

E antes que a pressa diga que já é suficiente e que é chegado o momento de partir abandonando sem hesitar nosso sagrado espaço de memória, devo lembrar ao amigo visitante que ainda restam perguntas a responder.



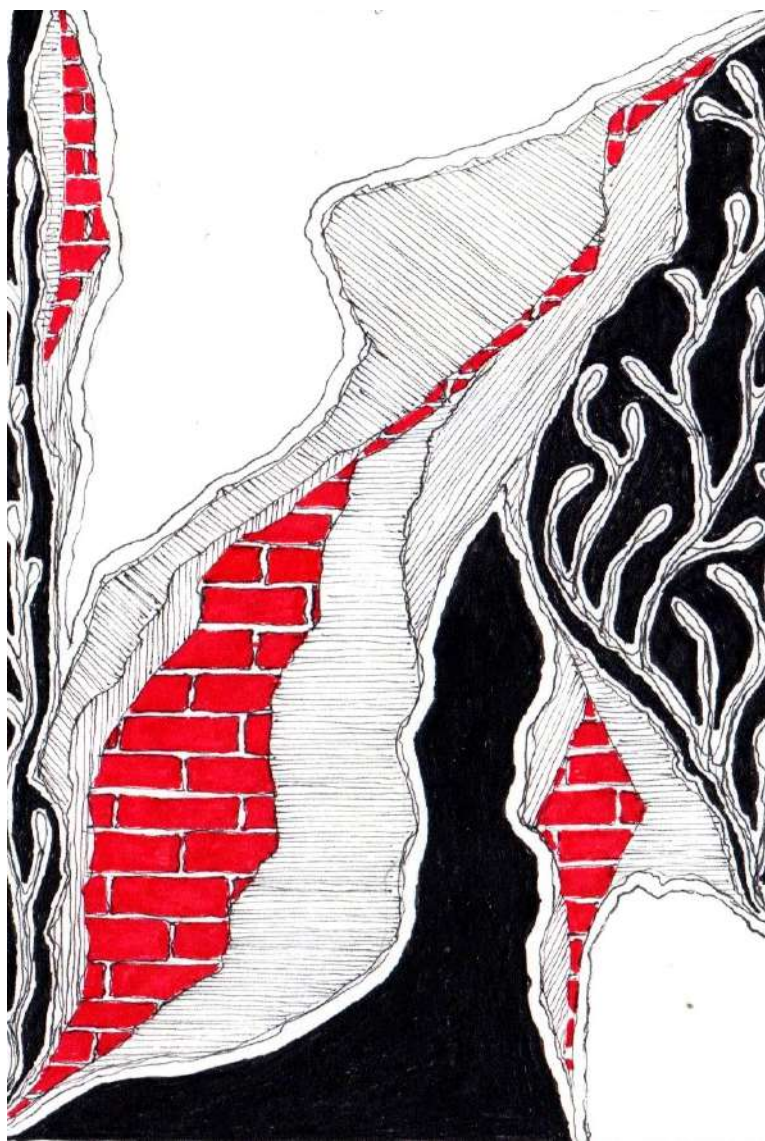
E o depois?

Foi possível escapar daquele ser tão poderoso e invencível?

Concretizou, a operária, seus planos tão sonhados?

Que se fez na escuridão daqueles tempos tão sombrios?

Que tanto esperava a solitária senhora com suas tantas histórias guardados?



Sigamos mais alguns degraus a caminho daquele arremate sem que a conversa fique por finalizar. Afinal de contas aqui guardamos todas as respostas que se possam recordar, ou imaginar.

Que seja este o epílogo do nosso encontro.

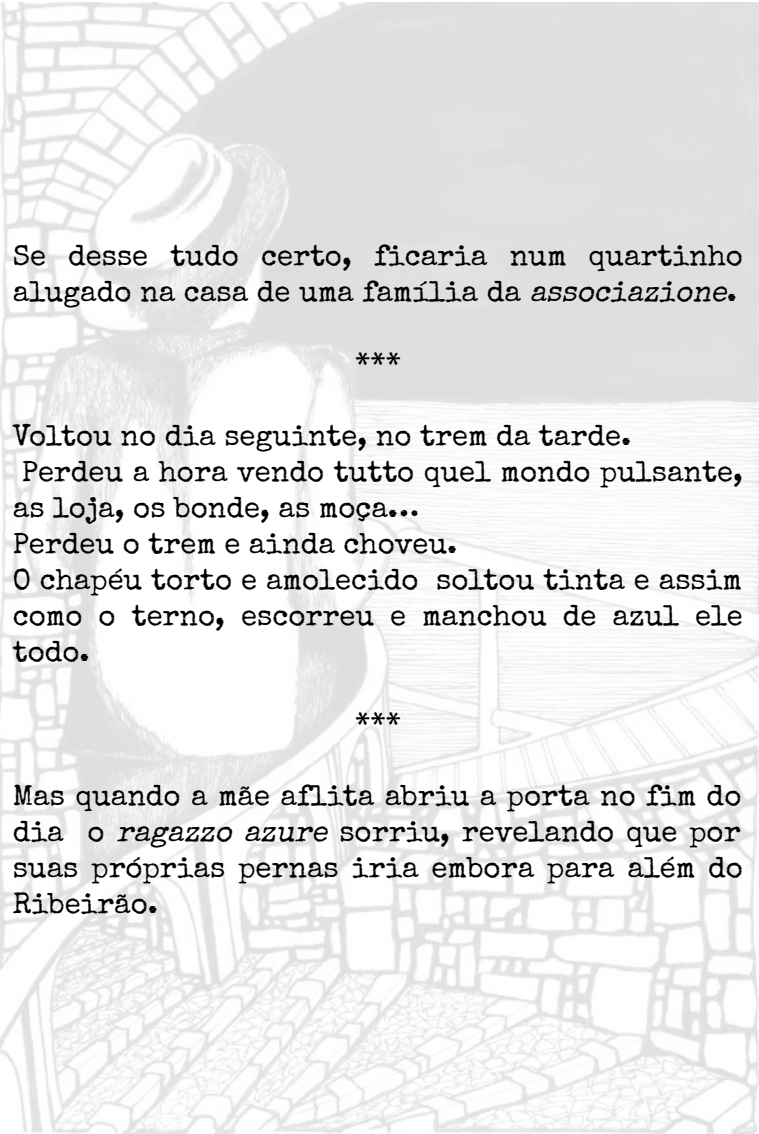


1910

Tomou o trem matinal vestido no terno de saca de farelo. Terno azul, tingido junto com o chapéu. A tinta veio do armarinho do japonês e a *mamma* ferveu com sal para fixar. A botina engraxada não voltaria para casa sem *trabalho* certo. O “italianinho” que se esgueirava pelas estruturas do moinho já era moço e depois de muito ajudar o pai na olaria da queria trabalhar na capital.

Embarcou na carga do trem e chegando lá no destino aprenderia a tomar carona no bonde da Light para economizar os seus tostões. Não fosse a ajuda e os conselhos do chefe da estação, não poderia nem com a viagem grande de ida.

E tão importante quanto o trabalho, era não perder a hora do retorno. Às 17h em ponto partia o trem, nem um segundo a mais, nem um segundo a menos... Era somente uma viagem de ida pela manhã e uma de volta no fim da tarde.



Se desse tudo certo, ficaria num quartinho alugado na casa de uma família da *associazione*.

Voltou no dia seguinte, no trem da tarde.
Perdeu a hora vendo tutto quel mondo pulsante,
as loja, os bonde, as moça...
Perdeu o trem e ainda choveu.
O chapéu torto e amolecido soltou tinta e assim
como o terno, escorreu e manchou de azul ele
todo.

Mas quando a mãe aflita abriu a porta no fim do
dia o *ragazzo azure* sorriu, revelando que por
suas próprias pernas iria embora para além do
Ribeirão.

1939

Cada dobra, laçada e ponto acercavam o dia que deixaria de tecer para os outros. A operária fez o vestido exatamente como tinha sonhado. Subiriam para a Capela de Santo Antônio lá no alto do morro ainda naquele mês.

A mãe do noivo, viúva, tinha perdido o filho mais velho, pacífico aprendiz de tintureiro na luta da revolução e naquela tarde vestiu no mais novo o terno de casamento.

Passou a mão no rosto pálido: Como estava bonito o seu menino!

Lágrimas começaram a descer e não cessariam tão cedo como a garoa fina que os acompanhou pela estrada naquele dia.

A rua que levava para a capela ficou para trás e o cortejo chegou ao Cemitério São José.

Os móveis ficaram prontos , mas um acidente no fim do dia de trabalho e então um vestido que nunca seria usado.



1945

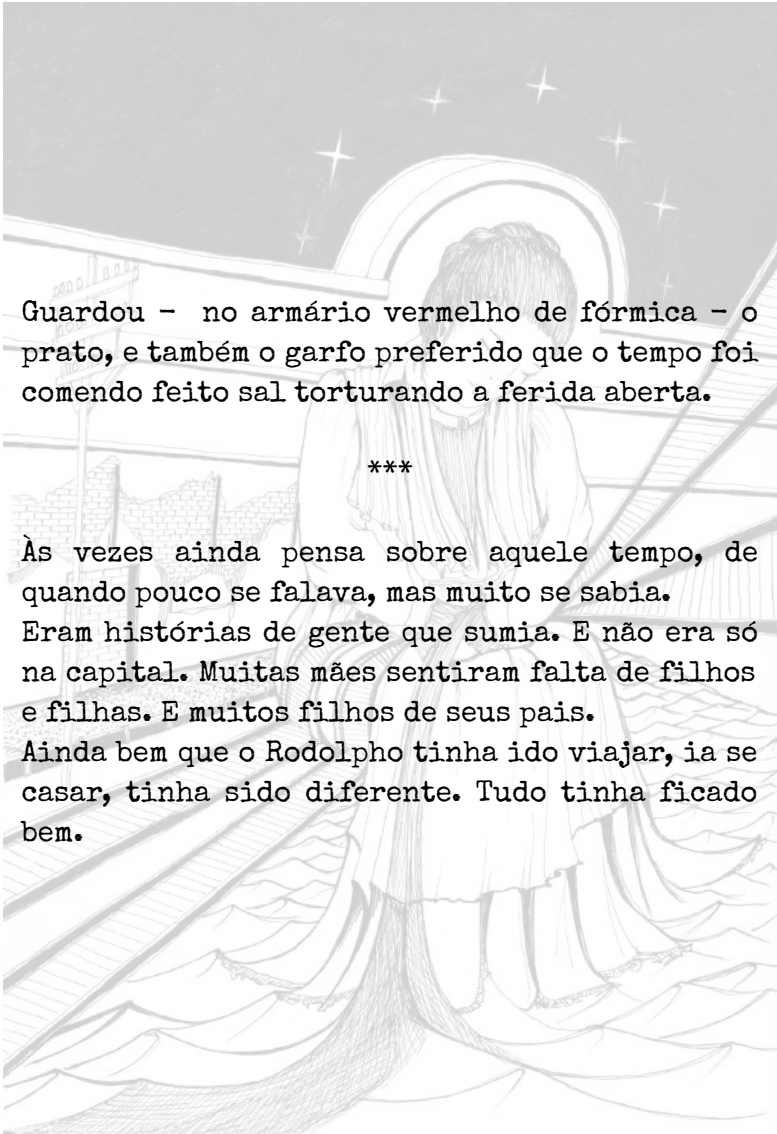
Durante esses tempos, por trás dos derradeiros silêncios revelam-se escondidos uns tantos fios emaranhados, resistentes, fios de voz, fios de água, fios de esperança prontos para tramar novos tecidos de vida.



1968

O filho, jovem formoso com cara de artista, foi para a capital. De lá iria para o estrangeiro. Quem sabe casar com uma moça bem de vida. Foi o que disse uma das últimas cartas - A última.
“que não se preocupe, tudo vai ficar bem...”

Teve um pressentimento e soube que a passagem do tempo já produzia espera em vão - ele não voltaria a escrever. Imaginava que uma derradeira notícia viria por algum vizinho que tivesse telefone - Nunca veio.
Pensou em pedir ajuda para o chefe da polícia - *“Melhor não perguntar nada”* - Avisaram.
Então não restou muito a fazer além de silenciar seu incerto saber - O filho único seria para sempre um belo jovem estampado na memória.



Guardou - no armário vermelho de fórmica - o
prato, e também o garfo preferido que o tempo foi
comendo feito sal torturando a ferida aberta.

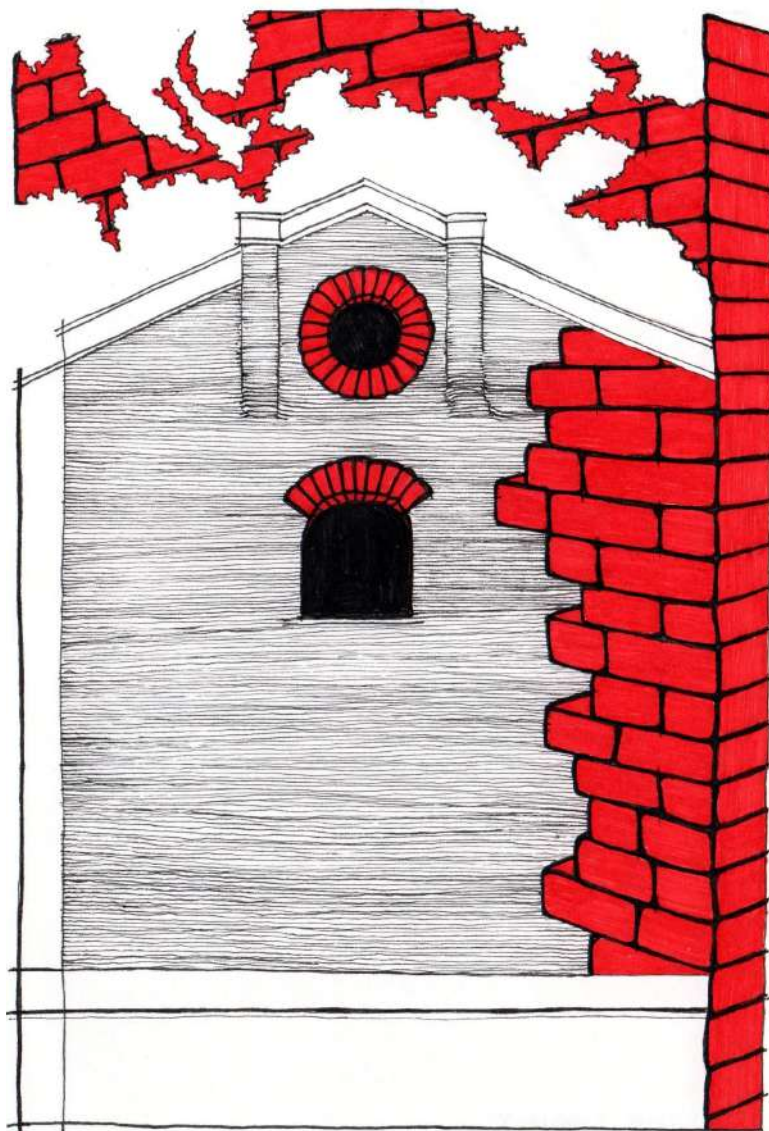
Às vezes ainda pensa sobre aquele tempo, de
quando pouco se falava, mas muito se sabia.
Eram histórias de gente que sumia. E não era só
na capital. Muitas mães sentiram falta de filhos
e filhas. E muitos filhos de seus pais.
Ainda bem que o Rodolpho tinha ido viajar, ia se
casar, tinha sido diferente. Tudo tinha ficado
bem.

2019

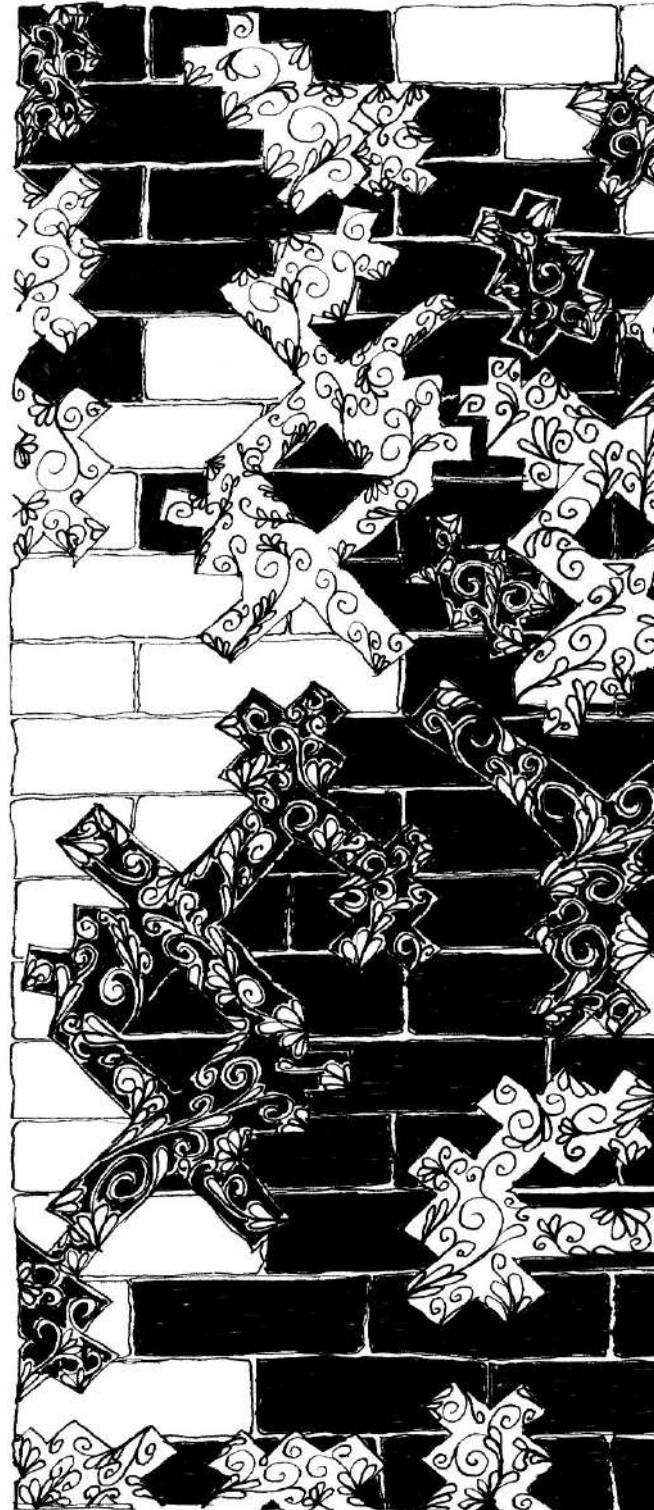
Quanto a mim, sigo ainda respondendo a pergunta inicial, insisto ilustrando pois é este o meu trabalho. Ressalto que por ele tenho recebido o pagamento em preciosas pérolas. As mesmas de que sou guardião. Memórias de todos os tipos.

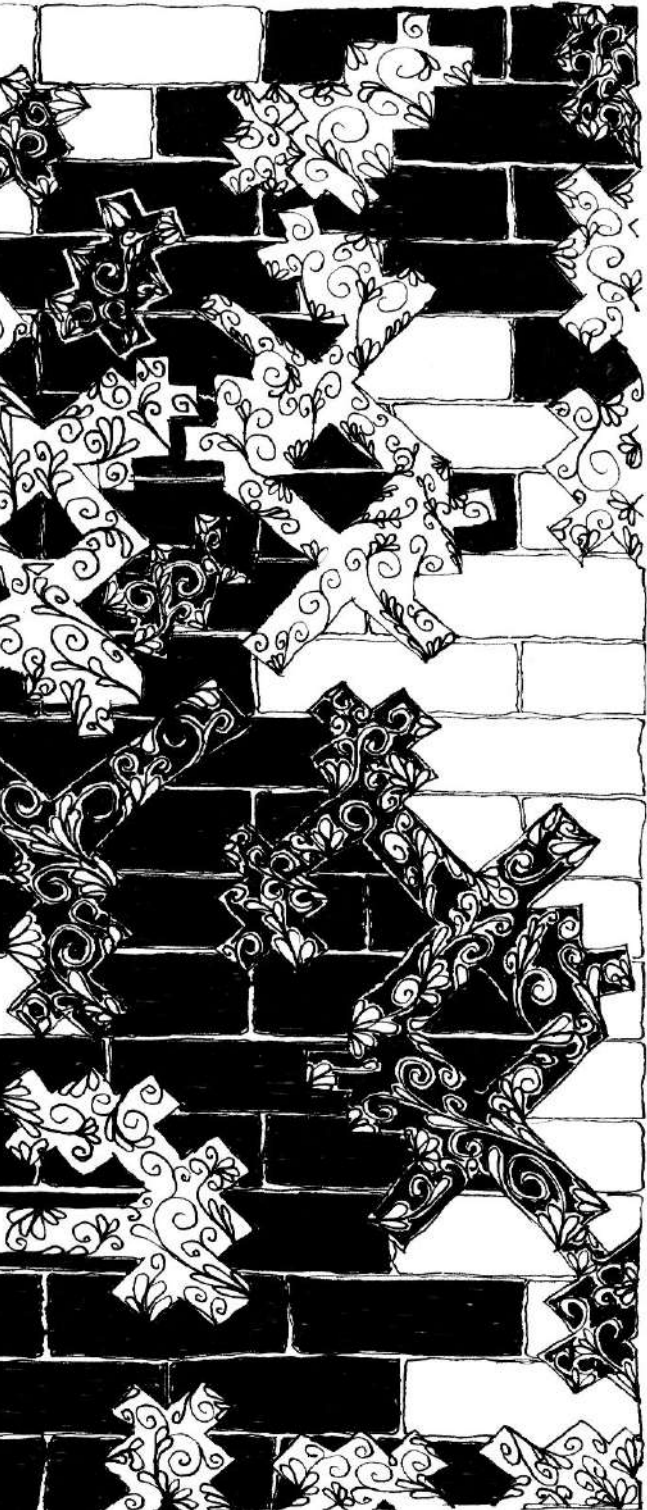
E afirmo que seguirei neste ofício porque creio ser justo e necessário.

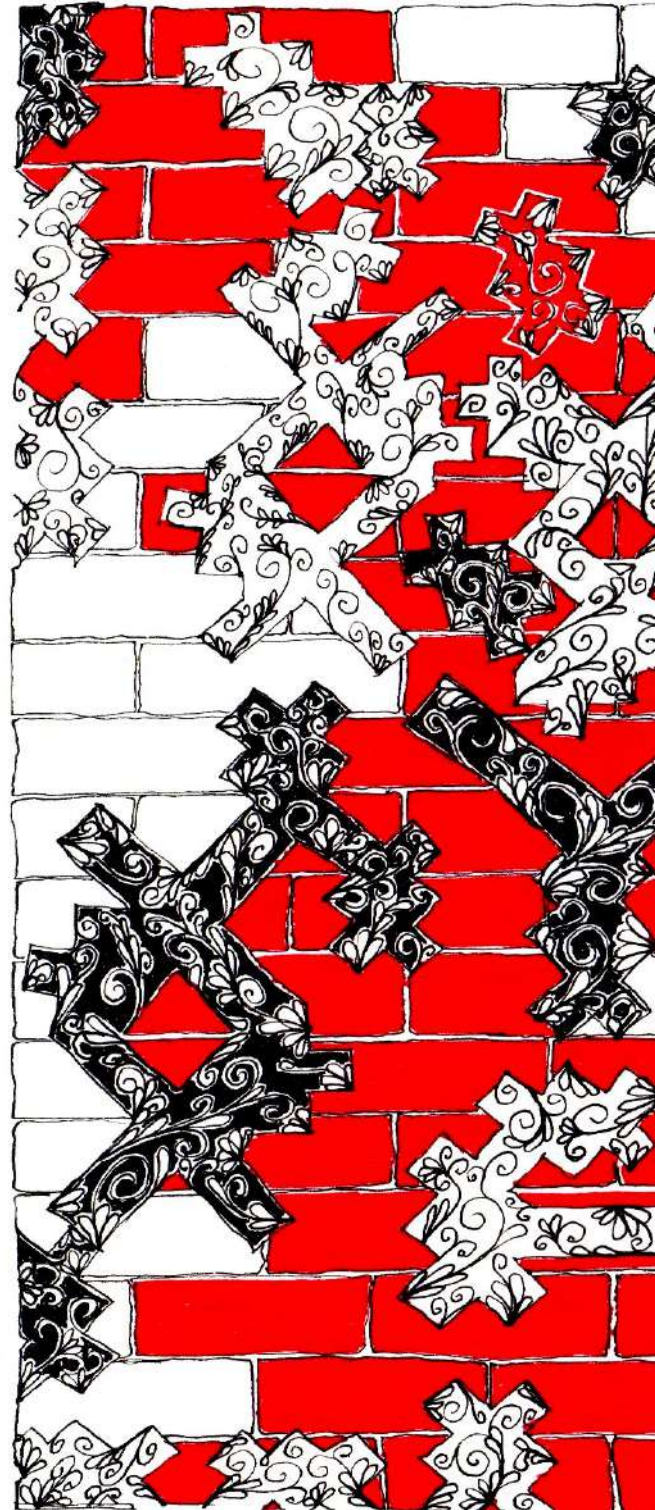
Acho justo que as memórias, vividas ou imaginadas, sejam sempre honradas. Por que no fim nenhuma memória escapa da imaginação. E talvez em algum momento sejamos obrigados a admitir que tudo o que foi imaginado, ainda que em uma outra dimensão, trata-se de uma possível versão de algo também vivido.

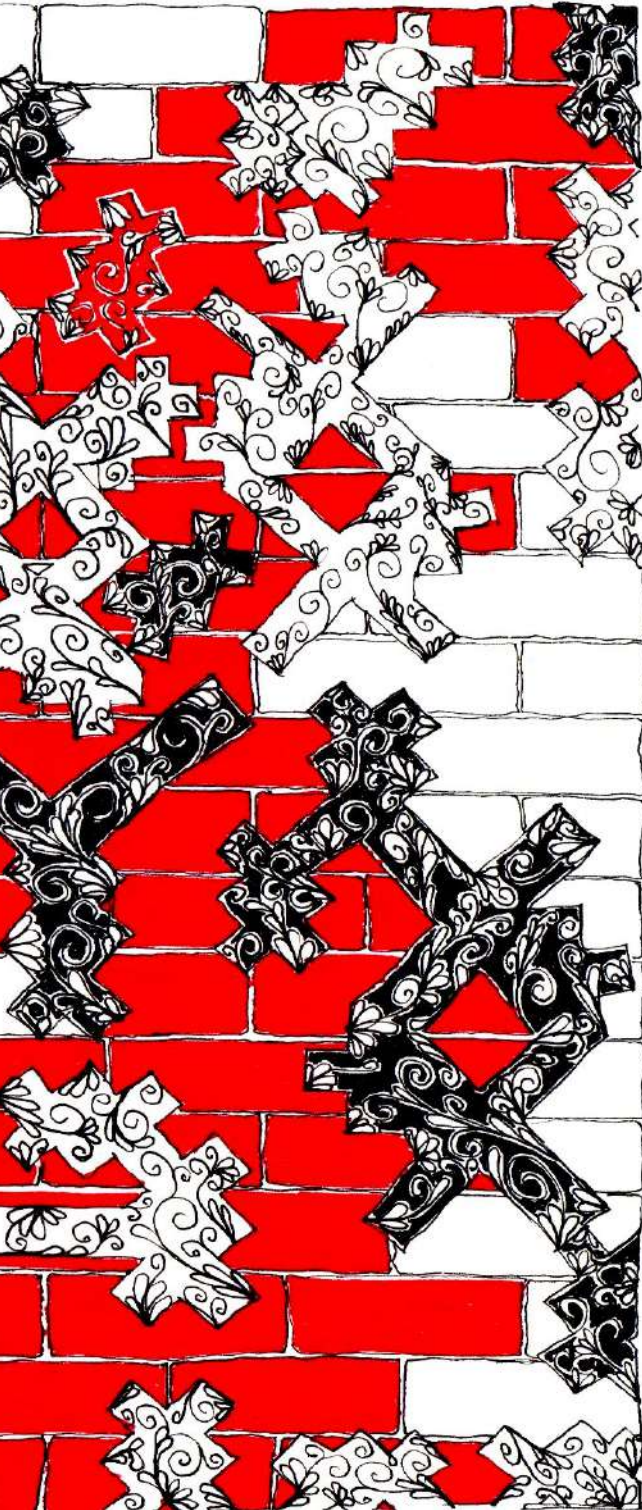


Por aqui encerramos nosso encontro.
Espero que depois desta visita,
estejam todos cientes de que devem
escolher o que fazer com as memórias
reveladas e com as tantas outras aqui
guardadas.



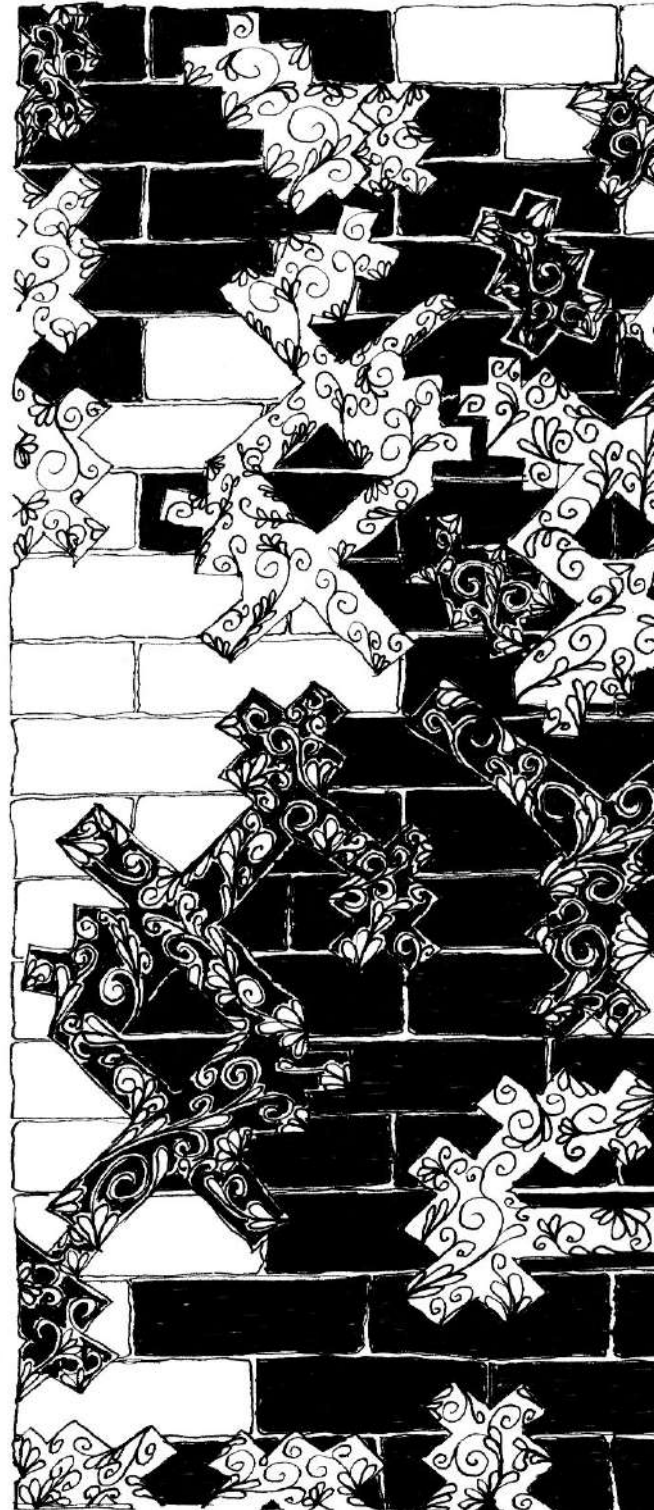


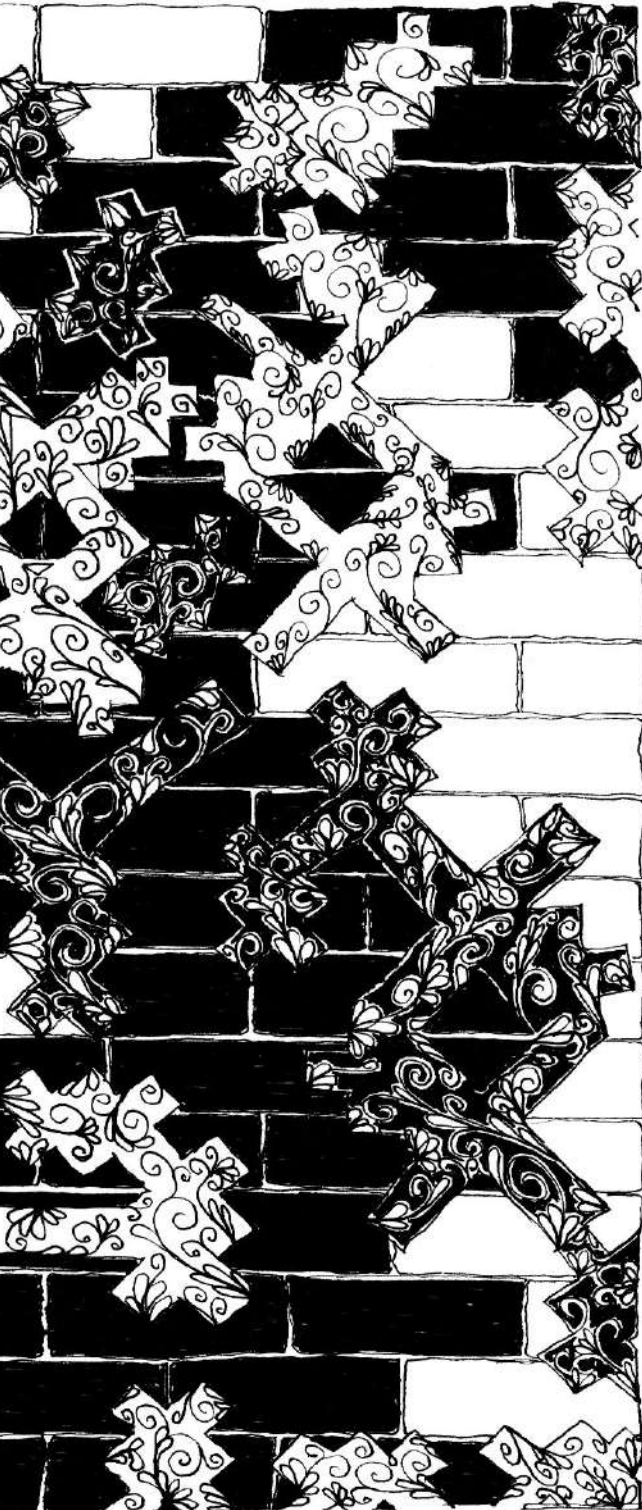




memórias imaginárias

Processo





memórias imaginárias

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação

Ana Paula Patrone
Orientador: Prof. Dr. Luís Antônio Jorge

Dezembro de 2019
São Paulo

agradecimentos

Ao Teatral Rizoma e o Pontos de Fiandeiras
Anderson, João Paulo, Vivian, Camila, Roberta, Fernanda
queridos irmãos na arte de contar histórias e resguardar memórias.

Aos amigos de luta pela cultura e memória em Ribeirão Pires
reunidos no Movimento pela Preservação da Fábrica de Sal, o
Coletivo Sal da Terra e a grande família que é a Arca.
Marcelo, Fernanda, Otoni, Mariana, Rafael, Dona Inês.

A amiga Adélia Nicolete que através de seus ateliês e sua genial
dramaturgia desperta em todos nós a vontade de escrever.

Ao Prof. Luís Antônio Jorge pela acolhida e orientação,
assim como à Prof. Beatriz Mugayar Kühl e ao apoio da Prof. Clíce de
Toledo Sanjar Mazzilli para que eu chegasse ao final da graduação.

Amigos da EEMPLASA, funcionários e estagiários que lá conheci e que
dedicaram boa parte de suas vidas ao planejamento urbano do Estado
de São Paulo desde 1974 até sua extinção em 2019.

Amigos parceiros que junto comigo acreditaram que apesar das
muitas falas contrárias, era possível sair de uma escola pública e
ingressar na FAUUSP.

ABSTRACT

“imaginary memories” is a small set of illustrations and short everyday narratives about facts that might have happened around a factory building during its 120 years of existence. The building in question and the creative trigger for this work is the "Fratelli Maciotta Mill" located in Ribeirão Pires, popularly known as the "Salt Factory" and recently listed by CONDEPHAAT. The process of collecting and crossing historical information, individual and collective memories, images and personal perceptions about the place, established the references for composition and organization of narratives and illustrations.

KEY-WORDS: memory; narrative; illustration; cultural heritage.

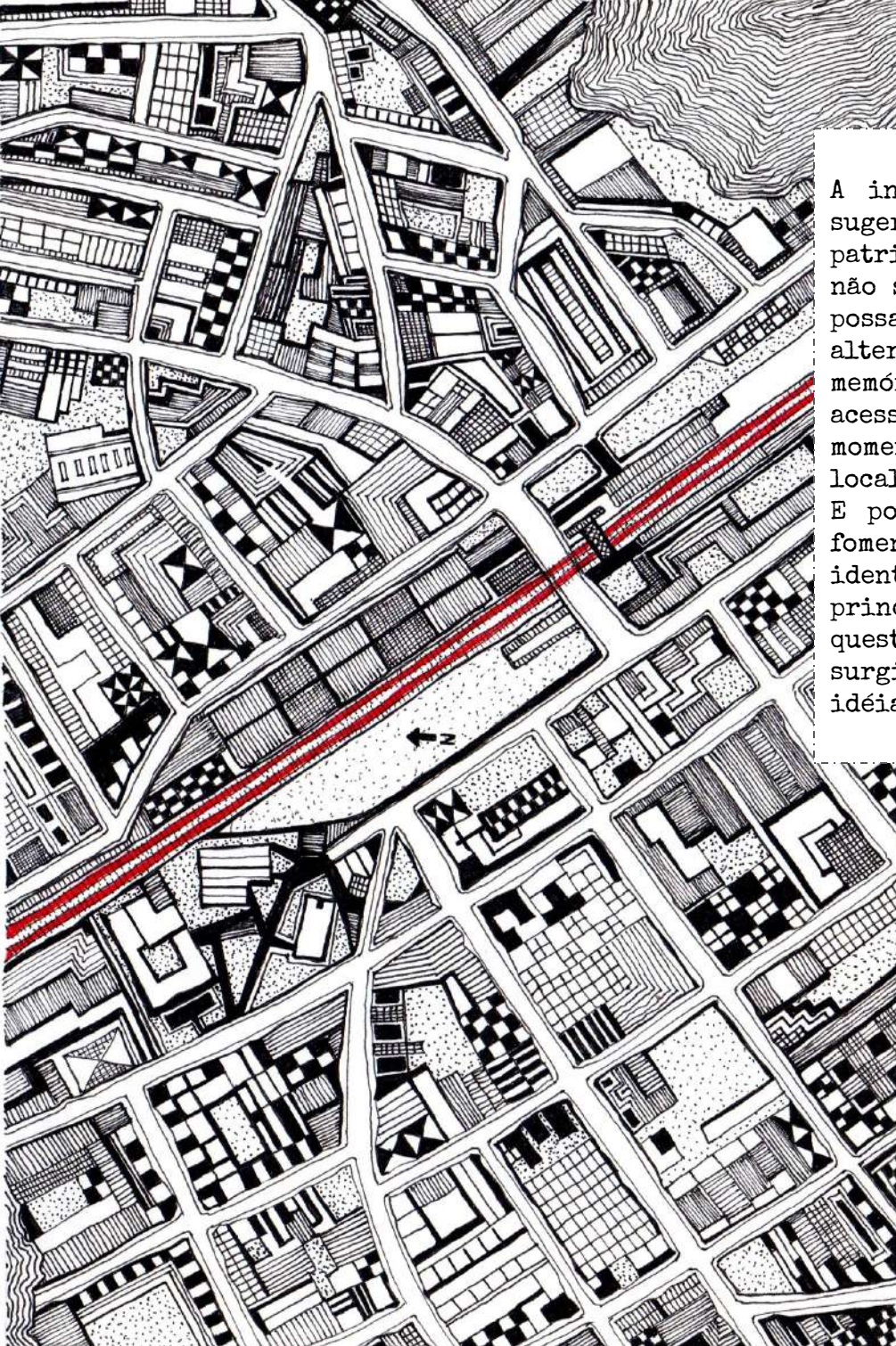
RESUMO

“memórias imaginárias” é um pequeno conjunto de ilustrações e curtas narrativas cotidianas sobre fatos que poderiam ter acontecido em torno de um edifício fabril no decorrer de seus 120 anos de existência. O edifício em questão e que o foi disparador criativo para este trabalho é o “Moinho Fratelli Maciotta” localizado em Ribeirão Pires, popularmente conhecido como “Fábrica de Sal” e recentemente tombado pelo CONDEPHAAT. O processo de coleta e cruzamento de informações históricas, memórias individuais e coletivas, imagens e percepções pessoais sobre o lugar, estabeleceu as referências para composição e organização das narrativas e ilustrações.

PALAVRAS-CHAVE: memória; narrativa; ilustração; patrimônio cultural.

Sumário

apresentação	09	<i>Moinho Mortari (1916 – 1939)</i>	38
fábrica de sal	11	<i>Indústrias Miguel Adri (1939 – 1946)</i>	41
Pl 004/2016	13	<i>Refinaria C. Cotellessa (1946 – 2001)</i>	43
coletivo sal da terra	15	<i>Rodolpho Valentino</i>	49
o processo	17	<i>Centro Educacional (2001 – 2009)</i>	50
fase I – registros	19	fase V – estudos	52
fase II – elementos	20	fase VI – ilustrações	55
fase III – memórias	21	fase VII – narrativas	56
fase III – depoimentos	24	tombamento	57
fase IV – pesquisa	27	Pl 044/2018	59
<i>Contexto Inicial (1815 – 1891)</i>	28	últimas notícias	61
<i>Ferrovia</i>	30	créditos das imagens	63
<i>Moinho Fratelli Maciotta (1891 – 1916)</i>	34	bibliografia	69



A intenção deste trabalho é sugerir que uma apropriação do patrimônio cultural, ainda que não seja possível fisicamente, possa se dar de forma alternativa, pela evocação da memória. Esta sim é capaz de acessar o lugar a qualquer momento, independentemente da localização.

E por essa via poderiam ser fomentadas discussões sobre identidade e pertencimento, principalmente ao lidar com os questionamentos que podem surgir ao nos depararmos com a idéia de memórias imaginárias.

fábrica de sal



01

01 - Fábrica da Sal

03 - Biblioteca Olavo Bilac

02 - Escola Lavínia Figueiredo Arnoni

04 - Praça Celso Daniel



05 - Vila Mortari

07 - Terminal Rodoviário

09 - Rua do Comércio

06 - Matriz de S. José

08 - Museu Ferroviário

10 - Estação de Trem

Em 29 de janeiro de 2016, foi entregue a Câmara Municipal, o PL 004/2016 [01]. O projeto objetivava obter autorização do legislativo para concessão do terreno do imóvel denominado Moinho Mortari, conhecido popularmente como “Fábrica de Sal”, a uso particular, pelo período de tempo determinado de 99 anos, para construção e instalação de um Shopping Center.



GABINETE DO
PREFEITO

PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE RIBEIRÃO PIRES

PROJETO DE LEI Nº 004, DE 29 DE JANEIRO DE 2016.

Autoriza o Poder Executivo a conceder direito real de uso gratuito de área para construção de Shopping Center através de procedimento licitatório, e dá outras providências.

SAULO MARIZ BENEVIDES, Prefeito do Município da Estância Turística de Ribeirão Pires, no uso das atribuições que lhe são conferidas por Lei, faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a conceder, nos termos dos artigos 67 e 69 da Lei Orgânica do Município, o uso a particular, por tempo determinado e através de procedimento licitatório a área abaixo descrita para construção e instalação de Shopping Center:

“Um terreno com área total de 12.000 metros quadrados, imóvel denominado Moinho Mortari, situado nesta Cidade e Comarca de Ribeirão Pires, confinando pela frente com a Avenida Coronel Saladino Cardoso Franco, pelos fundos com a Linha de Santos da São Paulo Railway, por um lado com terrenos do espólio de José Mortari e por outro lado com propriedade de Agostinho Pereira Figueiredo, e com uma rua que nele termina, existindo no mesmo terreno uma construção de 1.500 metros quadrados, para fins industriais e três casas para empregados, mais uma área de onde está situada uma construção denominada 08, com área total de 520,04 metros quadrados, mais uma área onde está situada um trecho da avenida Santo André com área total de 133,84 metros quadrados, mais uma área na divisa com a rede ferroviária federal com 1.363,62 metros quadrados, totalizando uma área com 14.017,50 metros quadrados.”

§1º A concessão de uso de que trata a presente lei será outorgada a título gratuito pelo período de 99 (noventa e nove) anos a contar da assinatura do contrato de concessão, seguindo as condições estabelecidas no edital de licitação e que deverão ser cumpridas pela concessionária.

§2º A regulamentação dos encargos sobre a concessão de uso do bem público municipal será fixado no edital de licitação e no contrato a ser celebrado, expedidos pelo Poder Executivo.

§3º O edital de licitação conterá as exigências para a exploração do uso da área pelo particular.

Art. 2º A concessionária deverá promover por sua conta, sem ônus ao Município, a construção na área descrita no artigo 1º desta lei, de um prédio destinado à instalação do Shopping Center, atendendo todas as exigências lançadas no edital.

Parágrafo único. A utilização da área descrita no artigo 1º será única e exclusivamente para construção e instalação do objeto mencionado no caput deste artigo, não podendo haver transferência para outra entidade congênera, nem alteração da destinação do seu objeto.



GABINETE DO
PREFEITO

PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE RIBEIRÃO PIRES

Art. 3º Será motivo de revogação da concessão e rescisão, o desvio de finalidade ou o descumprimento no disposto nesta lei, no edital de licitação ou no instrumento contratual.

Art. 4º Fica desafetada a área descrita no artigo 1º desta lei.

Art. 5º As despesas decorrentes da presente lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 6º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires, em 29 de janeiro de 2016 - 302º Ano da Fundação e 62º da Instalação do Município.

SAULO MARIZ BENEVIDES
Prefeito

02

PL 004/2016

No dia 02 de fevereiro, poucos dias depois do projeto ser submetido à Câmara, o CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) emitiu ofício [02] notificando e esclarecendo o Poder Executivo de que havia dado início ao processo de reconhecimento da Fábrica de Sal como Patrimônio Cultural do Estado de São Paulo, e que desta forma o bem não deveria sofrer nenhum tipo de intervenção sem prévia autorização do Conselho “a fim de evitar sua descaracterização”.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
 CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
 Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
 UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

Ofício Condephaat-133/2016
 Processo 75906/2016

São Paulo, 02 de fevereiro de 2016.

Exmo. Senhor Prefeito,

É com satisfação que notificamos a Vossa Excelência que teve início o processo de reconhecimento como Patrimônio Cultural do Estado de São Paulo a antiga Fábrica de Sal situada a Avenida Humberto de Campos, 84 no município de Ribeirão Pires, conforme decisão do Egrégio Colegiado do Condephaat, de abertura do processo de tombamento do referido bem, na Sessão Ordinária de 01 de fevereiro de 2016. Ata nº 1822.

Esclarecemos que o bem fica com sua preservação assegurada a partir da referida decisão, nos termos do artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79, devendo qualquer intervenção no aludido bem ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT, a fim de evitar sua descaracterização, destacando que eventual infração incorrerá nas sanções de natureza administrativa, penal e civil previstas na legislação vigente.

Lembramos que a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo disponibiliza a seguinte estrutura de apoio aos proprietários:

- ✓ A equipe da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico, incluindo seu corpo técnico qualificado para a orientação quanto à conservação de bens, diretrizes de intervenção e procedimentos de projeto e protocolo;
- ✓ A possibilidade de acessar o Programa de Ação Cultural (ProAC), financiando propostas de recuperação e conservação de imóveis protegidos como patrimônio pelo Condephaat.

Uma vez protegido pelo CONDEPHAAT, um bem também pode ser beneficiado pela legislação federal para sua recuperação. No seu município, o proprietário pode ainda consultar instâncias locais para verificar meios de estímulo à preservação do patrimônio histórico.

Mais informações sobre o Condephaat/UPPH e o tombamento de bens podem ser obtidas no endereço: www.cultura.sp.gov.br ou pelo telefone (11) 3339-8000.

Atenciosamente,


VALÉRIA ROSSI DOMINGOS
 Vice Presidente

Exmo. Senhor Prefeito,
 Saulo Mariz Benevides
 Prefeitura Municipal de Ribeirão Pires
 Rua Miguel Prisco, 288
 Ribeirão Pires - SP
 09400-110

A solicitação de tombamento do “Edifício Dom Helder Câmara (antigo Molino di Semole Fratelli Maciotta & C.) conhecido na cidade apenas como “Fábrica de Sal”, incluindo sua chaminé”, havia sido proposto em 17 de agosto de 2015 sob protocolo 108328/2015 no CONDEPHAAT, pelo Prof. Mauricio Tintori Piqueira, presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural e Natural de Ribeirão Pires – CDPCN e teve sua Diretriz de Tombamento elaborada por Marcílio de Castro Duarte do Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio (CATP) da Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura da Estância Turística de Ribeirão Pires.

“O Moinho Fratelli Maciotta é, contemporâneo às estações ferroviárias de Ribeirão Pires e de Rio Grande da Serra, ambas tombadas pelo Condephaat em 2012, e à Vila Ferroviária de Paranapiacaba, tombada pelo Iphan em 2008. É um dos poucos remanescentes de edifícios fabris datados de antes dos anos 1950 em toda a região do Grande ABC. Trata-se, portanto, de um raro exemplar dos processos históricos de industrialização, urbanização e imigração tão características não só da região do Grande ABC como de todo o Estado de São Paulo” (PAIVA, 2016)

coletivo sal da terra



04

O Coletivo Sal da Terra foi formado a partir dos encontros da população no acompanhamento às sessões ordinárias da Câmara Municipal. Este grupo de artistas, educadores, representantes de diferentes movimentos partidários e da sociedade civil foi organizado com o intuito de evitar a aprovação da PL 004/2016. A participação ativa com faixas, cartazes e protestos, alcançou adiamentos de pauta, cancelamento de sessões e por fim a convocação de uma audiência pública para discussão do projeto. Paralelamente o Coletivo optou pela realização de uma ocupação cultural na “Fábrica de Sal”, como forma de protesto e conscientização da população.

Por um período de 2 meses a ocupação ofereceu à população de Ribeirão Pires uma programação cultural com atividades gratuitas para todas as idades [04]. A Ocupação Cultural recebeu apoio da população local e de diversos artistas da Região Metropolitana de São Paulo.



Após nova interdição do edifício da Fábrica pela defesa civil as atividades culturais do Coletivo passaram a ser realizadas integralmente na Praça Celso Daniel.

Então os portões de acesso à praça foram soldados e posteriormente reabertos apenas durante os dias letivos, impedindo a realização de atividades aos finais de semana. A praça passou a ser utilizada como estacionamento de ônibus escolares municipais e veículos particulares dos funcionários da prefeitura.

A Ocupação Cultural terminou e a PL 004/2016 não foi aprovada.

“A pesquisa se divide em dois percursos: primeiro coletar informações que são facilmente acessíveis e identicamente obteníveis por qualquer pessoa; segundo, fazer uma pesquisa original ou primária, que é o resultado do ponto de vista pessoal, exclusivo do pesquisador. [...] a pesquisa primária, ou o ato de olhar mais longe, é um processo muito distinto...” (HOWARD, 2015,p.109)

“A arquitetura e o espaço cênicos são sempre definidos em um contexto. Para entender isso, é importante pesquisar e entender a história do espaço. Que segredos contam essas paredes? As pedras falam, e os espaços conservam memórias. Dessa maneira, **a dramaturgia do espaço é criada.**” (HOWARD, 2015,p.48, grifo nosso)

pedra
eira flor

o processo

As primeiras ilustrações foram criadas a partir de croquis e de percepções do espaço, relatos de trabalhadores e familiares que tiveram relação com a “Fábrica de Sal” e textos elaborados em um ateliê de escrita criativa realizado no local durante uma Ocupação Cultural em 2016.

Em seguida foi feito um levantamento de registros históricos e material audiovisual que associados às primeiras ilustrações alimentaram a composição de narrativas e consequentemente de novas ilustrações.

Para melhor compreensão do processo, este foi organizado em 7 fases que vão desde pesquisa à produção final do trabalho com alguns exemplos do material produzido.





fase I - Registros por meio de desenhos de observação, mapas de memória, imaginação e afetividade.

fase II - Estudos do espaço com foco em elementos do edifício: passagens, limitações e delimitações.

fase III - Criação de textos e coleta de depoimentos sobre a memória do edifício.

fase IV - Pesquisa de fatos históricos, imagens e documentos relacionados ao lugar.

fase V - Estudos de texturas

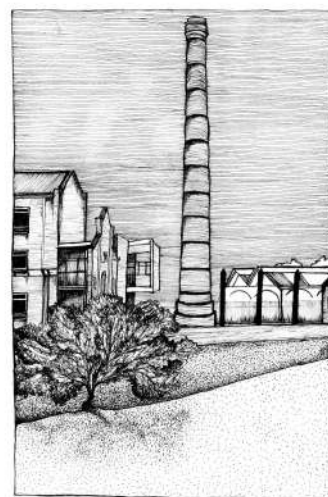
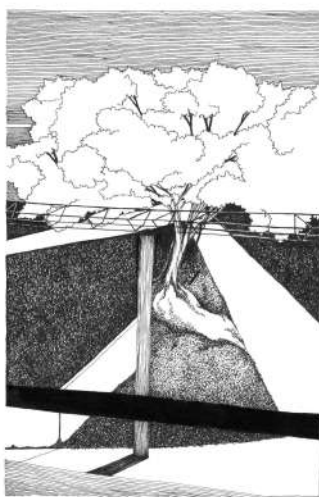
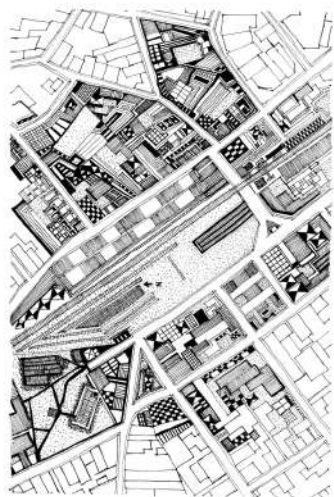
fase VI - Ilustrações criadas a partir de textos e memórias.

fase VII - Narrativas produzidas a partir dos registros de pesquisa e ilustrações.

Mapas imaginários, de memória e desenhos de observação.

fase I – registros

A fase I foi iniciada com a produção de mapas imaginários, de memória, e pela releitura de desenhos de observação feitos durante as muitas visitas ao local de estudo desde o período da Ocupação Cultural, pelo Coletivo Sal da Terra. Com a impossibilidade de acesso e permanência seguros no espaço da Fábrica, as visitas passaram a ser mais escassas e foram trocadas pela análise dos materiais coletados dando início à fase II.



fase II - elementos

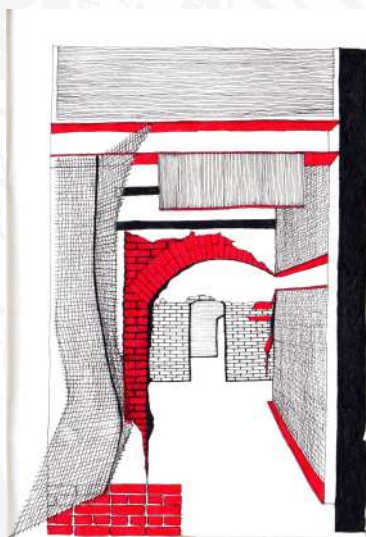
Elementos do edifício:
passagens, limitações,
delimitações e texturas.

Nesta fase os croquis passaram a ser produzidos com foco na intersecção das linhas, e na correspondência de formas e texturas identificadas no espaço físico, condensando todo um conjunto de referências e memórias em uma única imagem. Assim como o acesso à memória pode às vezes apresentar uma lógica própria, quando “uma coisa, puxa a outra, que puxa a outra...” alguns croquis apresentam diferentes escalas, algumas mesclas de elementos internos e externos e de diferentes pontos de vista. Foi assim que a observação dos elementos da cidade por meio dos percursos e dos mapas (viário, ferroviário, uso do solo) da fase I deu lugar a observação dos elementos do edifício na fase II

Passagens: as aberturas (portas, janelas, vãos).

Delimitações: as transparências e vazamentos (resquícios de vidros, telas, grades, corrimãos)

Limitações: as estruturas (colunas, vigas) e os fechamentos (paredes, telhados)



Criação de textos
relacionados a
memória do edifício.

fase III – memórias

A partir de uma das atividades desenvolvidas na programação da Ocupação Cultural, uma série de textos foram elaborados pelos participantes. Estes textos desenvolvidos no Ateliê de Memórias ministrado pela escritora Adélia Nicolete, foram criados a partir da observação cotidiana, das memórias de vida e das experiências desenvolvidas durante a ocupação artística na Fábrica. Os participantes do ateliê deveriam escrever sob a perspectiva do edifício, como se este fosse um ser vivo, uma personagem da cidade. O que viu em todos estes anos? O que sente? Quais as histórias que moram na sua memória?

EXISTIR

Com meus olhos trincados de pedra e luz vejo as crianças correndo pra mim
e lembro das crianças que corriam de mim.

Penso naquela gente toda que ia e vinha, que cumpria sua função.

Eu nasci com função, nasci com destino traçado

fui pensada em papel, fui moldada da terra, do barro, vim do chão.

Cresci no dia a dia, trabalhada nas mãos de homens e mulheres
obra filha dos meus filhos, obra prima sem Adão.

Vi e vejo, em todos os meus centenários dias, a cidade que não me vê.

Não sabem eles da minha natureza, que nela fui criada transformadora,
gestante de matérias, fazedora de memórias...

Hoje transformada, na inevitável roda das existências

me restou ver as crianças correndo em torno de mim, sorridentes sob o sol

me guardando e me lembrando, que tudo sei daquilo que fui

e que pouco sei daquilo que serei.

Ana Paula Patrone

SAL

Atravesso: existo. Sou memória do esforço humano, canto os sons do movimento do trabalho: mulheres que riem enquanto costuram sacos de sal, homens que rangem enquanto se tornam máquinas. Dançam todos no interior do meu coração feito de barro e vapor.

Atravesso: resisto. Sou música: harmonia dos trilhos, deslizar do trem que vai e vem, levando e trazendo a cidade que não me vê. Nas retinas partidas dos meus olhos Ribeirão Pires foi e sonha, sem saber ainda quem é, e eu a vejo desordenada, envolvida pelo colo da mãe-mata e sua branca manta.

Atravesso: respiro. O ar percorre meu interior e envolve em poeira outras faces, corpos de variadas lutas, passado e futuro que se unem em passarelas de vermelho-sangue: a cidade cheia de vãos, dividida entre ir - vir, estar - ser.

Atravesso: abrigo. Os filhos de mãe nenhuma se encolhem em meu útero - compartimento, espaço esquecido, pouco aquecido. Assim como os prédios, as pessoas também insistem nessa coisa que se chama viver.

Atravesso: existo, resisto, respiro, abrigo. Estou viva, terra temperada pela humana travessia: sou lágrima, suor, sal.

Vivian Darini

SEGREDO

Em minhas janelas abertas, poros, hoje corre solto o vento; assim respiro e de vida me preencho. Pelos meus olhos ainda ardem as luzes da alvorada que me aquecem.

Como um cisco, uma mulher de canto lamentava enquanto raspava o sal. Aguardava por alguém. A neblina fria e densa embaçava minhas vistas; as grossas lágrimas, as dela. Segredos de água e sal.

Em meio a névoa, uma imagem se formava: um homem de chapéu se aproximou e mal enxergou nosso sorriso. Um aceno. A mulher limpou os meus olhos por dentro e pude sentir o que de dentro de seus olhos explodiu, aquecendo meus vidros. Sorrisos de sol e sal.

João Paulo Maranhão

MÃOS

Mãos moldaram meus tijolos
Mãos os carregaram até aqui
Mãos os empilharam um a um
me forjando do porão à chaminé

Mão moveram os trens
que para mim trouxeram coisas
que outras mãos tiraram
da terra e da água do mar

Mãos transformaram a matéria
fazendo em mim o pão de cada dia de outras bocas
Mãos geraram em mim do sal da terra ao gosto amargo trilha
Mãos rudes, marcadas, cansadas e sujas que lançaram ao sal da carne
da sopa, do pão e dos sonhos de quem não tem o que comer
Mãos tocaram as notas do sopro dos ventos da mudança que soaram marcando
a troca de turno
a troca da matéria e da alma em meu ventre

Mãos me usaram. Mãos saíram de mim. Mãos me deixaram...
Agora outras mãos rastejam em mim, tateiam e se estendem
de encontro ao peito de quem deseja pôr em mim suas mãos
Mãos me fazem, mãos me desfazem
Assim como o vento, virão outras mãos

Marcelo de Paiva

fase III – depoimentos

Coleta de depoimentos
relacionados a
memória do edifício.

Os depoimentos coletados de trabalhadores e familiares destes sobre a Cotellessa, conhecida como Fábrica de Sal, e sua relação com a cidade foram publicados na Revista da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires no ano de 2004 por conta da inauguração do espaço reconvertido em Centro Educacional.

Antônia Constâncio

*Filha de Inês e Américo Constâncio, primeiro funcionário da Cotellessa,
que morou por 25 anos na fábrica.*

“Meu pai veio para São Paulo após a revolução de 1932, quando perdeu tudo no interior. Em 1936 começou a trabalhar na Cotellessa, quando esta ainda funcionava na capital, sendo o primeiro funcionário da empresa, 10 anos mais tarde a fábrica não tinha para onde crescer em São Paulo e foi então que o senhor Carmine Cotellessa tomou conhecimento do moinho de Ribeirão Pires, que seria ideal para a instalação da fábrica de sal, já que oferecia as instalações adequadas e ainda tinha a ferrovia que facilitaria o transporte. O problema é que com o frio conhecido da serra ninguém queria se mudar e então meu pai foi transferido comigo, que estava com cinco anos e com a minha mãe. Nós moramos nas dependências da fábrica por 25 anos, até meu pai se aposentar.

Cresci vendo o desenvolvimento da Cotellessa. A árvore que fica no centro da escola foi plantada pelo meu pai pra eu brincar embaixo. Lembro que quando sal chegava e era colocado nos armazéns que ficavam cheios até o teto, pareciam montanhas de cristais.

Na década de 50 a fábrica funcionava a pleno vapor, empregando mais de 300 pessoas, entre elas muitas mulheres que faziam sacos usados como embalagem, desde o corte dos panos, até a costura e o fechamento depois de cheios. Sem dúvida foi um dos primeiros locais a empregar mulheres na época.

Como passei toda a minha infância e juventude na Cotellessa tenho muitas lembranças. No terreno tinha plantação de frutas e eu brincava no local como se fosse o meu quintal.

Me lembro especialmente da sirene que soava pontualmente diariamente e principalmente a meia-noite do ano novo.

Era bonito quando chegava o trem com as galeras cheias de sal, que eram descarregadas pelos empregados e eu brincava nos montes de sal. Meu pai chegava em casa, branco de sal. Os utensílios tinham vida curta, pois enferrujavam.

Foi uma época muito boa. A própria cidade era diferente. A Avenida Humberto de Campos era uma picada onde se transitava a cavalo. O centro era apenas a Rua do Comércio. As colônias italiana, alemã, síria e japonesa imperavam por aqui.

Lembro que a Cotellessa apoiava vários eventos culturais da cidade. Tenho ótimas lembranças da minha infância e juventude.”

João Batista Travia Filho

Funcionário da Cotellessa de 1962 a 1966.

“Minha passagem pela Cotellessa foi rápida. Trabalhei como carregador de sal por apenas quatro anos. Minha função era descarregar as galeras que chegavam de Santos, para que o sal fosse trabalhado. Fui afastado do trabalho porque fiquei doente devido a salina, que prejudicou meus pulmões. Fiquei um ano fora e após retornar fiquei pouco tempo até sair de vez, retornando ao meu trabalho na ferrovia. Outra lembrança que eu tenho era de como o sal era trabalhado, como chegava em pedras, muitas vezes enormes e depois se transformava em sal refinado.”

Nilma Pavani Ferreira

Filha de Ida Napoli Pavani e João Pavani.

Sua mãe prestava serviço de costureira para a Cotellessa.

Não sei ao certo quantos anos minha mãe trabalhou para a fábrica de sal, mas foi um bom tempo. Eu era menina, tinha cerca de 10 anos e ela costurava os saquinhos de sal. Muitas mulheres faziam este trabalho em casa e foi um dos primeiros locais a dar oportunidade às mulheres na cidade. Na época morávamos na rua Rubião Júnior, que fica perto da fábrica e me lembro de ir à Cotellessa levar os sacos prontos e buscar o trabalho para minha mãe. Eu e minha irmã, que era um pouco mais velha aprendemos a costurar os sacos para ajudar a nossa mãe. Meu pai também prestou serviços à Cotellessa. Uma vez ele ajudou a consertar a chaminé que estava entortando. Uma das lembranças mais fortes que tenho é das mulheres trabalhando no local, seja pegando o serviço que levavam pra casa, como as que ficavam no local. Quando íamos na sede não entrávamos na fábrica, mas dava pra ver o movimento que tinha lá dentro.

Oliveira Prado

Encarregado de manutenção da Cotellessa entre os anos de 1970 e 1995

Trabalhei na fábrica de sal por 25 anos. Era encarregado da manutenção de todo o maquinário. Durante este tempo pude ver a evolução da fábrica até seus últimos dias de funcionamento. Me lembro que a sirene era o referencial de toda a cidade que se baseava nela para acertar os relógios. O apito era tocado diariamente por Milton Botacin as 6h, 7h, 11h, 12h e 17h. Uma das modificações que aconteceram enquanto trabalhava na Cotellessa foi a lei que o obrigava que o sal fosse iodado. Fui eu quem instalou tudo. Sempre tivemos uma ótima convivência dentro da fábrica, tanto dos funcionários, quanto com os patrões, que na época eram os filhos de Carmine Cotellessa, Aldo e Walter.

Como trabalhava com manutenção era difícil ter finais de semana, pois era quando as máquinas paravam. Também trabalhei muito à noite. Minha aposentadoria aconteceu no mesmo tempo que a falência da fábrica, então aquele foi meu último emprego. Além disso, na Cotellessa sofri um acidente, onde perdi a ponta de três dedos da mão direita. Aconteceu que fui reparar uma corrente que estava quebrada e outro funcionário ligou a eletricidade, fazendo com que a corrente funcionasse. Foi realmente uma fatalidade. Para mim era uma tristeza ver aquele local abandonado e desmoronando aos poucos. Acho uma boa ideia dar um uso ao local que já foi tão importante para a cidade.

Pesquisa de fatos históricos,
memórias, imagens e documentos
relacionados ao lugar.

fase IV – pesquisa

Contexto Inicial

(1815 – 1891)

Moinho Fratelli

Maciotta

(1891 – 1916)

Moinho Mortari

(1916 – 1939)

Indústrias

Miguel Adri

(1939 – 1946)

Refinaria C.Cotellessa

(1946 – 2001)

Centro Educacional

Ibrahim Alves Lima

(2001 – 2009)

A pesquisa foi organizada por períodos de tempo relacionados aos usos e ocupações do lugar, ainda que estes não tenham ocorrido de forma contínua.

Foi realizada a seleção de fatos que ocorreram no edifício, na cidade, no país e no mundo, e que de alguma forma contribuíram para o quebra-cabeças que inspirou a composição das ilustrações e narrativas das memórias imaginárias.

A coleta de materiais será apresentada a seguir, através de uma sequência de imagens relacionadas ao edifício em estudo, registros fotográficos e documentais, recortes de materiais de propaganda e imprensa que estão relacionados nos créditos ao final do presente trabalho.

Contexto Inicial (1891 - 1916)

05

06

07

08

09

Unificação Italiana (1815 - 1870)
II Revolução Industrial (1850 - 1870)

Diario Popular

PROPRIEDADE DE LISBOA, CAMPOS & COMP.
REDACTOR RESPONSÁVEL AMÉRICO DE CAMPOS - GERENTE JOSÉ MARIA LISBOA

ANNO VI

S. PAULO - Sábado, 16 de Novembro de 1889

VIVA A REPUBLICA

15 de Novembro de 1889

Eis a data que

Felicitações aos Brasileiros
Além das palavras de
Nem mais senhores, nem
Livres: livres: na lei
Esta que saluamos ser
Fazemos a República com
Uma República que seja
Hurrah! pelos Estados!

PI

CIDADÃO:

Retire a Nação! Pelo seu orgão
risando - o POVO! Foi proclamada a

Já anunciada pelas manifestações
Públicas, profundamente radical na to-

Sob a BANDEIRA DA REPUBLICA desappare-

ceram os velhos Partidos e unem-se todos os BRAZ-

LEIRAS para a felicidade da Pátria.

Chegou o período da organização, e é preciso
que todos os homens de boa vontade se congreguem
para salvar a pátria do perigo que a ameaça. A ge-

Dom Pedro Segundo, por Graça de Deus, e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil: Fazemos saber a todos os Nossos Subditos, que a Assembléa Geral Decretou, e Nós Queremos a Lei seguinte.

Art. 1.º Ficão prohibidas as aquisições de terras devolutas por outro titulo que não seja o de compra.

Exceptuão-se as terras situadas nos limites do Imperio com paizes estrangeiros em huma zona de dez leguas, as quaes poderão ser concedidas gratuitamente.

Art. 2.º Os que se apossarem de terras devolutas ou de alheias, e nellas derribarem matos, ou lhes puzerem fogo, serão obrigados a despejo, com perda de bemeitorias, e demais soffrerão a pena de dous a seis mezes de prisão, e multa de cem mil réis, além da satisfação do damno causado. Esta pena porém não terá lugar nos actos possessorios entre heréos confinantes.

§ Unico. Os Juizes de Direito nas correições que fizerem na forma das Leis e Regulamentos, investigarão se as Autoridades a quem compete o conhecimento destes delictos poem todo o cuidado em processa-los e puni-los, e farão effectiva a sua responsabilidade, impondo no caso de simples negligencia a multa de cincoenta a duzentos mil réis.

1889 - Lei de Terras

12

1850 - Lei de Terras
1889 - Proclamação
da República

11a



11b



Ciclo do Café (1800 - 1929)
Imigração Itália - Brasil (1870 - 1929)

13



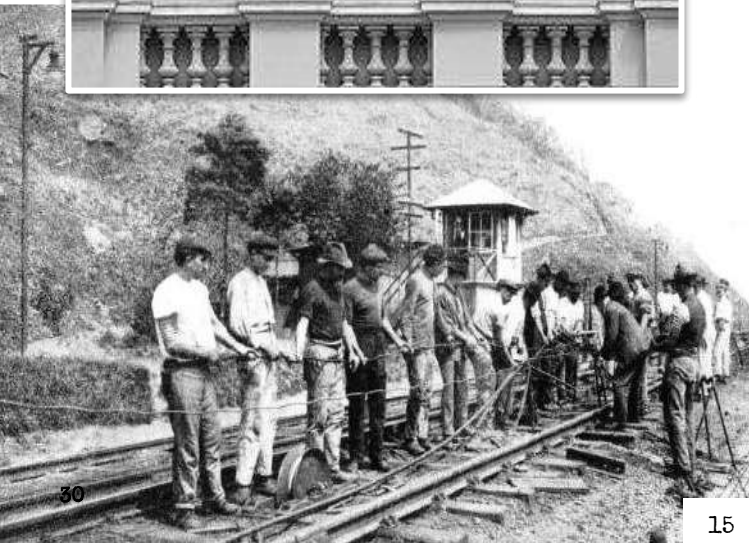


14

Ferrovia

Conforme decreto 1.759 de 26 de abril de 1856 foi concedido por Dom Pedro II o privilégio de exploração dessa ferrovia [14] ao Srs. : Marques de Monte Alegre, Conselheiro José Antonio Pimenta Bueno, futuro Marquês de S. Vicente e , Barão de Mauá, cujo nome por extenso era Irineu Evangelista de Souza, este por sua vez “ obteve em Londres o capital necessário para empreender a construção de 139 quilômetros de estrada de ferro ligando o porto de Santos à cidade de Jundiaí, localizada na região de expansão das plantações de café. O projeto completo da estrada de ferro foi encomendado ao engenheiro britânico James Brunless, que, por sua vez, enviou Daniel Makinson Fox ao Brasil, como engenheiro residente, para estudar as condições do território. No ano de 1859 o engenheiro D. M. Fox foi contratado para supervisionar a construção [15] da ferrovia San Paulo (Brazilian) Railway Company Ltd, ou simplesmente São Paulo Railway - SPR.” (SANTOS) [16]

16



15

Sobre o Decreto:

“Tendo em atenção o que me representarão o Marquez de Mont'Alegre, o Conselheiro José Antonio Pimenta Bueno, e o Barão de Mauá: Hei por bem Determinar o seguinte:

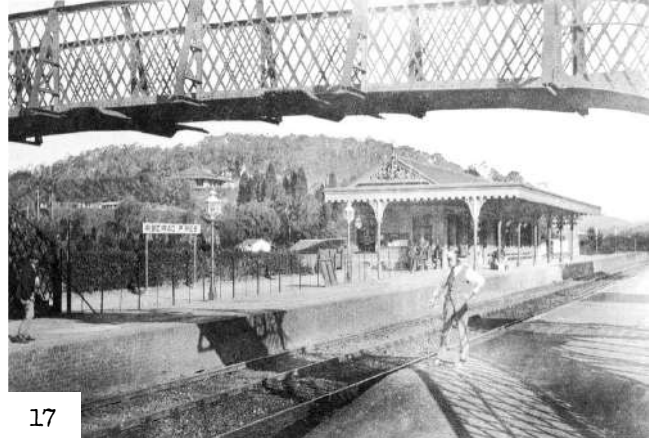
Art. 1º Ficão autorisados os referidos Cidadãos para incorporarem huma Companhia fóra do Paiz, a qual se encarregue de construir, usar e costear, mediante as condições a que se refere o Artigo seguinte, huma Estrada de ferro, que, partindo das visinhanças da Cidade de Santos, onde for mais conveniente, se approxime da de S. Paulo e se dirija á Villa de Jundiahy na respectiva Provincia.”

Sobre os trabalhadores:

“ Condição 8ª

A Companhia se obriga a não possuir escravos, e a não empregar no serviço da construcção da estrada de ferro senão pessoas livres, que, sendo nacionaes, poderão gozar da isenção do recrutamento, bem como do serviço activo da Guarda Nacional, e sendo estrangeiras, participarão de todas as vantagens, que por Lei são e forem concedidas aos colonos uteis e industriosos.”

[18]



Sobre o tempo de concessão:

“Condição 35.ª

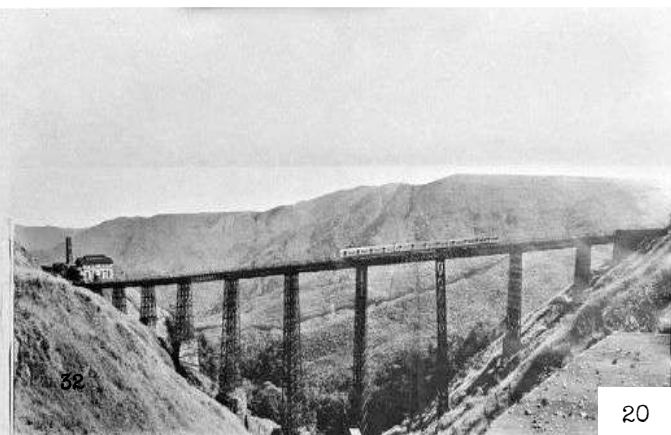
No fim dos 90 annos deste contracto cessa o privilegio concedido a Companhia; esta porém conservará a plenitude de seus direitos sobre a estrada de ferro e seus pertences, podendo usar della e custea-la como bem lhe aprouver, salvo sempre o direito de desapropriação que compete ao Governo.”





“O projeto divide a ferrovia em três segmentos para efeito de execução e operação. O primeiro trecho ligava o Porto de Santos à Raiz da Serra, atravessando uma planície pantanosa. O terceiro segmento ligava o topo da serra à cidade de Jundiaí, passando pela capital São Paulo. O segundo trecho, o mais complexo, correspondia à subida da Serra do Mar, contraforte rochoso, escarpado, com cobertura de floresta tropical sobre terreno frágil, sujeito a índices pluviométricos altíssimos, onde seria necessário vencer um desnível de 762 metros em apenas oito quilômetros.” (SANTOS,2016)

Em 15 de Maio de 1.860 foi iniciada a construção, no porto de Santos, em direção ao planalto. O tráfego da São Paulo Railway Company - SPR, que ligava a cidade de Jundiaí ao Porto de Santos, passando por São Paulo, foi inaugurado em 16 de fevereiro de 1.867, e não deixou estação ou parada nesta localidade, pois as mais próximas eram as estações de : São Bernardo (atual Santo André) e Rio Grande. Embora o núcleo já estivesse estabelecido desde 1877, a pequena estação de Ribeirão Pires foi inaugurada somente em 1º de março de 1.885 sob a altitude de 751 m acima do nível do mar. Sua “denominação se deve ao sítio homônimo, pois que o ribeirão destes tempos, era conhecido como Grande e não dos Pires.” (SANTOS,2016)





21

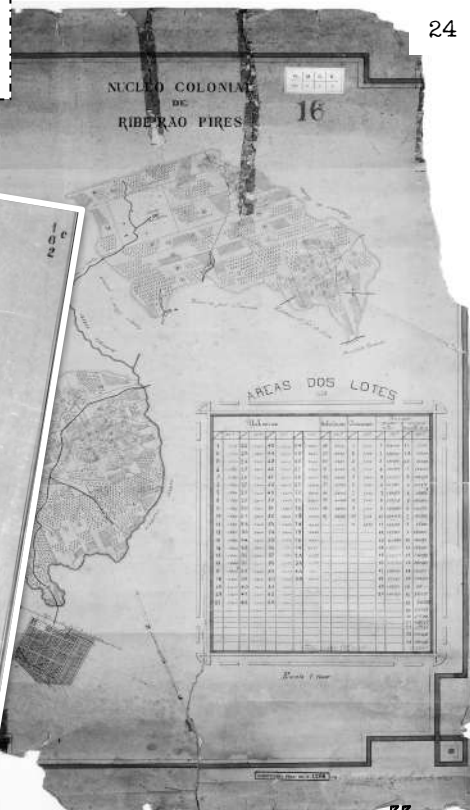


22



23

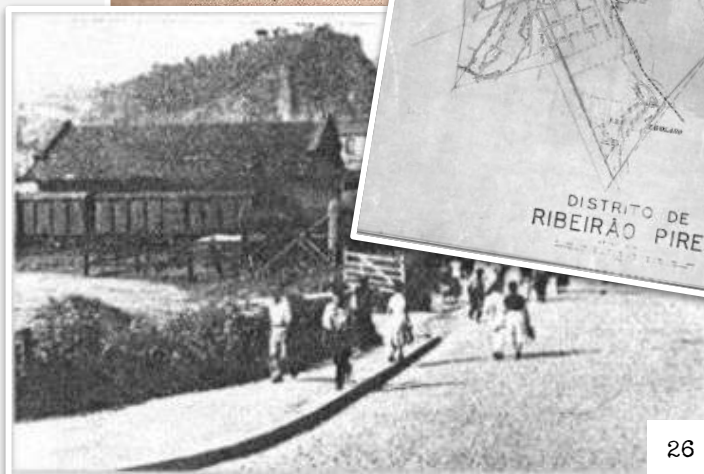
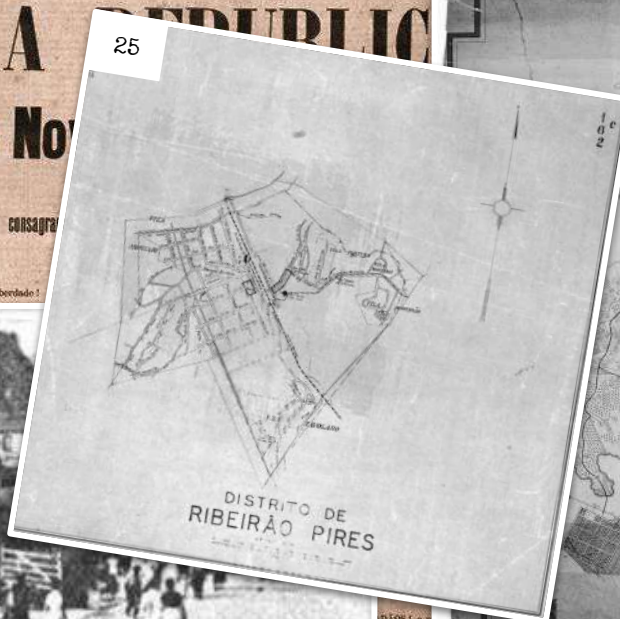
1883 - Projeto do Núcleo Sede de Ribeirão Pires
1887 - Projeto do Núcleo Colonial



24



25



DIOS E a
Egualdade e
cordeiro de
BRASIL
O
NA DE SIO
Bato
Felicidade de Moisés.
São antigos por estar alicer-

26

33



Moinho Fratelli Maciotta (1891 - 1916)

Frederico veio de Quittengo, na Itália, em 1895. Projetou o edifício do moinho Fratelli Maciotta em 1898 e mudou-se com sua família [27] para Ribeirão Pires, residindo na casa construída no terreno do moinho. A firma Fratelli Maciotta foi registrada em 1891 em Gênova [28], antes mesmo da chegada ao Brasil, junto aos irmãos Anacleto, Ottavio, e suas respectivas esposas. Foram realizados grandes investimentos desde a aquisição do terreno por 20 contos de réis até a construção e compra das máquinas, chegando a aproximadamente 500 mil libras italianas. Porém o moinho não gerava lucros suficientes para pagar os altos investimentos ali aplicados. Em 1910, o moinho com todo o seu maquinário foi locado para o Sr. Pinotti Gamba. A declaração de falência veio em 1915 e no ano seguinte seria realizado o leilão de todos o bens da família. O moinho foi arrematado pelos irmãos Mortari.

28



01-01-1891

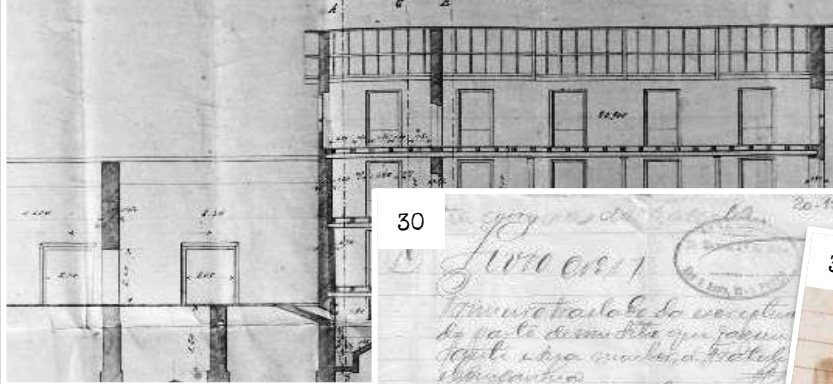
CONSTITUIÇÃO DA
SOCIETÀ
PROPRIO

Colla presente privata scrittura, tra
i Signori Maciotta Federico, Maciotta
Anacleto e Maciotta Ottavio,
fratelli, e figli tutti della Capanna
di coerenza e si stipula quanto segue:
1.° È costituita una Società con capi-
tale illimitato fra i detti fratelli
Federico, Anacleto ed Ottavio.
2.° La Società ha per scopo di andare
agli appalti sia pubblici che privati
per qualsiasi genere di costruzioni e
per impieghi qualsiasi.
3.° I lavori saranno presi in testa
dal Federico Maciotta il quale avrà
la Direzione Generale dei lavori e
mandato di piena fiducia per
ogni atto amministrativo.
4.° Lui quadragesimili farà
prelevare una quota del dieci
per cento (10%) a favore del
Federico Maciotta per la sua
qualità di Direttore. Alle rimanenti
venti decime parti su cento farà
modificare per un terzo per ciascuna
delle parti.

MOLINO DI SEMOLE - F^{ma} MACIOTTA & C

29

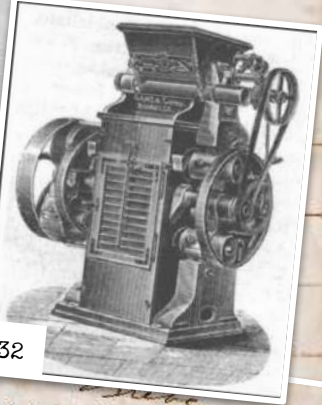
scale as 1:100



30

31

32



Costo di
la Torquetti
 $22.500 + 1.500$

[illegible]

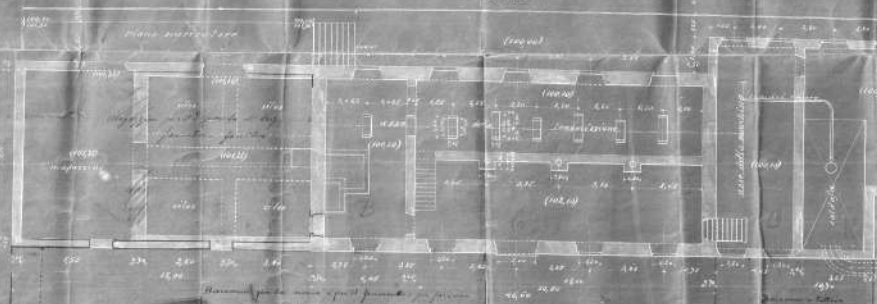
Relazione del proprietario terreno del mulino
in Ribinão Pires (São Paulo Brasil).

Area = 970.866 sq.

Ataques:
 fca. Santos e Paulo 46
 " Santos e Ribeirão 46
 " Ribeirão e Paulo 30

Area totale mq. 920 n. 1

33



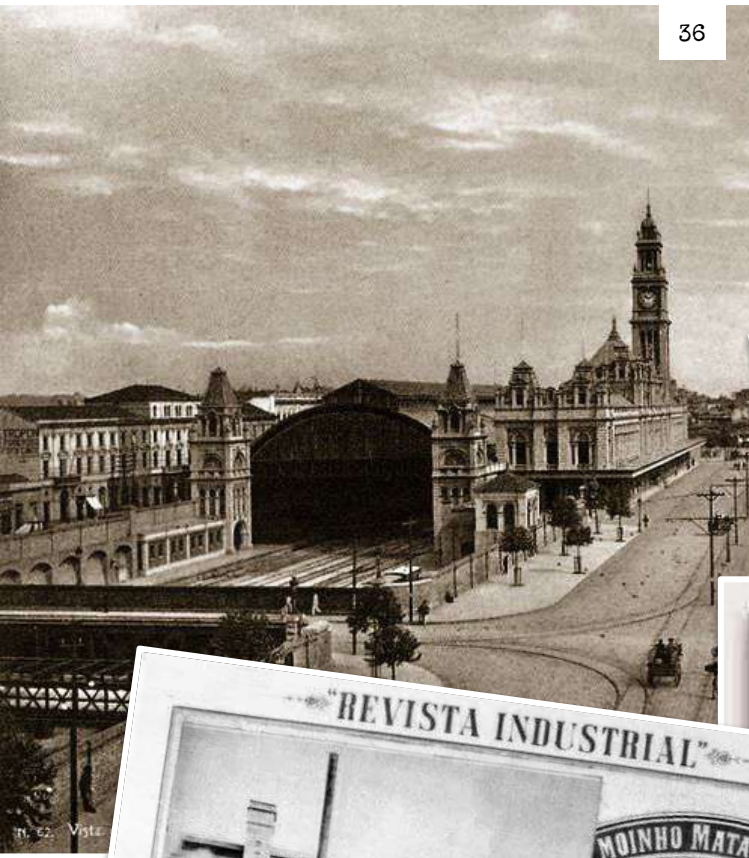
34

DISTRITO DE PAZ DE RIBEIRÃO PIRES
Cidade 1310-000

35

35

36



37



39

VALORISAÇÃO DO CAFÉ

...antecipamos, as presidentes
...de S. Paulo, Minas e
...am quase toda a noite
...o a discutir as bases do
...para a valorização do
...
...essão correu sempre aca-
...ngando o princípio pelo
...dr. Nilo Peganha desde
...se balera, de que o pr
...e iunrestimo até ao cal

38



36

40

"REVISTA INDUSTRIAL"

42



43

CONTRACTO

DE

LOCAÇÃO

Os abaixo assignados, Fratelli Maciotta & C. repre-
Ottavio Maciotta, como locadores, e Gamba & C. repre-
Egídio Pinotti Gamba, como locatarios, têm entre si
seguinte :

44



45





46

Moinho Mortari

(1916 - 1939)

Giuseppe e Palaride Mortari, o primeiro conhecido como José Mortari era casado com Catarina Benedetti Mortari e o segundo com Emma Mortari. Ambos naturais de Poggio Rusco, na província de Mântua, Norte da Itália, chegaram em São Paulo no ano de 1894, onde fundaram seu primeiro negócio familiar, uma fábrica de sabão e posteriormente tornaram-se sócios na Fábrica de Tecidos de Lã Fratelli Mortari (Lanifício Mortari).



47

Os irmãos Mortari arremataram o Moinho em 1916 e criaram o Moinho di Semole Mortari, conhecido apenas como Moinho Mortari onde foi produzido trigo e fubá.

No entorno foi criada a Vila Mortari e a Olaria onde trabalharam muitos colonos que vieram do interior. Embora existam poucas informações sobre este período sabe-se que que funcionou até 1935, existem relatos de que o moinho talvez já desativado em 1932, teria sido requisitado como galpão de pólvora, segundo o Decreto nº 5669.

Existem também relatos de que entre 1938 e 1939, tenha recebido um empreendimento da indústria de seda. (DUARTE, 2016, p.25)



48

49

50

51

52

53

56

59

NOVAMENTE AGITADA A BOLSA TÍTULOS DE NOVA YORK

Mais uma considerável baixa sofrida pelo
Os prejuizos são



*Fui enfermeira da Cruz Azul,
quando da Revolução de 1932.
Os soldados vinham com o trem de
Santos, tarde da noite, por causa
do perigo, mas eram bem recebi-
dos pelos antigos moradores da ci-
dade e ficavam nas casas dessa rua
(R. Dr. Jorge Tibiriçá, onde mo-
rava). Os soldados se escondiam
no prédio da cadeia pública, pois
lá também era um quartel.*

Archângela Manno, em depoimento dado à jornalista Eugênia Pires (DGABC, 1982).

FOLHA DA MANHÃ A QUEIMA DO CAFÉ

para a "Folha da Manhã") Dr. J. Americo Sampaio
(Da Associação de Lavradores de Jaboty)
e que no Brasil ao dono chamar uma
caçaria, pelo seu enriquecimento, era
jugio e profundos malditos ao sa-
guo nacional, é o protocolismo al-
arica
a fo-
Brasil
recal-
ta no
o do
lo de
da
pela
pui-
o in-
alita
que
col-
que
onde
da-
ais o
rato-
são
os a

Domingo, 11 de Setembro de 1932

DECRETO N. 3.669, DE 11 DE SETEMBRO DE 1932

Cria o Departamento de Polvora de Guerra.

O DOUTOR PEDRO DE TOLEDO, Governador do Estado de São Paulo, por aclamação do Povo Paulista, do Brasil e da Força Pública, atendendo ao que entendeu pela Comissão Técnica Civil de Material de Guerra a necessidade de serem aumentadas as usinas de polvora de guerra para o consumo da instituição, resolveu:

- Fica criado o Departamento de Polvora de Guerra, a ser dirigido por uma comissão de três membros nomeados pelo Governador do Estado de São Paulo, a qual ficará subordinada ao Departamento de Guerra.
 - Este Departamento será dirigido por uma comissão de três membros nomeados pelo Governador do Estado de São Paulo, a qual ficará subordinada ao Departamento de Guerra.
 - O Departamento de Polvora de Guerra terá a seu cargo a montagem de novas usinas e a fabricação de polvora de guerra e a aproveitamento das usinas particulares já existentes que se prestarem para esse fim.
 - A Secretaria da Fazenda abrirá ao Departamento de Guerra os créditos necessários para a execução dos seus serviços mediante requisição da Comissão Técnica Civil de Material de Guerra.
 - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.
- PEDRO DE TOLEDO
Governador do Estado de São Paulo.

54

55



LA VIA MAG

A EPOCA

GUERRA

Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1932

A INFAMIA ALTA

No
agitad
queiro
rio de
tações
eleva
ações

do,
den

un
radi
dado

me

is
ri
é
O
m

is
ri
é
O
m

is
ri
é
O
m

is
ri
é
O
m

is
ri
é
O
m

is
ri
é
O
m

is
ri
é
O
m

is
ri
é
O
m

is
ri
é
O
m

57



58



59



60



61



62



63



40



64

À exceção de relatos colhidos na própria cidade, pouco se sabe sobre a Fábrica de Adubos. Seu nome jurídico era Indústria de Colas e Fertilizantes Miguel Adri, e passaria a operar no prédio do moinho, provavelmente a partir de 1939 ou 1940, após a desativação da Fábrica de Seda. Miguel Adri, proprietário e presidente, se instalou em Ribeirão Pires pelos mesmos motivos dos Maciotta e dos Mortari: a posição privilegiada entre o porto de Santos e a Capital e a existência de um ramal da linha ferroviária facilitando o escoamento da produção. (DUARTE, 2016, p.28)

Indústrias Miguel Adri

(1939 - 1946)

(...) se instalou ali uma fábrica de adubo (...) de matéria orgânica, feito de chifre e cascos de boi. Chamava-se Miguel Adri. Meu irmão trabalhou ali, na seção de contabilidade. O chifre e os cascos eram torrados e depois triturados para virar adubo. Exalava um cheiro terrível! Houve muita reclamação e mudaram-se para Rio Grande da Serra. Ficou novamente um período ocioso ali, sem nada. (PMETRP, 2004).



(18- 65



67



INTEGRA DA DRAMÁTICA PROCLAMAÇÃO ALEMÃ DE RENDIÇÃO

ACABOU! A GUERRA!

A ATA DA RENDIÇÃO INCONDICIONAL
FOI ASSINADA NO Q. G.

DIÁRIO DA NOITE

Delira o povo
com a rendição

ÚLTIMAS NOTÍCIAS DE TODO O MUNDO
**COMEÇA
AMANHÃ**
O MAIS COMPLETO SERVIÇO DE
INFORMAÇÕES RADIOFÔNICAS



Depois de um serviço especial da
United Press, o Reporter ESSO, notável
revista brasileira de rádio, lançada
pelo Standard Oil Co. do Brasil, dará
de amanhã em diante, ao público bra-
sileiro, as últimas novidades sobre as
consequências mundiais.

Reporter Esso

Espectáculo diariamente para a

RÁDIO RECORDER (1.000 Kcs) de



STANDARD OIL COMPANY

Creado o Departamento de Imprensa e Propaganda

68

Como está redigido o decreto
pelo presidente

O presidente Getúlio Vargas as-
signou, ontem, o decreto-lei que
cria o Departamento de Imprensa
e Propaganda em substituição ao
Departamento de Propaganda e
Diffusão Cultural.

E o seguinte o texto do decreto-
lei:

Artigo 1º

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

De-
pa-
g-
a-
u-
b-
p-
u-
b-
A
f-
m-
A
e-
n-
t-
e-
s-
da
s-
s-
e-
r-
v-
e-
l-
e-
m-
d-
e-
b-
l-
i-
c-
i-
n-
t-
e-
r-
b-
f-
i-
c-
a-
i-
n-
t-
e-
r-
c-
)

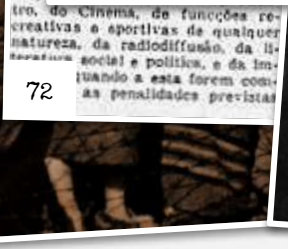
73



71



72



69



70

Refinaria C. Cotellessa

(1946 - 2001)

A São Paulo Railway Company (SPR) implantou um ramal de cerca de 400 metros ligando a ferrovia ao local de implantação do Moinho de Trigo, o que fez deste, o lugar ideal para a instalação da fábrica de sal C. Cotellessa S.A., que transportava o sal para refino e também para o distribuidor.

“O sal refinado pela Cotellessa vinha de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, em navios até o porto de Santos, de onde era trazido em galeras até a plataforma do moinho sendo então descarregado em galpões, que ficavam lotados até o teto. Em seguida, era escolhido, lavado, colocado em bandejas para ser torrado e então moído, peneirado e ensacado para a venda.” (Revista da Secretaria de Educação PMETRP, 2004, p.12)



74



75



76

JORNAL DE NOTÍCIAS

ASSUMIRA HOJE A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA O SR. GETULIO VARGAS

HOJE, 31 DE JANEIRO DE 1951,
DIA DA POSSE dos eminentes brasileiros

Dr. Getúlio Vargas

A CERIMÔNIA DE POSSE SERÁ INICIADA
ÀS 15 HORAS NO PALÁCIO TIRADENTES

CERRARÁ AS
SUAS PORTAS
O COMITÊ

80



77

FOLHA DE MAUÁ

EDITORIAL — C&A 120
ADMINISTRAÇÃO — C&A 120

Diretor: NICOLA TORTORELLI
Redator Chefe: ANTONIO RODRIGUES COSTA

PRACA RUI PLACER, 79
MAUÁ

ANO V

MAUÁ (E. F. S. B.) — 12 de Dezembro de 1953

N. 108

Nome do leitor

Nossa Luta Pela Nossa Emancipação



79

Vitoriosa Autonomia de Ribeirão Pires

Resultado do plebiscito realizado em 7 de dezembro de 1953, sobre a autonomia do município de Ribeirão Pires, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

Na votação plebiscitária realizada em 7 de dezembro de 1953, o povo de Mauá, por meio de seus representantes, aprovou a autonomia do município.

81



82



ULTIMO BILHETE DE GETULIO

DEIXA EM HERANÇA A PAZ E A UNIDADE NACIONAL

COMPRANDO SUA PROMESSA: "O MUNDO SARRI EM CATESE"

GETULIO VARGAS SUICIDOU-SE

Extra

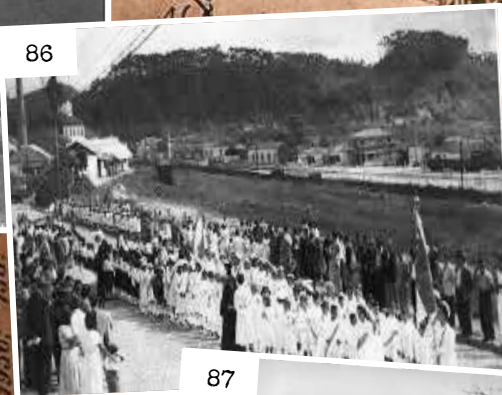
83

84



85

86



87



88



89



90



**"...CAMINHÕES BRASILEIROS
PARA ESTRADAS BRASILEIRAS..."**

JUSCELINO KUBITSCHKE



91

45

92



94a



94b

FOLHA DE S. PAULO

Este jornal é o coração do Brasil

Cr\$ 20

93

PODER NAS MÃOS MILITARES



94c



95



94d

Candidatura (TEXTO NA 6.ª PAGINA)

DE TODOS PARLAMENTARES E POLÍTICOS DE 58 PESSOAS



RECESSO POR TEMPO INDETERMINADO
SUSPENSO PARA DELITOS POLÍTICOS
PODER PARA CASSAR, DEMITIR, APOSENTAR E REMOVER

ATO-5: OBJETIVO É MANTER REVOLUÇÃO

Ordemada na Escola Marechal - Aqui, apresentamos o fim de um serviço à Pátria

Última

97



96

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO

SÃO PAULO, 20 DE ABRIL DE 1977

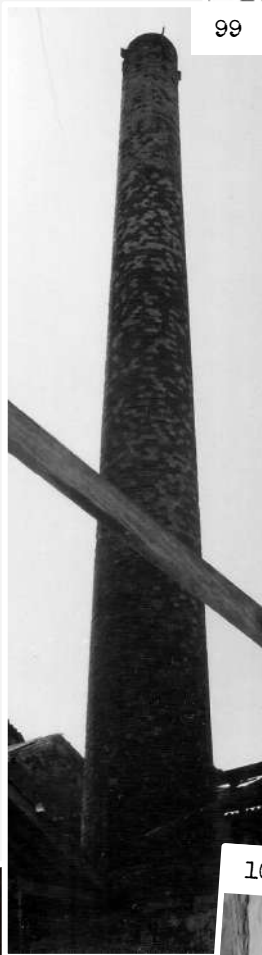
PÁGINA 5

1.º - Na hipótese do mandato anterior, a ordem fornecerá o atestado correspondente à ordem de prisão, em caso de prisão preventiva, ou no caso de prisão temporária, no caso de prisão temporária.

RECEBIMENTO A QUE SE REFERE O DECRETO Nº 914, DE 19 DE ABRIL, DE 1977

Recebimento das leis nº 198, de 14 de dezembro de 1975, e nº 1172, de 17 de novembro de 1976, que dispõe sobre o desligamento do uso do selo de identificação dos militares em serviço e a extinção da validade do selo de identificação dos militares em serviço.

46



99



98



101

Emenda de Fig
diretas em 88

POVO

100

Jaguaripe corre de barragem a barragem em toda a sua extensão, enquanto a população de Quatzen está aliada devido a guerra
* Rio Jaguaribe corre caudaloso
* Inúmeras localidades isoladas
* São intransitáveis
Antônio



102

103



104



105

106



107



108



109



110



111



112

Rodolpho Valentino

Diziam que o proprietário da refinaria, o Sr. Carmine Cotellessa, possuía semelhanças físicas com o famoso artista Rodolpho Valentino e que esta seria a inspiração para o nome e a imagem do “*Sal Rodolpho Valentino*”. [113]

Pela posição e traje da figura representada na embalagem foi possível identificar a personagem e o filme de referência.

The Eagle [115] é um filme mudo de 1925, dirigido por Clarence Brown e estrelado por Rodolfo Valentino ao lado de Vilma Bánky, Louise Dresser e Albert Conti.

O roteiro é baseado no romance inacabado Dubrovsky (1841) do escritor russo Alexander Pushkin. A czarina russa (Louise Dresser) é apaixonada pelo soldado Vladimir Dubrovsky (Rudolph Valentino), mas ele a rejeita. Por isso, ela pede a cabeça do rapaz a prêmio. O cossaco Dubrovsky resolve então usar uma máscara e assumir a identidade de Black Eagle, um justiceiro popular que não existe no livro e foi inspirado em Robin Hood. Mal sabe ele que sua principal vítima é o pai da mulher por quem está apaixonado, a senhorita Mascha Troekouroff (Vilma Banky).

DIREÇÃO: Clarence Brown
ROTEIRO: Alexander Pushkin
GÊNERO: Comédia, Ação, Drama, Romance
ORIGEM: Estados Unidos
DURAÇÃO: 73 minutos



113



114



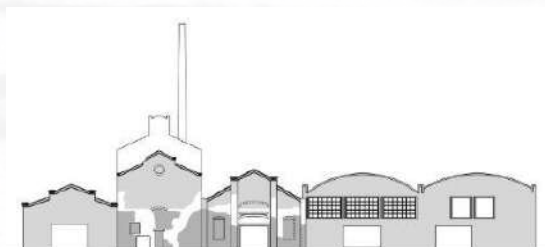
115

49

117



Centro Educacional Ibrahim Alves Lima (2001 - 2009)



116

118



119



Foram muitos os nomes e usos desde o nascimento do projeto como moinho de trigo em 1898 até chegar ao Complexo Educacional Ibrahim Alves de Lima [116], resultado do premiado projeto de reconversão de uso pelo escritório Perrone e Associados, entregue à população em 2004. Desde então, o edifício original passou a ser conhecido como Edifício Dom Helder Câmara [117] e recebeu como vizinhas mais duas construções; a escola de ensino fundamental, “Lavinia de Figueiredo Arnoni” [118] e a Secretaria de Educação, que posteriormente viria a sediar a Biblioteca Municipal “Olavo Bilac” [119], todos em torno da nova praça, “Celso Daniel”.



120

Desde sua interdição em 2009 [120], o edifício da Fábrica de Sal levantou muitas discussões sobre seu destino, assim como já havia ocorrido no período de 1996 a 2001 e que culminou em sua desapropriação [121]. A falta de manutenção por parte da municipalidade e as dificuldades em lidar com a contaminação por sal no terreno, contribuíram para que a edificação fosse transformada em um “volume” abandonado em meio ao percurso cotidiano das centenas de pessoas que ali passam diariamente, indo e vindo, entre bairro e centro.



121

fase V – estudos

Materialidades produzidas
a partir de fotos.



Materialidades produzidas
a partir de croquis.

fase V – estudos



fase V – estudos

Materialidades produzidas a partir de textos.



“Cruzar a linha é o desafio do tecer cotidiano.

A cada dia, um ponto dado em torno de si mesmo.”



Ilustrações criadas a
partir de textos e
memórias.

fase VI - ilustrações



“Minha passagem pela
Cotellessa foi rápida.
Trabalhei como carregador de
sal por apenas quatro anos.
Minha função era descarregar as galeras que
chegavam de Santos, para que o sal fosse
trabalhado.”



fase VII - narrativas

Narrativas produzidas a partir dos registros, estudos e ilustrações.

Cruzar a linha é o desafio do tecer cotidiano.

A cada dia, um ponto dado em torno de si mesmo.

A linha será responsável pela costura dos elementos e assim como trilhou caminhos, vai reunir memórias. Em torno dessa costura, todos os diferentes tecidos da cidade são unidos, não apenas fisicamente, mas pelo movimento em sua direção, fluindo por e sobre ela. Todos os dias a cidade se move para dentro e para fora, e em torno de si mesma. Aquela que trouxe o moinho, carregou o sal, conversou com o centro e guardou memória.

Aquela que alinha. Ela linha.

Resolução SC-15, de 26-2-2018

Dispõe sobre o tombamento do Edifício do Moinho Fratelli Maciotta, em Ribeirão Pires

O Secretário da Cultura, nos termos do artigo 1º do Decreto-Lei 149, de 15-08-1969, e dos artigos 134 a 149 do Decreto 13.426, de 16-03-1979, que permanecem em vigor por força do artigo 158 do Decreto 50.941, de 5 de julho de 2006, e com redação alterada pelo Decreto 48.137, de 07-10-2003,

Considerando:

As manifestações constantes do Processo CONDEPHAAT 75906/2016 o qual foi apreciado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT – em Sessão Ordinária de 12-12-2016, Ata 1866, cuja deliberação foi favorável ao tombamento do Edifício do Moinho Fratelli Maciotta, em Ribeirão Pires, sendo a minuta de Resolução de Tombamento também aprovada por aquele Conselho, em 12-12-2016, Ata 1866;

Que se trata de raro exemplar industrial do ramo alimentício na Região Metropolitana de São Paulo e um dos mais antigos do Estado;

Que o edifício é relevante exemplar de arquitetura e logística industrial de moinhos de pequeno porte;

Que é testemunha de pequenas indústrias familiares, pouco presentes na paisagem de São Paulo;

Que o edifício é representativo da ocupação industrial do Estado, apoiado nas políticas de incentivo à imigração europeia, o estímulo capitalista da ferrovia São Paulo Railway e nas ações de importação e exportação possibilitadas pelo Porto de Santos, em virtude de sua posição estratégica, no município de Ribeirão Pires;

Que sua presença, aliada à ferrovia, compõe importante paisagem industrial;

Resolve:

Artigo 1º. Fica tombado como bem cultural de interesse histórico-arquitetônico o aqui denominado Edifício do Moinho Fratelli Maciotta.

Artigo 2º. O presente tombamento é delimitado pelo perímetro de proteção, onde estão inclusos os elementos conforme descrição abaixo e identificação nos mapas anexos a esta Resolução:

I. Perímetro: sito no município de Ribeirão Pires, inicia na esquina leste da Av. Humberto de Campos com a Rua Major Cardim, seguindo no sentido noroeste; deflete a nordeste nos muros de divisa entre o lote do antigo Moinho e o imóvel situado à Av. Humberto de Campos 124; deflete a sudeste junto aos muros de divisa entre o lote do antigo moinho e a faixa de domínio da via férrea da antiga São Paulo Railway, hoje linha 10 da CPTM, defletindo a sul junto à mesma divisa; reflete a sudoeste na projeção da extremidade norte da Avenida Santo André; cruzando-a, segue junto aos muros de divisa entre o lote do Moinho e aqueles voltados para essa Avenida e a Rua Major Cardim, até atingir o ponto inicial, conformando-se o perímetro.

II. Edifício do Moinho: corpo central do edifício, excluído o volume lateral voltado para a Avenida Humberto de Campos – em Ribeirão Pires –, considerando ser essa uma intervenção contemporânea.

III. Chaminé

Artigo 3º. Ficam estabelecidas as seguintes diretrizes, de modo a assegurar a preservação dos elementos listados no Artigo 2º, reconhecendo a variedade e o dinamismo de suas funções:

I - Para todos os elementos listados no Artigo 2º, as intervenções previstas devem apresentar soluções em conformidade às suas especificidades tipológicas, materiais, construtivas e espaciais e arquitetônicas;

II - Fica sujeita à aprovação do CONDEPHAAT a instalação de bancas comerciais, pontos de parada de transporte coletivo, postos policiais, abrigos para táxi e quaisquer outros elementos de mobiliário urbano (exceto iluminação pública e sinalização semafórica) no interior do perímetro de proteção e nos passeios e vias públicas limítrofes, vetando-se antenas de telecomunicações, painéis luminosos e anúncios publicitários em tais áreas.

Artigo 4º Para efeito deste tombamento e considerando seu porte e presença na paisagem, fica estabelecida como área envoltória do bem a área assim descrita:

I. Área envoltória: polígono de formato triangular correspondente à área entre o Moinho e a via férrea da antiga São Paulo Railway, hoje linha 10 da CPTM, que inicia no sentido nordeste na extremidade norte da Av. Santo André junto ao lado sudoeste do lote do Moinho; deflete a noroeste junto à via férrea da antiga São Paulo Railway, hoje linha 10 da CPTM; deflete a sul junto aos muros de divisa entre o lote do Moinho e a faixa de domínio da linha férrea da antiga São Paulo Railway, hoje linha 10 da CPTM, seguindo até o ponto inicial, conformando-se o perímetro.

Parágrafo único. Estabelece-se o seguinte parâmetro para a área envoltória supra:

I. As intervenções realizadas no interior do polígono descrito no Art. 4º deverão manter recuo de 10 metros em relação à face leste do Moinho e gabarito máximo de 1(um) pavimento com no máximo 4 (quatro) metros.

Artigo 5º. Fica o CONDEPHAAT autorizado a inscrever o bem em referência no Livro de Tombo pertinente, para os devidos e legais efeitos

Artigo 6º. Constituem partes integrantes desta Resolução os seguintes mapas:

I: Mapa do Perímetro de Tombamento sobre foto aérea.

II: Mapa do Perímetro de Tombamento

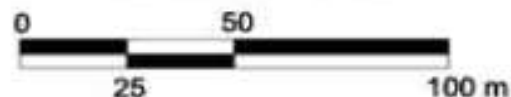
Artigo 7º. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação

I: Mapa do Perímetro de Tombamento sobre foto aérea



-  1 PERÍMETRO DE PROTEÇÃO
-  2 MOINHO
-  3 CHAMINÉ
-  ELEMENTOS LISTADOS
-  PERÍMETRO DE ÁREA ENVOLTÓRIA
-  ÁREA ENVOLTÓRIA

ELABORAÇÃO: ARQ. JOSÉ ANTONIO CHINELATO ZAGATO
BASE CARTOGRÁFICA: GOOGLE MAPS 2016





**PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA
TURÍSTICA DE RIBEIRÃO PIRES**

GABINETE DO
PREFEITO

§ 2º O donatário terá o prazo de 02 (dois) anos para conclusão das obras, prorrogáveis por mais 02 (dois) anos, desde que devidamente justificado.

Art. 6º Fica assegurado ao donatário o direito de devolução, sem qualquer ônus, no caso de eventual contaminação do solo, que torne a área objeto desta doação impréstitável às construções previstas no artigo 2º desta lei.

Art. 7º As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas, se necessário.

Art. 8º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires, em 31 de julho de 2018 - 304º Ano da Fundação e 64º da Instalação do Município.


ADLER ALFREDO JARDIM TEIXEIRA
Prefeito

Em 31 de julho de 2018, foi entregue a Câmara Municipal, o PL 044/2018 [124]. Projeto que pretendia realizar a doação do terreno do imóvel denominado Moinho Mortari, conhecido popularmente como “Fábrica de Sal”, ao Serviço Social da Indústria - SESI, para a construção de uma unidade de ensino e com a contrapartida do restauro do bem tombado.



GABINETE DO
PREFEITO

**PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA
TURÍSTICA DE RIBEIRÃO PIRES**

124

PROJETO DE LEI Nº 044, DE 31 DE JULHO DE 2018

Dispõe sobre a doação de área de propriedade do Município da Estância Turística de Ribeirão Pires ao Serviço Social da Indústria - SESI, e dá outras providências.

ADLER ALFREDO JARDIM TEIXEIRA, Prefeito do Município da Estância Turística de Ribeirão Pires, no uso das atribuições que lhe são conferidas por Lei, faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Município autorizado a proceder à doação da área de sua propriedade, inscrita no Oficial de Registro de Imóveis e Anexos da Comarca de Ribeirão Pires na Matrícula nº 34.997, conforme descrição abaixo, independente de concorrência pública, ao Serviço Social da Indústria - SESI, nos termos do artigo 66, inciso I da Lei Orgânica do Município:

“Um terreno com área total de 12.000 metros quadrados, imóvel denominado Moinho Mortari, situado nesta Cidade e Comarca de Ribeirão Pires, confinando pela frente com a Avenida Coronel Saladino Cardoso Franco, pelos fundos com a Linha de Santos da São Paulo Railway, por um lado com terrenos do espólio Pereira Figueiredo, e com uma rua que nele termina, existindo no mesmo terreno uma construção de 1.500 metros quadrados, para fins industriais e três casas para empregados.”

Parágrafo único. Fica desafetada a área descrita neste artigo.

Art. 2º A doação autorizada por esta Lei será feita ao Serviço Social da Indústria - SESI para construção de complexo educacional ou social ou esportivo ou cultural, de acordo com o Estudo de Viabilidade aprovado pelo CONDEPHAAT e pela Prefeitura Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires e para restauração do edifício da Fábrica de Sal.

Art. 3º Fica assegurado ao doador o direito de fiscalizar o cumprimento das obrigações instituídas por esta Lei e pelo instrumento de doação, que deverá estabelecer as obrigações de ambas as partes, em especial a contida no artigo 66, § 2º da Lei Complementar Municipal nº 001/1990.

Art. 4º O Município deverá entregar o terreno ao donatário com toda infraestrutura de água, esgoto e águas pluviais.

Art. 5º A responsabilidade pela aprovação de qualquer projeto de edificação, junto aos órgãos públicos, assim como a edificação, correrão por conta exclusiva do donatário.

§ 1º O donatário terá o prazo de 12 (doze) meses para iniciar a construção, a contar do registro da escritura no Registro de Imóveis e desde que atendidas as condições de infraestrutura para tal fim.

PL 044/2018

Na Sessão do dia 20 de setembro, pouco mais de 06 meses após a publicação do tombamento pelo CONDEPHAAT, a Câmara aprovou o PL 044/2018.

Com a aprovação do projeto, o problema de localização para nova unidade do SESI seria resolvido, contudo surgem outras questões como o destino da Biblioteca Olavo Bilac e dos alunos da escola que ali se encontra, que não seriam contemplados com vagas na nova construção. Para onde eles iriam? Como seria feita a gestão da Fábrica de Sal?

Diante da ausência de consulta à população sobre o destino do patrimônio cultural, de caráter afetivo, a doação de bem público à entidade privada, a responsabilidade sobre os alunos da escola fundamental e sobre o funcionamento da biblioteca que seria desativada ao final do ano letivo, um grupo de cidadãos encaminhou uma representação ao Ministério Público.

DOS PEDIDOS

125

Diante do exposto, nos termos do art. 129, inc. II, requer-se:

- D) Liminar suspendendo os efeitos imediatos da Lei 044/2018, de autoria do Poder Executivo Municipal de Ribeirão Pires, aprovada pela Câmara Municipal no dia 20 de setembro de 2018, que autoriza a doação. Evoca-se o pressuposto de *periculum in mora*, haja vista a proximidade do final do período letivo, em que o donatário poderá iniciar as obras, autorizadas pela outorga da referida Lei, causando prejuízo irreparável;
- II) O impedimento da concessão do imóvel à iniciativa privada, mantendo-se toda a propriedade e os serviços ali em funcionamento em poder e responsabilidade da Prefeitura Municipal de Ribeirão Pires, garantindo-se assim o disposto no Decreto Estadual 13.426/1979, art. 134, § 3º, bem como garantindo o acesso das crianças ao ensino público, gratuito e próximo da área de residência, conforme disposto no ECA, Lei. 8.069/1990, art. 54, inc. VII, § 1º ao 3º;
- III) Responsabilização da Prefeitura Municipal de Ribeirão Pires, proprietária do imóvel, pela recuperação, restauro, conservação e manutenção do edifício da Fábrica de Sal, em conformidade com o previsto no Decreto Estadual nº 13.426/1979 – que a impede de alienar a propriedade a qualquer parte que não seja outra esfera do Poder Público – bem como pela ampla consulta à população sobre a destinação do imóvel.



“Se há dinheiro para reformar o Gabinete, também há dinheiro para dar prioridade à um espaço para a Biblioteca Municipal”

Estudantes de Ribeirão Pires cobram reabertura da Biblioteca Municipal

Terça-feira, 10 de Setembro de 2019

Cidade

Sede da Biblioteca foi doada ao Sesi e Prefeitura não instala o equipamento em um novo espaço

Folha 7

126

Vence o prazo para que a Prefeitura cancele a doação da área da Fábrica de Sal

Ministério Público aponta que doação da área para o Sesi feriu a legislação e causou danos para a sociedade



Prédio é tombado pelo Patrimônio Histórico e não poderia ser doado

A 2ª Promotoria de Justiça de Ribeirão Pires indicou ao prefeito de Ribeirão Pires, Kiko Teixeira (PSB), o cancelamento do processo de doação da área onde se encontra a Fábrica de Sal para a Fiesp, mantenedora do Sesi.

Em setembro do ano passado, o prefeito enviou o projeto de lei à Câmara de Vereadores que aprovou a doação e transferiu à iniciativa privada o terreno de 12 mil metros onde funcionava a Biblioteca Municipal, a escola Professora Lavinia Figueiredo Arnoni e o prédio histórico da Fábrica de Sal.

A medida está sendo questionada pela Justiça que recomendou ao prefeito, em 4 de setembro deste ano, o cancelamento da medida. O Paço teria 30 dias para enviar para a Câmara de Vereadores a anulação da lei, e se voltasse promover a doação, se atentasse a legislação vigente.

No relatório assinado pela Procuradora Paula de Figueiredo Silva, o processo que envolve a

transferência da área, avaliada em mais de R\$ 9 milhões, possui inúmeras irregularidades, entre elas, a ausência de concorrência pública, omissão quanto à inalienação de bens e a violação do interesse público.

"Ainda violou o interesse público, ao abdicar de bem imóvel de alto valor integrante do patrimônio municipal e promover o fechamento de uma escola pública e da única biblioteca pública da cidade", alerta o relatório.

Ainda segundo o documento do Ministério Público (MP), "as contrapartidas a essas restrições seriam a criação de serviço educacional privado - o que limita o uso do imóvel a parcela restrita da população - e a restauração do edifício histórico, que pelo teor da doação, já passaria ao patrimônio privado e cujo gasto não apresenta estimativas corretas, medida essa imprescindível à avaliação da proporcionalidade e razoabilidade do ato administrativo".

O MP alerta que a medida proposta pela Prefeitura e aprovada pelos vereadores da Estância, ferem os princípios constitucionais da administração pública, em especial os da impessoalidade, legalidade e moralidade, redundando na declaração de nulidade do ato, e responsabilidades, como ato de improbidade administrativa e crime previsto na lei que institui normas para licitações e contratos da Administração Pública, onde a pena pode chegar a 5 anos de detenção e multa.

Diante dos fatos, o MP recomendou a anulação do ato de doação. O prazo expirou em 04 de outubro.

A Prefeitura de Ribeirão Pires não comentou o caso e nem se irá cumprir a recomendação. Nenhuma legislação revogando a doação tramita na Câmara de Vereadores de Ribeirão Pires.

Caso o Paço se omita sobre o proposto pela Promotoria, uma Ação Civil Pública poderá ser proposta.

Sexta-feira, 08 de Novembro de 2019

Cidade

Folha 7

128

Futuro da Fábrica de Sal volta a ser incerto após doação para o Sesi ser cancelada

Proposta pelo prefeito Kiko e aprovada pela Câmara de Vereadores, doação de área para o Sesi era ilegal



Fábrica de Sal está novamente com o futuro incerto

A Prefeitura de Ribeirão Pires e a Câmara de Ribeirão Pires doaram ao Sesi em setembro de 2018 uma área de 12 mil metros, onde seria construída uma nova escola da entidade patronal, e em contrapartida, o braço educacional da Fiesp promoveria a restauração do prédio histórico da Fábrica de Sal.

Desde o início das discussões, especialistas alertavam que a doação do espaço era ilegal, devido ao prédio popularmente denominado Fábrica de Sal ser tombado pelo Condephaat através da Resolução 15/2018, inviabilizando qualquer transferência do bem público para a iniciativa privada. Apesar dos alertas, apenas o vereador Anselmo Martins (PR) foi contrário a doação.

Além da questão histórica, populares e técnicos alertavam para a retirada da Biblioteca e da Escola Municipal que funciona no espaço.

Diante da polêmica, a doação não foi concretizada em razão

da instauração de Inquérito Civil junto à Promotoria de Justiça local, que em setembro deste ano entregou recomendação ao município sobre a ilegalidade da doação. Como resultado, foi concedido à Prefeitura o prazo de 30 dias para apresentação de uma proposta de TAC (Termo de Ajustamento de Conduta).

No relatório assinado pela procuradora Paula de Figueiredo Silva, é dito que a transferência possui inúmeras irregularidades, entre elas, a ausência de concorrência pública, omissão quanto à inalienação de bens e a violação do interesse público.

"Ainda violou o interesse público, ao abdicar de bem imóvel de alto valor integrante do patrimônio municipal e promover o fechamento de uma escola pública e da única biblioteca pública da cidade", alerta o relatório.

A Prefeitura de Ribeirão Pires chegou a apresentar ao Judiciário alternativas: Ofício ao governador, solicitando a revi-

são de decreto estadual que trata do tombamento (nº 13.426, de 1979) e reunião junto ao Sesi, apresentando alternativas para a concretização da doação. Como alternativa, a Prefeitura apresentou ao Sesi proposta para o desdobro da área onde está situada a Fábrica de Sal.

O patrimônio histórico permaneceria, nessa nova proposta, sob o domínio da Prefeitura. O restante da área seria destinada ao Sesi (cerca de 9 mil metros).

Segundo a Prefeitura, a proposta, entretanto, não foi aceita pelo Sesi, que justificou que em reunião com seu Conselho Deliberativo, concluiu que não seria possível aceitar o imóvel dessa forma, pois não poderiam, nessa proposta, realizar investimentos em bem público.

Por essa razão, a Prefeitura irá solicitar a revogação da lei que autorizou a doação de área ao Sesi, medida comunicada à Promotoria de Justiça da cidade.



créditos das imagens

- 01-Imagem aérea da área central da cidade, 2018. Google Earth.
- 02-Projeto de Lei 004/2016. Documentos Públicos da Câmara Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires.
- 03- Ofício do CONDEPHAAT, notificando o início do processo de Tombamento do Moinho Fratelli Maciotta, 2016. Documentos Públicos da Câmara Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires.
- 04-Registros de atividades da Ocupação Cultural do Coletivo Sal da Terra na “Fábrica de Sal”, 2016. Fotos da autora.
- 05-Entrada de Victor Emmanuel II no Palácio Madama, em Turin, 1860, autor desconhecido.
- 06-The Battle of Melazzo - Third Italian War of Independence and Italian Unification on 25 July 1860 at Melazzo, Sicily, Italy. Hulton Archive/Getty Images.
- 07-Ilustrações sobre a Revolução industrial , sem data.
- 08-Ilustrações sobre a Revolução industrial , sem data.
- 09-Província de Quitengo, Italia, 2018.
- 10-Capa do Diário Popular do dia 16 de novembro de 1889 noticiando a proclamação da República. Arquivo Nacional.
- 11-Imigrantes em fazenda de café no interior.Sem data
- 12-Lei de Terras - Lei n. 601 de 18 de setembro de 1850.Coleção de Leis e Decretos - Câmara Legislativa Brasileira.
- 13-Província de Biella, c.1900.
- 14-O viaduto da Serra, Harper's Weekly, Vol. 12, nº 623, 05 de dezembro de 1868.
- 15-Operários em construção de via férrea - São Paulo Railway, sem data. Foto de arquivo ABPF
- 16-O gradil da atual Estação da Luz remete ao nome original do complexo: São Paulo Railway, 2014
- 17-Estação de Ribeirão Pires - Construída em 1900- 9dec. 1940) Arquivo CATP/PMETRP
- 18-Imigrantes italianos na Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, Brasil, 1890. Arquivos dos Museu da Imigração
- 19-3º patamar e, ao fundo, o 4º plano inclinado, em direção a Paranapiacaba, 1865 Foto: Militão Augusto de Azevedo
- 20-2º funicular - observar, à esquerda, a forte contenção do terreno, sem data

créditos das imagens

- 21-Imigrantes em fazenda de café no interior de São Paulo.Sem data
- 22-Cartaz com anúncio convidando os italianos a emigrarem para o Brasil. Sem data.
- 23-Capa do Diário Popular do dia 16 de novembro de 1889 noticiando a proclamação da República. Arquivo Nacional.
- 24-Núcleo Colonial(1887), sem data, sem autor. Acervo Museu da Imigração do Estado de São Paulo.
- 25-Planta da Sede do Núcleo Ribeirão Pires. 1890 . Autor: Antônio Raphael de Almeida.Acervo Museu da Imigração do Estado de São Paulo.
- 26- Rua do Comércio atravessada pela linha da SPR. Ao fundo galpão de cargas da primeira estação de trem da cidade, sem data. Acervo CATP/PMETRP
- 27-Família Maciotta na casa junto ao Moinho em Ribeirão Pires, sem data - Coleção: Documentos da Família Maciotta - Digitalização CATP/PMETRP
- 28-Termo de abertura da Fratelli Maciotta e C. Itália, 1891.
Acervo Textual Privado Coleção: Documentos da Família Maciotta - CATP/PMETRP
- 29-Cortes e Vistas com assinatura F.M. (Frederico Maciotta ou Fratelli Maciotta) em 1º de Janeiro de 1898 Coleção: Documentos da Família Maciotta - Digitalização CATP/PMETRP
- 30-Escritura de compra das terras do Sr. Malerba pelos irmãos Maciotta, Brasil, 1897.
Acervo Textual Privado. Coleção: Documentos da Família Maciotta - CATP/PMETRP.
- 31-Relação do terreno do moinho Fratelli Maciotta em Ribeirão Pires, Brasil, 1897.
Acervo Textual Privado. Coleção: Documentos da Família Maciotta - CATP/PMETRP
- 32-Moendas de cilindro inventadas pelo engenheiro húngaro Andrew Mechwart, fabricadas pela Ganz & Co. Substituíram as moendas de pedra e ofereciam uma melhor produção, já que moia e purificava o trigo ao mesmo tempo. O moinho Fratelli Maciotta é um dos primeiros, senão o pioneiro, a trazer essa tecnologia moageira para o Estado de São Paulo. Fonte: Uma família,um moinho, uma cidade Cadernos de Estudo do CATP/PMETRP (2016)
- 33-Planta com assinatura F.M. (Frederico Maciotta ou Fratelli Maciotta) em 1º de Janeiro de 1898 Coleção: Documentos da Família Maciotta - Digitalização CATP/PMETRP - Original em fac-símile.
- 34-Criação do Distrito de Paz de Ribeirão Pires, sem data, sem autor.Acervo Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

créditos das imagens

- 35-Inauguração da linha “Bom Retiro”, a segunda da Light na Capital,1900. Foto de Guilherme Gaensly. Acervo Fundação Energia e Saneamento
- 36-Estação da Luz, c. 1900, Guilherme Gaensly. Acervo: Pinacoteca do Estado
- 37-Inaugurado em 1900, posto da Estação de Trem de Ribeirão Pires, com viagens para passageiros, sem data.
- 38-Notícia sobre a assinatura do Convênio de Taubaté, 1906. Acervo O Estado de São Paulo.
- 39-Anúncio na Revista Industrial- Moinho Matarazzo, inaugurado em 1900, sem data.
- 40-Mapa ilustrativo da distribuição da Cultura do Café em 1901 no estado de São Paulo. Acervo do Museu Paulista da USP
- 41-Moinho Matarazzo, inaugurado em 1900, sem data.
- 42-I Guerra Mundial . Jornal O Paiz (RJ). Ano 1914/Edição 10891. Acervo Fundação Biblioteca Nacional
- 43-Trecho inicial do Contrato de aluguel do Moinho Fratelli Maciotta para o Sr. Pinotti Gamba,Brasil, 1910. Acervo Textual Privado. Coleção: Documentos da Família Maciotta - CATP/PMETRP.
- 44-Família e amigos na casa da Rua Olimpia Catta Preta em Ribeirão Pires, 1915/16.Acervo Textual Privado. Coleção: Documentos da Família Maciotta - CATP/PMETRP.
- 45-Declarada a falência da firma Fratelli Maciotta CO, Frederico volta a prestar serviços como engenheiro no centro de São Paulo na Rua XV de Novembro, nº 45.
- 46-Imagem de Palaride Mortari que associado ao irmão Giuseppe a arrematou o Moinho Fratelli Maciotta. CATP/ PMETRP.
- 47-Moinho Mortari (sem data) Arquivo CATP/PMETRP
- 48- Olaria na Vila Mortari, sem data, in: “Reminiscencias de Ribeirão Pires”, Americo Del Corto
- 49-Notícia da entrada do Brasil na guerra, 1917, Jornal “A Epoca”. nº 1932.
- 50-Trabalhadores parados na fábrica têxtil Cotonifício Crespi na Mooca, em São Paulo na Greve Geral, 1917.ARQUIVO EDGAR LEUENROTH | UNICAMP.
- 51-Notícia publicada pelo jornal santista “A Tribuna” a respeito da Quebra da Bolsa de New York, 1929.
- 52-Notícias sobre a queima do café no jornal “Folha da Manhã”, 1931.
- 53-Getúlio Vargas, com outros líderes da Revolução de 1930, em Itararé-SP, logo após a derrubada de Washington Luís. Autor : Claro Janssen.

créditos das imagens

- 54- Cartaz convocando os paulistas às armas, 1932.
- 55-Depoimento de Archangela Manno sobre a Cruz Azul. "Diário do Grande ABC", 1982 - Acervo do CATP/PMETRP.
- 56-Decreto nº 5669/32. - Cria o Departamento de Pólvora de Guerra.
- 57-Queima de bandeiras no Rio de Janeiro, durante o Estado Novo, 1937.
- 58-Início da II Guerra Mundial. Wieluń, Polônia, após os ataques aéreos de 1939. Museu Ziemi Wielunskiej
- 59-Operária de tecelagem anos 20. Acervo Bunge.
- 60-Cartaz sobre a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, 1943
- 61-Operárias em lanifício, sem data.
- 62-Centro de Ribeirão Pires, Rua do Comércio e travessia de nível da ferrovia, sem data. Acervo do CATP/PMETRP.
- 63-Comp. Tecelagem de Seda Villa de S. Bernardo, factura relativa ao pagamento de férias de funcionários da tecelagem. Documento impresso com anotações à tinta, 1938. Coleção Elexina e Vicente D'Angelo
- 64-Em anúncio típico da década de 1950, vê-se a marca do produto anunciada como Adubos Camponês, o mesmo que era fabricado em Ribeirão Pires. Acervo do CATP/PMETRP.
- 65-Diário Oficial do Estado de São Paulo, de 18/08/1967 mostra anúncio no caderno do Poder Executivo que aplica multa sobre a Fábrica de Adubos. Note-se que o ano é 1967 e a indústria consta estabelecimento em Ribeirão Pires.
- 66-Campo de concentração de Auschwitz, 1945.Fonte:REUTERS/AFP
- 67-Beijo em plena Times Square de Nova York, na comemoração do fim da Segunda Guerra Mundial em 1945. Fotografia Alfred Eisenstaedt.
- 68-Getúlio proclama o Estado Novo em cadeia nacional de rádio, 1937.
- 69-"Acabou a guerra!". A manchete da edição extra do jornal brasileiro "Diário da Noite". 1945
- 70-O programa "Repórter Esso" foi ao ar pela primeira vez às 12h55m do dia 28 de agosto de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.
- 71-Vista da Chaminé da fábrica por trás das casas da Vila Mortari, sem data.
- 72-O jornal "Correio da Manhã" publicou a manchete 'Creado o Departamento de Imprensa e Propaganda',1939.Acervo da Biblioteca Nacional.
- 73-Prisioneiros libertados pelos soviéticos em 27 de janeiro de 1945. Auschwitz Memorial and Museum

créditos das imagens

- 74-Sacarias de sal, 2018.
- 75-Placa na parede da fábrica de sal, 2003. Acervo do CATP/PMETRP.
- 76-Edifício abandonado, 2003. Acervo do CATP/PMETRP.
- 77-Emancipação de Ribeirão Pires – Folha de Mauá, 1953.
- 78-Getúlio assume a Presidência – Jornal de Notícias, 1951.
- 79-Vista aérea da Matriz de S. José e ao fundo a Fábrica de Sal, sem data.
- 80-Igreja Matriz de S. José Construída em 1954.
- 81-Estudantes participando da campanha “O petróleo é nosso”, 1953.
- 82-Estação de Ribeirão Pires, sem data. Acervo do CATP/PMETRP.
- 83-Suicídio do então presidente Getúlio Vargas – Jornal Última Hora, 1954.
- 84-Diploma de Presidente da República de Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1956.
- 85-Fábrica de Sal, sem data. Arquivo CATP/PMETRP.
- 86-Procissão na Av. Santo André, ao fundo a Fábrica de Sal, sem data. Arquivo CATP/PMETRP.
- 87- Av. Santo André. Ao fundo a Fábrica de Sal, década de 50. Arquivo CATP/PMETRP.
- 88-Linha de montagem da Kombi na Volkswagen, 1958
- 89-Curso de corte e costura da Congregação das Filhas de São José, 1957.
- 90-Construção do Palácio da Alvorada, 1958
- 91-Nascia o primeiro Mercedes nacional, 1956.
- 92-Passeata de apoio aos militares. – Jornal do Brasil, 1964.
- 93-Notícias do Golpe de 64. Folha de São Paulo, 1964.
- 94-Sequência do desmonte do morro Sto. Antônio, 1975.
- 95-Capela de Santo Antônio, localizada no topo do morro Sto. Antônio, edificada em 1942, sem data.
- 96-Prefeito Valdério Prisco inaugura a placa do encerramento das obras do Desmonte do Morro de Sto. Antônio, 1975.
- 97-Notícias sobre o AI-5 Jornal da Última Hora, 1968.
- 98-Movimento Diretas Já, Comício da Sé, 1984.
- 99-Chaminé da Fábrica de Sal, anos 90. Acervo CATP/PMETRP.
- 100-Notícias sobre possíveis eleições, Jornal O Povo, 1984.
- 101-Parede externa da fábrica de sal, abandono na década de 90. Acervo CATP/PMETRP.
- 102-Idem.
- 103-Idem.
- 104-Idem.
- 105-Comício pelas Diretas Já. Rio de Janeiro, 1984.

créditos das imagens

- 106- Imagem do abandono da Fábrica de Sal (1995-2001). Acervo do CATP/PMETRP.
- 107-Idem.
- 108-Foto do Sal Refinado Rodolpho Valentino fabricado pela C. Cotellessa, 2003. Arquivos do CATP.
- 109-Idem, 107.
- 110-Idem.
- 111-Idem.
- 112-Imagem das bandeiras dos EUA x URSS. Guerra Fria. (1945-1991)
- 113-Foto do Sal Refinado Rodolpho Valentino fabricado pela C. Cotellessa, 2003. Arquivos do CATP.
- 114-Ilustração da autora, 2018.
- 115-Cartaz do filme “The Eagle”, 1925.
- 116- Estudos do projeto de recuperação do edifício Moinho di Semole Fratelli Macciota, 2001.
- 117-Vista da entrada do edifício Dom Helder Câmara, 2004. Arquivos do CATP.
- 118-Escola Municipal Lavínia Arnoni Figueiredo, em homenagem à primeira professora da cidade. A árvore plantada por Américo Constâncio (1º funcionário da C. Cotellessa) para sua filha Antônia Constâncio brincar, foi preservada e faz parte da escola, 2004. Arquivos do CATP.
- 119-Edifício Sérgio Tank, inaugurado como sede da Secretaria de Educação e atualmente o prédio da Biblioteca Olavo Bilac, 2004. Arquivos do CATP.
- 120-Edifício interditado, 2016. Imagem da autora.
- 121-Edifício abandonado antes das obras de reconversão de uso, 2003. Arquivos do CATP.
- 122-Resolução SC-15 de 26/02/2018. DOSP.
- 123-Mapa I: Perímetro de Tombamento- Anexo da Resolução SC-15 de 26/02/2018.DOSP.
- 124-Projeto de Lei nº 044/2018.Documentos Públicos da Câmara Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires.
- 125-Trecho de representação de munícipes ao Ministério Público sobre o Pl 044/2018.
- 126- “Estudantes de Ribeirão Pires cobram a reabertura da Biblioteca Municipal”, Folha de Ribeirão Pires, 10 de Setembro de 2019.
- 127-”Vence o prazo para que a prefeitura cancele a doação da área da Fábrica de Sal”Folha de Ribeirão Pires, 18 de Outubro de 2019.
- 128- “Futuro da Fábrica de Sal volta a ser incerto após doação para o SESI ser cancelada”Folha de Ribeirão Pires, 8 de Novembro de 2019.

bibliografia

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi, Depto. Linguística UNICAMP. I Seminário Internacional de Educação de Campinas. Revista Brasileira de Educação. Jul/2001.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BUZZATI, Dino. Poema em Quadrinhos. 1ª Ed São Paulo. Cosac & Naify, 2010
- Decreto Imperial nº 1759, de 26 de abril de 1856
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1759-26-abril-1856-571236-publicacaooriginal-94323-pe.html>
- Documentos de interesse público fornecidos pela Câmara Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires, 2016-2018.
- DUARTE, Marcilio de Castro. “Diretriz de Tombamento do Moinho Fratelli Maciotta” Ribeirão Pires. Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio – CATP/SECULT/PMETRP, 2015.
- DUARTE, Marcilio de Castro. “Uma família, um moinho, uma cidade: Notas sobre o Moinho Fratelli Maciotta em Ribeirão Pires” Cadernos de Estudo do Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio – CATP/SECULT/PMETRP, mar. 2016.
- EISNER, Will. O Edifício. Editora Abril. São Paulo, 1989.

bibliografia

- ELIADE, Mircea, 1907 1986. O sagrado e o profano / Mircea Eliade ; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREITAS, Pedro Murilo. A história da cidade como instrumento de projeto e intervenção: o núcleo colonial de Ribeirão Pires, um estudo de caso. Revista CPC, São Paulo, n. 6, p. 69-101, maio/outubro 2008.
- GERGHI, Luciana P.P. Sobreposições de arquiteturas como forma de intervir no espaço consolidado. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie. São Paulo: 2012.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. [Bauen, Wohnen, Denken] Trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954.
- HOWARD, Pamela. "O que é Cenografia?". Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015
- JEUDY, Henri-Pierre. Espelho das cidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck. "Espaço e Teatro: do edifício teatral à cidade como palco". Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a Arquitetura. "O Fenômeno do Lugar - Norberg-Schulz ". São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius Loci - Towards a phenomenology of architecture. London: Academy Editions, 1980.
- NUMA-DENYS, Fustel de Coulanges. "A Cidade Antiga". Tradução: Frederico Ozanam Pessoa de Barros. EDAMERIS, São Paulo, 1961.

bibliografia

- PAIVA, Marcelo de. Fábrica de Sal. Patrimônio cultural e disputa pelo espaço público. Minha Cidade, São Paulo, ano 16, n. 188.03, Vitruvius, mar. 2016
<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/16.188/5965>>
- PASSARELLI, Silvia Helena Facciolla. Proteção da Paisagem ferroviária: memória e identidade do bairro Estação São Bernardo (atual Santo André, SP). São Paulo, 2005 Tese de Doutorado.
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-06012006-205757/pt-br.php>>
- PERRONE, Rafael Antonio Cunha. Fábrica de Sal. Conversão do antigo edifício fabril no Centro Educacional de Ribeirão Pires. Projetos, São Paulo, ano 16, n. 183.05, Vitruvius, mar. 2016
<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/16.183/5972>>.
- PMETRP, Secretaria de Educação. “Revitalização do Patrimônio e Integração da Cidade”. Ribeirão Pires, 2004.
- SANTOS, Cecília Rodrigues dos; LAGE, Claudia; SECCO, Gustavo. São Paulo Railway 150 anos. Patrimônio industrial ferroviário ameaçado. Arquitextos, São Paulo, ano 17, n. 201.05, Vitruvius, fev. 2017
<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6435>>.
- SANTOS, Wanderley dos. História de Ribeirão Pires. CDH-Centro de Documentação Histórica. Digitalização 11 de fevereiro de 2016. Ribeirão Pires.
- VILELA, Erika Soares Carvalho. Cidade e Território: a trajetória profissional de Adolpho Augusto Pinto em São Paulo (1880 - 1924). Campinas: PUC-Campinas, 2018. Dissertação de Mestrado.

bibliografia

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Câmara Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires.

CATP – Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio.

CDH–Centro de Documentação Histórica.

CONDEPHAAT –Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico,
Artístico e Turístico.

DOSP – Diário Oficial do Estado de São Paulo.

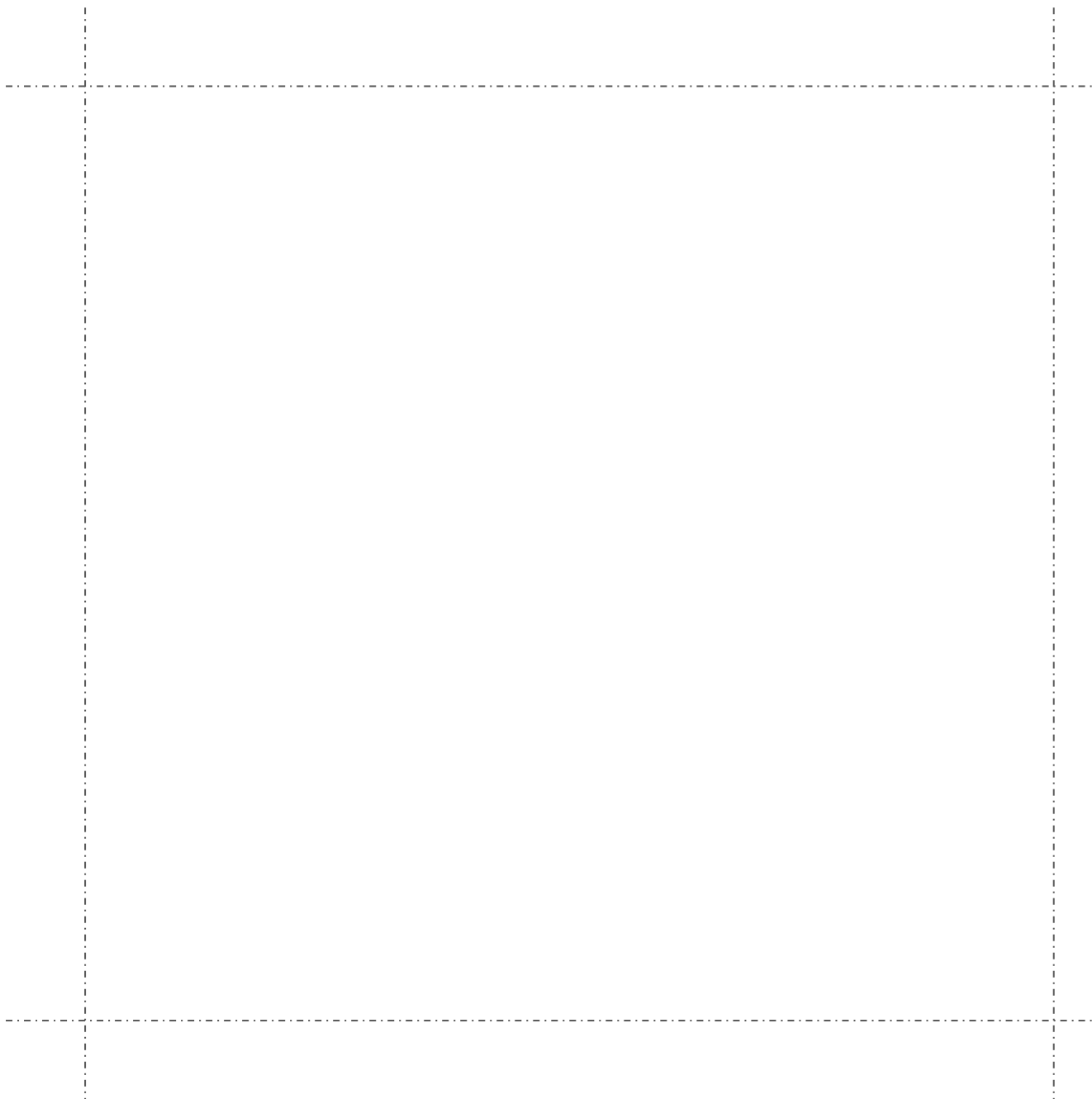
EMPLASA – Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano.

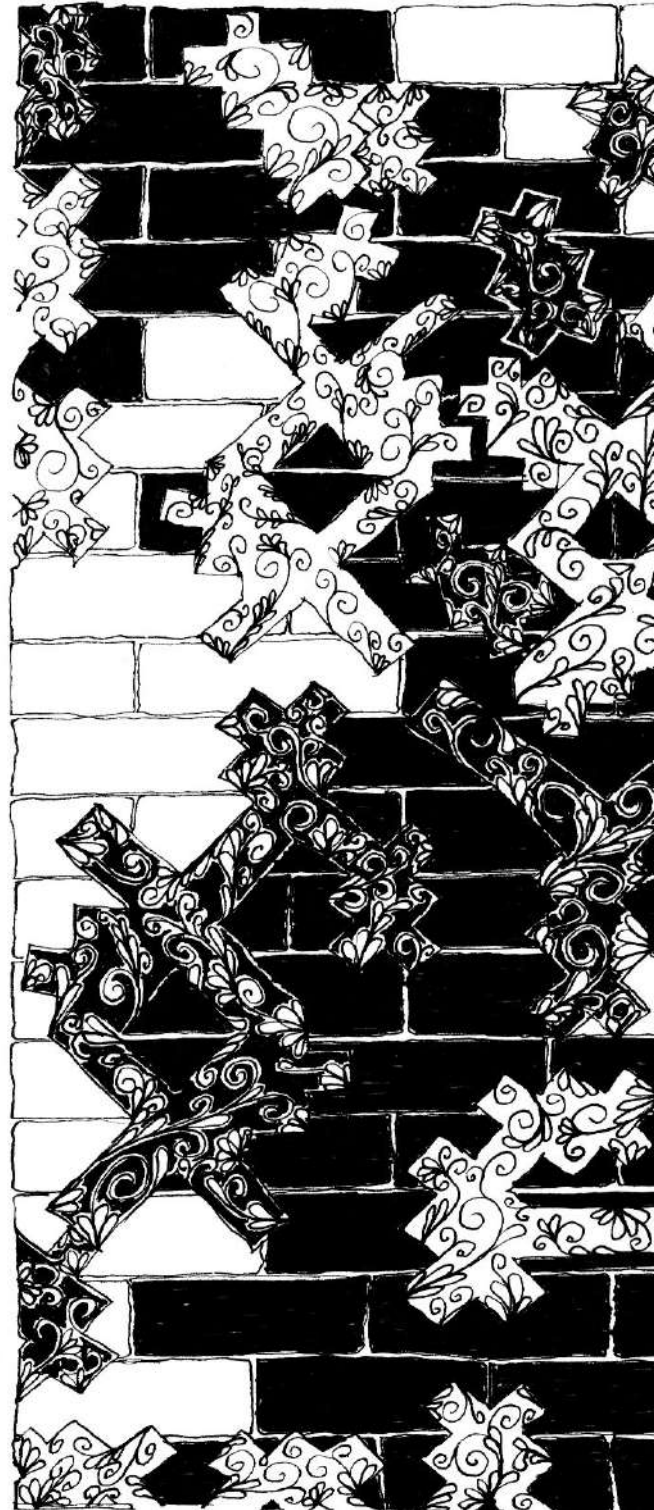
Fundação Biblioteca Nacional.

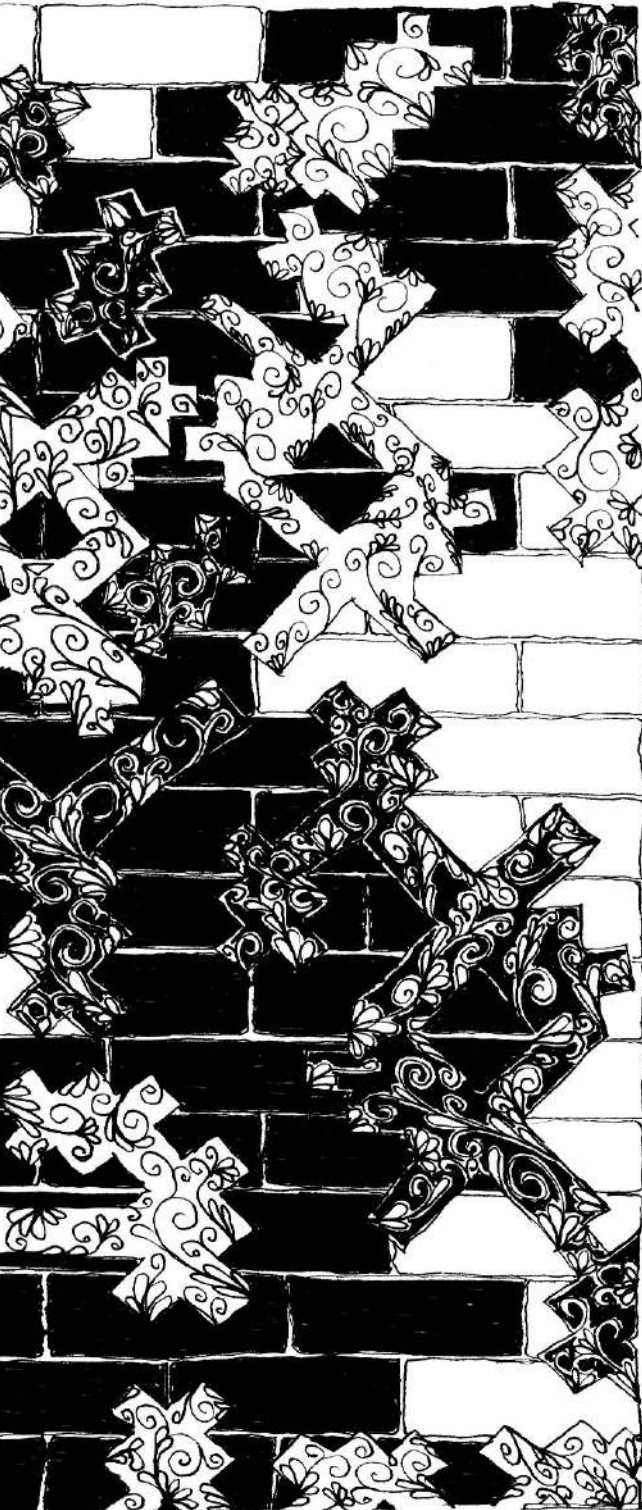
IMS- Instituto Moreira Salles.

Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

PMETRP – Prefeitura Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires.







Felizmente, o passado nunca morre por completo para o homem. O homem pode esquecê-lo, mas continua sempre a guardá-lo em seu íntimo, pois o seu estado em determinada época é produto e resumo de todas as épocas anteriores. Se ele descer à sua alma, poderá encontrar e distinguir nela as diferentes épocas pelo que cada uma deixou gravada em si mesmo.

Fustel de Coulanges
“A Cidade Antiga”

